



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM AMBIENTE, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

DANIELE BELMONT DE FARIAS CAVALCANTI

**CIÊNCIAS AMBIENTAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: ESTUDO
BIBLIOMÉTRICO DE TESES EM PROGRAMAS 6 E 7.**

MOSSORÓ

2018.1

DANIELE BELMONT DE FARIAS CAVALCANTI

**CIÊNCIAS AMBIENTAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: ESTUDO
BIBLIOMÉTRICO DE TESES EM PROGRAMAS 6 E 7.**

Dissertação apresentada ao mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e sustentabilidade de organizações e comunidades no semiárido.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Lilian Caporlândia Giesta Cabral.

MOSSORÓ

2018

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

C376c Cavalcanti, Daniele Belmont de Farias.
Ciências Ambientais e Interdisciplinaridade:
estudo bibliométrico em teses de programas 6 e 7
/ Daniele Belmont de Farias Cavalcanti. - 2018.
123 f. : il.

Orientador: Lilian Caporlingua Giesta Cabral.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em
Ambiente, Tecnologia e Sociedade, 2018.

1. Ciências Ambientais. 2.
Interdisciplinaridade. 3. Bibliometria. I.
Cabral, Lilian Caporlingua Giesta, orient. II.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

DANIELE BELMONT DE FARIAS CAVALCANTI

**CIÊNCIAS AMBIENTAIS E INTERDISCIPLINARIDADE: ESTUDO
BIBLIOMÉTRICO DE TESES EM PROGRAMAS 6 E 7**

Dissertação apresentada ao mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e sustentabilidade de organizações e comunidades no semiárido

RESUMO

A Área de Ciências Ambientais (CiAmb) na CAPES foi criada em 2011, como resposta para a complexidade dos problemas ambientais, face à indissociabilidade entre sistemas antrópicos e naturais, por isso constitui um campo de pesquisa aglutinador de inúmeras disciplinas que tem na Interdisciplinaridade o significado da sua existência. Foi a partir dessa discussão que nasceu a motivação para realização dessa pesquisa: as teses defendidas em Programas de Pós-graduação inseridos na subárea CiAmb apresentam as características interdisciplinares previstas no Documento da Área? Desse questionamento nasceu o objetivo geral dessa pesquisa: analisar a Interdisciplinaridade nas teses dos programas CAPES 6 e 7 defendidas entre 2011 a 2017, considerando as características descritas no “Documento da Área: Ciências Ambientais”. Esse trabalho fez uso dos métodos bibliométricos e cientométricos para a análise da interdisciplinaridade e criação dos indicadores bibliométricos e de Interdisciplinaridade. Os dados coletados nos resumos das 322 teses foram organizados e tabulados no software MS Office Excel 2007, a fim de subsidiar a análise descritiva e no programa *Word Cloud Generator* para criação da nuvem de palavras. Os resultados demonstraram que os aspectos de Interdisciplinaridade para a formação da equipe, temas e integração ambiental, social e tecnológico, exigidos para a área de Ciências Ambientais, estão presentes nas teses dos programas de pós-graduação CAPES 6 e 7, apesar de certa concentração dos temas e formações de egressos, orientadores e coorientadores em determinadas instituições, bem como as teses devem contemplar mais o uso das tecnologias em suas pesquisas, para melhorar o indicador interdisciplinar de integração ambiente-social-tecnologia. Esse trabalho teve como contribuição fornecer subsídios para a gestão mais eficiente dos programas CAPES 6 e 7, como também veio colaborar para que outros programas inseridos na CiAmb tenham desempenho semelhante a esses programas no que tange a avaliação das características interdisciplinares, à medida que constatou existir uma evidente interdisciplinaridade nas teses da área de Ciências Ambientais, aspecto fundamental e base sobre a qual essa área foi alicerçada, bem como identificou algumas oportunidades de melhorias em alguns aspectos como desenvolvimento de pesquisas que integrem mais as questões tecnológicas, de forma a assegurar que os objetivos que deram origem a área de Ciências Ambientais estão sendo alcançados na plenitude e de forma excelente.

Palavras-chave: Ciências Ambientais. Interdisciplinaridade. Bibliometria.

ABSTRACT

The Environmental Sciences Department (CIAmb) in CAPES was created in 2011, in response to a question of environmental difficulty, due to the indissociability between anthropic and natural systems, so it is a multidisciplinary field of research that has interdisciplinarity and meaning of its existence. A discussion was started that emerged once the research presents the interdisciplinary perspectives foreseen in the Area Document? The questionnaire was introduced in the year 2017, considering the characteristics described in the Document of the Area: Environmental Sciences. This work is used methods of scientific methods and methods for an analysis of interdisciplinarity and creating the indicators of medical instruments and interdisciplinarity. The data were collected in the databases in 2000 and were not organized in MS Office Excel 2007, with the purpose of subsidizing a descriptive analysis and a Word Cloud Generator program for creating the word cloud. The results are demonstrated in an interdisciplinary way for the formation of a series of environmental, social and technological topics, required for a science area, and are present in the CAPES graduate programs 6 and 7, of a certain concentration of subjects and formations of egresses, mentors and curators in certain institutions, as well as the theses should contemplate more the use of the technologies in their researches, for the better or more interdisciplinary of integration social-social-technology. This work was based on the subsidies for a more efficient management of the CAPES programs 6 and 7, and the old resistance with these programs that included an evaluation of the interdisciplinary characteristics was also collaborated for other programs inserted in the CiAmb. interdisciplinary evidence in the theses of the Environmental Sciences area, as it is fundamental and fundamental about the area of qualifications, as well as identified some opportunities for improvement in some aspects such as the development of research that integrate the most technical issues, The areas that are originated in the area of Environmental Sciences are being reached in full and in an excellent way.

Keywords: Environmental Sciences. Interdisciplinarity. Bibliometry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 OBJETIVO GERAL	7
1.1.1 Objetivos específicos	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 CIÊNCIAS AMBIENTAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO	8
2.2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.....	10
3 INTERDISCIPLINARIDADE: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	15
3.1 A INTERDISCIPLINARIDADE NA ÁREA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS ..	17
4 ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO: BIBLIOMETRIA E CIENCIOMETRIA	20
4.1 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO OBJETO DO ESTUDO MÉTRICO: TESES	23
5 METODOLOGIA	24
5.1 CLASSIFICAÇÃO METODOLÓGICA	24
5.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS	24
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
6.1 INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	32
6.2 INDICADORES DE INTERDISCIPLINARIDADE	36
7 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “TESES”	58
APÊNDICE B – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “FORMAÇÃO DA EQUIPE”	75
APÊNDICE C – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “INTEGRAÇÃO AMBIENTE-SOCIEDADE-TECNOLOGIA”	95
APÊNDICE D – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “PALAVRAS-CHAVE”	106

1 INTRODUÇÃO

Dentro do contexto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Área de Ciências Ambientais (CiAmb) é uma das mais novas, pois sua criação ocorreu apenas em 2011, sendo considerada uma subárea da Grande Área Multidisciplinar.

Ela foi criada como resposta para a complexidade dos problemas ambientais, face à indissociabilidade entre sistemas antrópicos e naturais, visto que envolve a análise de processos biológicos, físicos, químicos, de hidrologia, entre outros, que estão relacionados a problemas econômicos e sociais mediados pela ciência e tecnologia.

Por isso pode-se afirmar que constitui um campo de pesquisa aglutinador de inúmeras disciplinas, implicando em pesquisas interdisciplinares. A pesquisa ambiental revela-se não como um tema novo, mas como a aglutinação de temas antigos já abordados amplamente pelas disciplinas especializadas.

A CAPES ao descrever a interdisciplinaridade dentro dos programas, afirma que, de forma prioritária, a interdisciplinaridade deve estar inserida em todos os seus processos, desde as propostas dos cursos até os projetos de pesquisas. Nesse contexto, observa-se que a interdisciplinaridade é muito mais do que uma marca da CiAmb, pois é a base sobre a qual essa área foi alicerçada, dando significado à sua existência.

Embora o termo “Interdisciplinaridade” não possua uma definição consensual na literatura especializada, o “Documento da Área” apresenta características básicas que os programas inseridos nessa subárea devem possuir. Foi a partir da discussão em torno de tais características que surgiu uma inquietação, que deu origem a motivação para realização dessa pesquisa: as teses defendidas nos Programas de Pós-graduação inseridos na subárea CiAmb apresentam as características interdisciplinares previstas no Documento da Área?

A presente pesquisa fez uso dos métodos bibliométricos e cientométricos para a análise da interdisciplinaridade e criação dos indicadores bibliométricos e de Interdisciplinaridade. Os dados coletados nas teses foram organizados e tabulados no software MS Office Excel 2007 e no programa *Word Cloud Generator* para criação da nuvem de palavras.

A relevância e a contribuição dessa pesquisa residem no fato de que analisar a Interdisciplinaridade das teses dos programas CAPES 6 e 7 fornecerá indicações consistentes de como se encontra esse aspecto fundamental da área de CiAmb, oferecendo subsídios para a elaboração de estratégias com o intuito de efetuar eventuais correções de rumo, caso elas existam. Além disso, a pesquisa busca trazer contribuições também para o campo do Estudo Métrico da Informação, uma vez que se utilizou das técnicas bibliométricas e cientométricas

para gerar indicadores para avaliar cursos de pós-graduação e avaliar sua adequação ao documento da área da CAPES.

Esse trabalho se divide em sete capítulos que estão estruturados da seguinte forma: o capítulo 2 refere-se ao Referencial Teórico que faz uma contextualização sobre a origem das Ciências Ambientais e sua institucionalização no contexto da CAPES. O capítulo 3 apresenta conceitos e características da interdisciplinaridade à luz da literatura sobre o tema e descreve sobre a interdisciplinaridade no contexto das CiAmb. O capítulo 4 se detém aos Estudos Métricos da Informação com enfoque maior na Bibliometria e Cientometria. A metodologia e percursos metodológicos são descritos no capítulo 5 e, finalizando, os capítulos 6 e 7 apresentam os resultados e conclusões.

Diante do exposto, os subtópicos a seguir apresentam os objetivos gerais e específicos.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a Interdisciplinaridade nas teses dos programas CAPES 6 e 7 defendidas entre 2011 a 2017, considerando as características descritas no “Documento da Área: Ciências Ambientais”.

1.1.1 Objetivos específicos

- Mapear as produções científicas com técnicas bibliométricas;
- Constatar nos resumos das teses se há integração ambiental, social e tecnológica;
- Verificar com base nas informações originadas nas teses analisadas e buscas nos CV lattes, se os egressos possuem formações diversificadas e de campos disciplinares diferenciados;
- Identificar se corpo docente que orientou e coorientou as teses contempla formação em diversas áreas do conhecimento; e
- Analisar se existe interdisciplinaridade entre as formações do autor, orientador e coorientador.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CIÊNCIAS AMBIENTAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO

A sociedade contemporânea acreditava, no início do século XX, que os recursos naturais eram inesgotáveis e deviam ser usados, a todo custo, para impulsionar o desenvolvimento econômico dos países. Essa realidade começou a mudar a partir da década de 1960, que marcou os primeiros debates a cerca dos problemas ambientais. Uma das primeiras iniciativas para trazer esse assunto ao conhecimento público foi o chamado Clube de Roma, fundado em 1968, no qual se reuniam personalidades de diversas áreas, como acadêmicos, cientistas, políticos, empresários e membros da sociedade civil para avaliar questões de ordem política, econômica e social com relação ao meio ambiente (FRANCO, 2008).

A grande contribuição do Clube de Roma à época foi o relatório intitulado “Os Limites do Crescimento”, trabalho solicitado em 1972 junto ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, sigla em inglês) para simular, utilizando um complexo modelo matemático e uma nova metodologia de dinâmica de sistemas, a interação do homem e o meio ambiente, levando em consideração o aumento populacional e o esgotamento dos recursos naturais. A conclusão do relatório foi que se a humanidade continuasse a consumir os recursos naturais como na época, por consequência da industrialização, eles se esgotariam em meados do próximo século (FRANCO, 2008).

Esse relatório teve grande repercussão, mas também recebeu muitas críticas, pois diziam que o Clube de Roma queria frear o crescimento econômico (FRANCO, 2008). Apesar dessa resistência, muitos outros estudos se seguiram ao trabalho supracitado e a maioria deles apontou para o mesmo alerta dado pelo seu antecessor, destacando um rápido crescimento demográfico, resultado de industrialização acelerada e prevendo o esgotamento dos recursos naturais não renováveis, a escassez de alimentos e a deterioração do meio ambiente (PADUA, 2010).

No meio político também houve grande articulação em prol da causa ambiental. Prova disso foi a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, em 1972. A Conferência de Estocolmo, como ficou conhecida, é amplamente reconhecida como um marco nas tentativas de melhorar as relações do homem com o Meio Ambiente e também por ter inaugurado a busca por equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental, por meio de metas ambientais e sociais centrando sua atenção nos países em vias de desenvolvimento. O

principal resultado dessa conferência foi a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972; FRANCO, 2008).

Após Estocolmo, uma grande conferência mundial, intitulada Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ou simplesmente ECO 92 ou Cúpula da Terra, ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. A ECO 92 teve a presença maciça de Chefes de Estado, além de representantes de cento e setenta e oito países, o que traduz uma grande evolução em relação à Conferência de Estocolmo. A intenção, nesse encontro, era introduzir a ideia do desenvolvimento sustentável, um modelo de crescimento econômico menos consumista e mais adequado ao equilíbrio ecológico e teve como um de seus principais resultados a produção de um documento oficial fundamental, chamado “Agenda 21”, que tenta promover um novo padrão de desenvolvimento, respeitando o meio ambiente, a justiça social e eficiência econômica (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1992; FRANCO, 2008).

Posteriormente, outras conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) foram realizadas, com a intenção de rever o progresso das ações e princípios estabelecidos pela “Agenda 21”, dentre as quais se destacam os eventos de Nova Iorque (1997), Johannesburgo (2002) e novamente Rio de Janeiro (2012). Este último evento, inclusive, ficou conhecido como “RIO + 20” e teve como objetivo inicial renovar o compromisso firmado na Agenda 21, mas os resultados alcançados foram bem maiores.

O principal tema debatido no evento foi como construir uma economia verde para alcançar o desenvolvimento sustentável e como melhorar a coordenação internacional para o desenvolvimento sustentável, estabelecendo linhas de ação focadas em sete áreas prioritárias: energia, alimentação e agricultura, emprego e sociedade inclusiva, cidades sustentáveis, água, oceanos e desastres naturais que foram traduzidas na publicação de um documento final intitulado “O futuro que queremos”, que reafirma compromissos já firmados anteriormente em outras conferências acrescentando termos futuros a ações para um desenvolvimento sustentável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012).

Todo esse movimento em prol da sustentabilidade teve reflexos diretos no Brasil, inclusive quanto aos aspectos institucionais, com a criação de um amplo aparato institucional e arcabouço legal ambiental. A comunidade acadêmica também foi afetada pela questão ambiental, de forma que, no âmbito da educação, as disciplinas ambientais estavam presentes em vários cursos em diversas áreas, como Biologia, Ecologia, Engenharia Ambiental, Biodiversidade e Ciências Ambientais (PHILIPPI JR et al., 2000).

Ainda no meio acadêmico, as conferências e os fóruns foram responsáveis por oxigenar o tema, a ponto de conferir a este a legitimidade necessária para tornar o meio ambiente e a questão ambiental um campo de pesquisa. A problemática ambiental surge como realidade social, política e institucional, impulsionando e sendo impulsionada pela pesquisa científica, pelo contexto internacional, instituições supranacionais, movimentos sociais e ambientalistas (PHILIPPI JR et al., 2013). Os demais aspectos relacionados com a Institucionalização serão tratados com profundidade no Capítulo 2.2 – A Institucionalização das CiAmb nos Cursos de Pós-Graduação.

Do ponto de vista da abrangência do conceito de problemática ambiental, inclui-se desde problemas locais, como a poluição de um rio por efluentes de uma empresa, até as condições insalubres e de miséria dos grandes centros urbanos, emergindo como uma problemática socioambiental resultante da forma como a sociedade, nos seus vários setores, se relaciona com a natureza (FERNANDES; SAMPAIO, 2008). Ela pode ser traduzida, então, em uma problemática econômica, tecnológica, social, institucional e cultural (VIEIRA, 2009).

Por isso pode-se afirmar que constitui um campo de pesquisa aglutinador de inúmeras disciplinas, implicando em pesquisas interdisciplinares. A pesquisa ambiental revela-se não como um tema novo, mas como a aglutinação de temas antigos já abordados amplamente pelas disciplinas especializadas, envolvendo análise de processos biológicos, físicos, químicos, de hidrologia, entre outros, que estão relacionados a problemas econômicos e sociais mediados pela ciência e tecnologia. É novo, porém, porque implica, simultaneamente, em um enfoque totalizante e sistêmico, no sentido de englobar disciplinas já existentes, como também implica na articulação e redefinição dessas mesmas disciplinas (PHILIPPI JR. et al., 2000). Os demais aspectos relacionados com a Interdisciplinaridade serão tratados no Capítulo 3.1 – Interdisciplinaridade na Área das Ciências Ambientais.

2.2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Em busca de soluções para problemáticas ambientais emergentes na sociedade, foi necessário pensar no desenvolvimento do país de forma sustentável. Um olhar inovador, que demandasse soluções complexas, através do diálogo entre diversos campos científicos capazes de compreender e propor respostas diante de uma realidade heterogênea.

Uma das iniciativas para atender essa demanda foi a criação de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, de cunho interdisciplinar, com objetivo de suprir, por meio do ensino e da pesquisa, as limitações dos métodos disciplinares diante desse cenário.

Nessa direção a importância da introdução de uma Área de CiAmb, no contexto da pós-graduação da CAPES, decorreu da necessidade de se dar conta da complexidade dos problemas ambientais, face à indissociabilidade entre sistemas antrópicos e naturais (BRASIL, 2013).

A Área de CiAmb foi criada por meio da Portaria 081 e tem como data simbólica de criação o dia do meio ambiente, 05 de junho de 2011. Sua origem se deu a partir de proposta discutida e formulada por grupo de trabalho, constituído por membros e consultores da Área Interdisciplinar, em especial da Câmara I – Meio Ambiente e Agrárias (BRASIL, 2013).

De acordo com o Documento da Área, a CiAmb no contexto da CAPES surge,

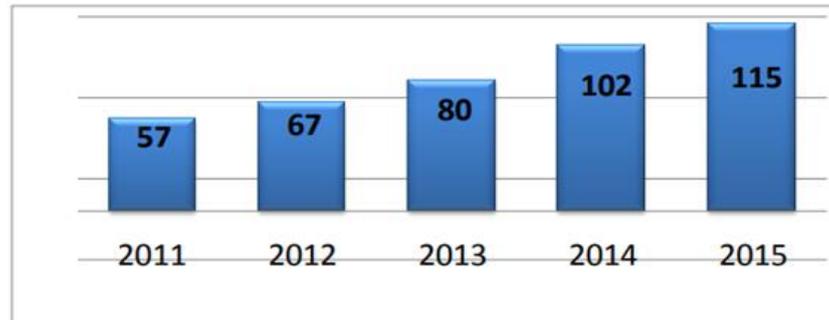
[...] pautada na perspectiva do desenvolvimento sustentável, um conceito multidimensional e naturalmente interdisciplinar que exige intercâmbio no campo conceitual, metodológico e na colaboração científica entre diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 2016, p. 9).

Philippi Júnior (2011), ao descrever sobre a Área das CiAmb no âmbito da CAPES, ressalta a importância da interdisciplinaridade ao afirmar que os sistemas antrópicos e naturais oriundos da contemporaneidade são inseparáveis, portanto a construção do saber baseado na visão disciplinar “separa esses dois grandes domínios”.

Dessa forma, a CiAmb não representa um somatório ou a combinação entre as ciências, porém a abordagem interdisciplinar é intrínseca a ela e à sua origem (BRASIL, 2013).

A interdisciplinaridade torna-se imprescindível nos programas de pós-graduação inseridos nessa Área, portanto deve estar presente em todos os processos, desde a proposta dos cursos, corpo docente e discente de formação diversificada e projetos de pesquisa proveniente de diferentes campos disciplinares viabilizando novas formas de produção do conhecimento (BRASIL, 2016).

A evolução das CiAmb no âmbito da CAPES ocorreu de forma gradual, estruturando-se a partir de Programas de outras Áreas de avaliação. Gradativamente, novos Programas foram criados proporcionando o surgimento de vários cursos distribuídos nas diversas regiões do Brasil, de forma a consolidar a área (BRASIL, 2016). O Gráfico 1 representa a evolução histórica do número de programas que comportam a Área.

Gráfico 1 – Série histórica da evolução de Programas das Ciências Ambientais.

Fonte: adaptado de BRASIL (2016).

Dentro das regiões que mais concentram os Programas encontram-se a região Sudeste, seguida da região Sul igualmente com a região Nordeste, sendo a região Norte, a que possui o menor número de Programas, como apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – Evolução do número de Programas da Área e sua distribuição regional.

Região	2011	2012	2013	2014	2015	Distribuição
Sudeste	17	21	24	32	35	30%
Sul	11	12	14	21	25	22%
Nordeste	17	17	19	21	25	22%
Centro-Oeste	6	9	12	16	18	16%
Norte	6	8	11	12	12	10%
Brasil	57	67	80	102	115	100%
Crescimento em relação a 2011	-	17%	40%	79%	102%	-

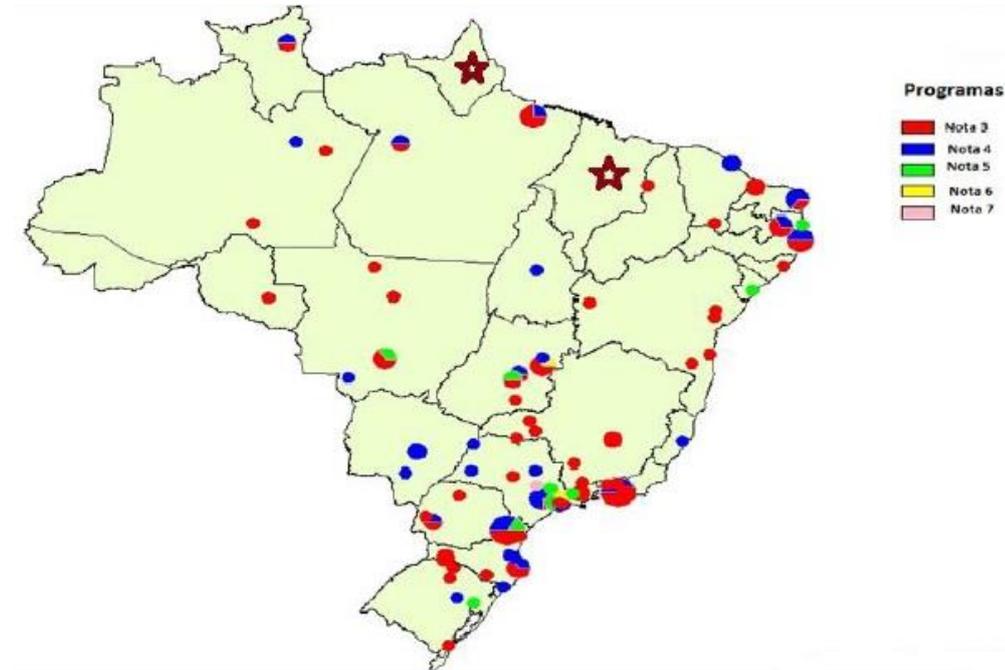
Fonte: Autora, com os dados de BRASIL (2016).

Em relação aos desempenhos dos Programas, atribuídos por meios de notas referentes a uma escala de três a sete, a CiAmb apresenta uma maior concentração de notas três e quatro e, em menor quantidade, encontram-se os Programas com nota equivalente ou maior que cinco.

Entretanto, destaca-se que em 2017 um curso manteve a nota sete, dois adquiriram a nota máxima e três cursos subiram para o conceito seis. A Figura 1 representa a distribuição dos Programas da Área por região com a indicação das notas, vale ressaltar que os dados se referem ao último Documento da Área divulgado em 2016. As estrelas assinaladas nos

estados do Maranhão e Amapá dizem respeito a novos cursos que não haviam iniciado até a época do fechamento do Documento de Área.

Figura 1 – Distribuição dos Programas no Brasil, com indicação das notas.



Fonte: adaptado de BRASIL (2016).

Dentre os cursos de pós-graduação que compõem a CiAmb encontram-se aqueles definidos como Doutorado, Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional totalizando, no ano de 2015, cento e quarenta e sete cursos. A Tabela 2 evidencia o crescimento dos cursos no período de seis anos. Cabe lembrar que a CiAmb inicialmente foi composta pelos cursos autorizados pela Área Interdisciplinar originados antes de 2011, o que explica cursos de doutorado e mestrado iniciando em 2010.

Tabela 2 – Distribuição por tipologias de cursos das Ciências Ambientais.

Cursos	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Distribuição
Doutorado Mestrado	21	14	20	22	30	64	44%
Doutorado Mestrado Acadêmico	2	4	4	5	5	5	3%
Mestrado Profissional	15	12	12	18	22	31	21%
Total	103	73	84	100	132	147	100%

Fonte: autora, com os dados de BRASIL (2016).

No que se diz respeito aos aspectos relacionados à natureza das Instituições vinculadas, as Universidades Federais contam com o maior número de programas inseridos na área ambiental, conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3 – Natureza das Instituições vinculadas.

Programas	Particular	Públicas			Total
		Municipal	Estadual	Federal	
Programas em 2015	24	3	23	65	115
Crescimento 2015 em relação a 2011	242%	0%	228%	71%	109%
Programas em 2014	22	3	20	57	102
Crescimento 2014 em relação a 2011	214%	0%	186%	50%	85%
Programas em 2013	17	3	13	47	80
Crescimento 2013 em relação a 2011	143%	0%	86%	24%	45%
Programas em 2012	12	3	9	44	68
Crescimento 2012 em relação a 2011	71%	0%	29%	16%	24%
Programas em 2011	7	3	7	38	55

Fonte: autora, com os dados de BRASIL (2016).

Com base no panorama atual explícito por meio dos dados referenciados acima é possível perceber a evolução da CiAmb, que apresenta um percurso histórico recente, no entanto, demonstra um crescimento significativo ao analisarmos o número de cursos e a ascensão das notas dos Programas.

É possível verificar que a institucionalização da Área CiAmb no Brasil proporcionou uma nova visão da construção do conhecimento baseado na interação dos saberes ao declarar a interdisciplinaridade como parte inerente da sua criação, o que possibilitou o aumento não só dos cursos como consequentemente a produção de pesquisas resultantes de teses e dissertações baseadas numa ciência que agrega diferentes áreas do conhecimento.

Devido à especificidade na origem da CiAmb, importa considerar a interdisciplinaridade no contexto dos Programas de Área como parte essencial do seu desempenho, assunto a ser discorrido no próximo tópico.

3 INTERDISCIPLINARIDADE: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Antes de apresentar as questões relacionadas à interdisciplinaridade no contexto das CiAmb, serão comentados alguns conceitos e características desse termo tão discutido na literatura científica.

Nos últimos anos a interdisciplinaridade tem se intensificado nas universidades brasileiras sendo percebida no crescente número de Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* com abordagem interdisciplinar. Embora não represente um conceito pacificado na literatura, tampouco totalmente compreendido, apresenta uma realidade e um desafio que caracteriza uma abordagem científica, cultural e epistemológica diferenciada (HARGREAVES, 2004).

Sua principal origem foi na França e na Itália em meados da década de 1960, ocasião em que os movimentos estudantis pleiteavam mudanças no estatuto das universidades e escolas. Buscavam romper com o ensino fragmentado justificando a importância da interação e transformação recíproca entre as diferentes áreas do conhecimento. Mas foi no período de 1970 a 1990 que os movimentos da interdisciplinaridade repercutiram com mais intensidade. Pesquisadores buscavam formular os aspectos epistemológicos da interdisciplinaridade conceituando-a filosoficamente, antropologicamente e sociologicamente (SILVA, 2000; LEFF, 2002).

No Brasil, os estudos pioneiros sobre a interdisciplinaridade foram elaborados por Japiassu (1976) e Fazenda (1994), influenciados em suas formações acadêmicas pelo viés das experiências europeias e tinham como referencial George Gusdorf, o primeiro a sistematizar uma proposta de trabalho interdisciplinar (SILVA, 2000).

Ao explicar a interdisciplinaridade Japiassu (1976), afirma que a ação interdisciplinar ocorre pela troca intensa de conhecimento entre os especialistas e pelo nível de integração existente das disciplinas no interior de um mesmo projeto. Por sua vez, Fazenda (1996, p.14), comenta que “perceber-se interdisciplinar é o primeiro movimento em direção a um fazer interdisciplinar e a um pensar interdisciplinar”.

Pombo, Guimarães e Levy (1994, p. 5) descrevem que,

A interdisciplinaridade se assentaria na possibilidade de tradução das várias linguagens científicas, na constituição de uma linguagem partilhada tendo como base o confronto dialogante dos discursos em presença.

Em outra definição Magalhães (2005) explica a interdisciplinaridade como uma forma de buscar um conhecimento universal, que não seja desfragmentado em vários campos ou fechado apenas em uma área abstraindo dessa forma seu objeto de estudo.

Segundo Coimbra (2000, p. 58), o termo interdisciplinaridade por virtude de sua etimologia,

Traduz um vínculo não apenas entre saberes, mas principalmente, de um saber com o outro, ou dos saberes entre si, numa sorte de complementaridade, de cumplicidade solidária em função da realidade estudada e conhecida.

Complementando a definição, o autor supracitado descreve que,

A interdisciplinaridade consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas intencionalmente estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado (COIMBRA, 2000, p. 58).

Lück (1994) descreve a interdisciplinaridade como um processo que envolve a integração coletiva a fim de superar a fragmentação através de uma visão ampla capaz de enfrentar os problemas complexos emergentes na sociedade.

Nessa direção, Viana e Santa-Rita (2000) afirmam que a interdisciplinaridade requer dos especialistas uma superação do seu próprio conhecimento conscientizando-se das suas limitações e acolhendo as contribuições de cada disciplina. Assim, concluem que “a interdisciplinaridade é uma relação de reciprocidade e de mutualidade que pressupõe uma postura diferente a ser assumida frente ao problema do conhecimento” (VIANA; SANTA-RITA, 2000, p.18).

Considera-se pertinente, no entanto, apontar a definição do documento da área interdisciplinar pela CAPES, outra subárea da Grande área Multidisciplinar, assim como a CiAmb. Conforme o Documento da Área Interdisciplinar,

A interdisciplinaridade pressupõe uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, gerações de novos conceitos e metodologias, onde ocorra a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, que não se estabeleçam na mesma classe, que contribua nos avanços das fronteiras da ciência e tecnologias, transfira método de uma área para outra objetivando a geração de novos conhecimentos, disciplinas e de um novo profissional (BRASIL, 2013, p.2).

A respeito da interdisciplinaridade na construção do conhecimento ambiental, Leff (2002) afirma que é um processo constante na construção do saber, não caracterizado pela homogeneidade e exigindo dos pesquisadores a necessidade de conhecer as especificidades das diferentes ciências que foram historicamente construídas, ideologicamente legitimadas e socialmente institucionalizadas. Dessa forma, implica na integração interdisciplinar do conhecimento com propósito de explicar e resolver os complexos sistemas socioambientais. Conforme o autor supracitado,

A interdisciplinaridade ambiental estabelece a transformação dos paradigmas estabelecidos do conhecimento para internalizar um saber ambiental. (...) a complexidade se abre para um diálogo de saberes que acarreta uma abertura à racionalidade que vai da solidariedade e complementaridade entre disciplinas ao antagonismo de saberes; onde se relacionam processos significativos, mais que posições científicas, interesses disciplinares e verdades objetivas (LEFF, 2000, p. 30).

Diante desses conceitos relacionados às características da interdisciplinaridade, pode-se concluir que há basicamente duas ações “chaves” ao fazer interdisciplinar: integração e colaboração, atitudes fundamentais para construção de um saber capaz de resolver situações complexas advindas de um mundo cada vez mais conectado e integrado. Esses mesmos aspectos serão observados dentro da Área das CiAmb, assunto a ser tratado no próximo subtópico.

3.1 A INTERDISCIPLINARIDADE NA ÁREA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Os programas de pós-graduação (PG) que se encontram na área de CiAmb compõem a grande área Multidisciplinar da CAPES. Sabe-se que a CAPES é o órgão responsável por avaliar os cursos de PG em nível de mestrado e doutorado conceituando-os com notas que vão de três a sete, essa avaliação serve como instrumento para que a comunidade universitária se empenhe em busca de um alto padrão de excelência nos cursos *stricto sensu*.

Entende-se que os cursos de PG inseridos na grande área Multidisciplinar devem compor a interdisciplinaridade em suas estruturas acadêmicas (disciplinas, corpo docente, discentes, projetos, etc.), desta forma é certo que, para conquistar um conceito de excelência, os cursos devem apresentar características interdisciplinares.

No contexto dos programas de pós-graduação em CiAmb a interdisciplinaridade advém de uma necessidade proveniente dos “grandes problemas contemporâneos, dentre os quais as questões ambientais” (BRASIL, 2016, p. 8).

A Área busca assimilar o conhecimento interdisciplinar, demandado pelos problemas reais, no próprio processo de avaliação dos programas. A interdisciplinaridade não é entendida como um novo campo disciplinar, mas como uma proposta que busca aproximação entre as ciências da natureza e as sociais, dando flexibilidade para análise das questões relevantes na interface ambiente e sociedade (BRASIL, 2016, p. 9).

Conforme rege o Documento da Área, a interdisciplinaridade no contexto da CiAmb,

[...] agrega diferentes áreas do conhecimento em torno de um ou mais temas em busca de um entendimento comum com o envolvimento direto dos interlocutores. Significa efetivamente a interação entre saberes. [...] um método de construção do conhecimento que se sustenta na compreensão da

complexidade ambiental e na resolução de suas problemáticas, promovendo a interação entre instituições e entre países. Sua prática é parte integrante da dinâmica que incorpora as demandas socioambientais na perspectiva do desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2016, p. 2).

Deste modo a interdisciplinaridade passa a ser entendida como um fator necessário para provocar mudanças na organização do conhecimento pressupondo a reestruturação nos formatos de pesquisa e ensino que se encontram respaldadas em uma perspectiva sistêmica. Propõe nova forma de produzir o saber científico fundamentado na relação entre diversas áreas da ciência.

A CAPES afirma que,

A adoção de enfoques interdisciplinares potencializa, por exemplo, a percepção de lacunas em interpretações disciplinares, que requerem do pensamento racional e científico a compreensão, o planejamento e a intervenção no meio ambiente, tornando possíveis análises e construções inovadoras (BRASIL, 2011, p. 2).

A interdisciplinaridade é considerada dentro dos programas de pós-graduação, inseridos nas CiAmb, com uma abordagem que envolve distintas áreas capazes de trabalhar temas que proporcionem uma compreensão comum de todas as pessoas envolvidas, com intuito de solucionar as problemáticas ambientais mediante a interação dos saberes.

Nesse contexto, o objeto das CiAmb é multidisciplinar e exige o direcionamento dos vários conhecimentos em um único sentido tornando possível a reflexão observada por diferentes perspectivas (BRASIL, 2016).

Sendo assim, os programas de pós-graduação que se enquadram nessa Área, em linhas gerais, devem de forma prioritária conter a interdisciplinaridade em todos os seus processos, desde as propostas dos cursos até os projetos de pesquisas, caracterizando-se por (BRASIL, 2016, p. 9):

- Oferecer uma proposta de curso interdisciplinar que contemple as relações socioambientais;
- Ser composto por corpo docente que contemple formação em diversas áreas do conhecimento;
- Deve compor discentes com formações diversificadas e de campos disciplinares diferenciados;
- Abordar nos projetos de pesquisas a interdisciplinaridade que relaciona as questões ambientais, sociais e tecnológicas;

- Apresentar interdisciplinaridade entre a equipe da pesquisa (orientador, (coorientador e discente).

Dos cinco pontos elencados acima apenas o primeiro não fará parte da análise dessa pesquisa, devido ao objeto de estudo se deter apenas ao produto final de um programa de doutorado, ou seja, as teses.

Este trabalho de pesquisa foi proposto justamente para verificar se os programas de pós-graduação em CiAmb estão logrando êxito em alcançar esses objetivos acima dispostos, utilizando-se da metodologia de pesquisa que será abordada nos próximos tópicos.

4 ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO: BIBLIOMETRIA E CIENCIOMETRIA

A partir do momento que a ciência passou a ser percebida como algo decisivo para o desenvolvimento econômico e social verificou-se um interesse maior a respeito das atividades provenientes da Ciência e Tecnologia (C&T), objetivando a coleta de informações sobre as atividades científicas, a fim de planejá-las, monitorá-las, avaliá-las e acompanhar sua evolução (NORONHA; MARICATO, 2008). Dessa forma, os estudos métricos da ciência originaram-se pela necessidade de avaliar as atividades oriundas das produções e comunicações científicas.

Os estudos métricos da informação encontram-se estabelecidos nos campos da Biblioteconomia e das Ciências da Informação, entre eles destaca-se a Bibliometria e a Cienciometria; esta considerada um subcampo da Bibliometria.

Os termos Bibliometria e Cienciometria foram introduzidos quase simultaneamente por Pritchard e por Nalimov e Mulchenko em 1969. Enquanto Pritchard explicava o termo Bibliometria como a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos a livros e outros meios de comunicação, Nalimov e Mulchenko definiram a Cienciometria como a aplicação de métodos quantitativos que lidam com a análise da ciência vista como um processo de informação. De acordo com essas interpretações, a Cienciometria é restrita à medição da comunicação científica, enquanto a Bibliometria é projetada para lidar com processos de informação mais gerais (WILLIAM; CONCEPCIÓN, 2001).

Autores como Rostaing (1996), Macias-Chapulas (1998), Araújo (2006), Silva et al. (2011) e Medeiros et al. (2011) definem os termos como um método estatístico que visa quantificar e analisar por meio de padrões e modelos matemáticos a evolução da produção científica e tecnológica de um determinado país, instituição, área do conhecimento ou disciplina mediante a construção de indicadores.

De maneira elementar, os indicadores podem ser definidos como dados estatísticos que representam aspectos da realidade e que subsidiam análises, tomadas de decisões, planejamentos e ações (KOBASHI; SANTOS, 2006; SILVA; HAYASHI, 2011). Representam a dinâmica e a evolução do conhecimento científico e são utilizados como meio para fins específicos, contribuindo através de respostas a perguntas específicas, servem como parâmetro nas avaliações assim como auxiliam no planejamento, demonstrando vantagens ao ser utilizado na avaliação científica (IGAMI, 2011).

De acordo com Noronha e Maricato (2008, p. 123) alguns dos principais indicadores extraídos desses estudos podem ser apresentados de modo genérico, incluindo:

- Evolução quantitativa e qualitativa da literatura;
- Obsolescência da informação e dos paradigmas científicos;
- Dinâmica e estrutura da comunicação científica (principalmente formal);
- Características e funções de diversos tipos documentais (literatura branca e cinzenta);
- Ranking de publicações, autores, instituições, países, etc.;
- Estudos de citação, fator de impacto;
- Relações interdisciplinares, intradisciplinares e multidisciplinares na ciência;
- Estudos de colaboração científica (principalmente baseados em coautoria);
- Comportamentos de uso e crescimento do acervo em bibliotecas;
- Evolução de disciplinas, subdisciplinas e novos conceitos;
- Características de frequência de ocorrência de palavras em textos;

Outros indicadores também são citados por Hayashi (2013, p. 89), são eles:

- Mapeamento da literatura de uma área específica de conhecimento;
- Modelagem matemática de aspectos dinâmicos da literatura científica;
- Identificação de áreas de excelência, associações temáticas, interdisciplinaridade, redes de colaboração científica, temas emergentes e lacunas na produção do conhecimento científico, e
- Produção de indicadores bibliométricos.

No Brasil os estudos métricos da informação originaram-se na década de 1970, tendo como propulsor o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) hoje denominado Instituto Brasileiro de Informação Científica (IBICT), porém foi na década de 1990 com a popularização dos computadores que estudos dessa natureza tomaram força nacionalmente (ARAÚJO, 2006). De acordo com Noronha e Maricato (2008, p. 118).

A partir da metade dos anos 90, verifica-se um crescer contínuo na produção de estudos envolvendo metodologias quantitativas graças, principalmente, aos novos recursos tecnológicos disponíveis, que facilitaram não só a coleta dos dados nas fontes de origem, como o tratamento dos mesmos, segundo as variáveis estudadas, pelos *softwares* específicos, que cada vez mais auxiliam a “trabalhosa” tarefa na lida com grande quantidade de números.

O crescimento exponencial da literatura científica e dos diversos tipos de informação divulgadas em meios físicos e virtuais tornaram os estudos bibliométricos mais atraentes, propiciando o crescimento do seu uso e viabilizando o surgimento de novas técnicas e métodos como subcampo da bibliometria. Estes são nomeadamente conhecidos como cienciometria ou cientometria, bibliotecometria, infometria, webmetria e patentometria. De forma objetiva, a cienciometria mede aspectos relacionados à atividade científica como seu desenvolvimento e o crescimento (SANTOS; KOBASHI, 2009), já a infometria se detém aos estudos da recuperação da informação nas diversas fontes documentais ou bibliográficas, sejam físicas ou virtuais (BUFREM; PRATES, 2005), por sua vez, a webmetria se relaciona com a organização e uso de sites na internet (NORONHA; MARICATO, 2008) e a

patentometria é o estudo métrico das características e usos dos documentos de patentes (GUZMÁN SÁNCHEZ, 1999). Esses estudos se nivelam por serem métodos quantitativos e se distinguem quanto ao objeto de estudo (NORONHA; MARICATO, 2008).

Semelhantemente a outras metodologias, a análise bibliométrica apresenta suas limitações. Haysashi et al. (2007, p. 5) ao se referirem a estas apontam:

[...] tempo, custo, erro na coleta de dados, publicações e práticas de citação variadas que tornam difíceis as comparações; propensão às autocitações pelos cientistas e grupos de pesquisa; suposição de que qualidade e quantidade estão ligadas às citações.

Embora apresente suas restrições, a técnica bibliométrica tem sido amplamente utilizada para quantificação, avaliação, análise e criação de indicadores relacionados à produção científica, demonstrando sua consolidação e sua aprovação em pesquisas dessa natureza.

Dentro dos diversos trabalhos relacionados ao uso dessa técnica, pode-se citar a tese desenvolvida por Igami (2011), que objetivou conseguir indicadores a partir da análise de dissertações e teses produzidas em um determinado programa de pós-graduação, utilizando técnicas avançadas de bibliometria, alcançando três tipos de indicadores: bidimensionais, numéricos temáticos e de produtividade, atestando que as técnicas utilizadas foram satisfatórias para o objetivo da pesquisa.

Na tese de Maricato (2010) também se observa o uso dos estudos métricos, sendo o propósito da sua pesquisa analisar a relação da produção científica (artigos) e tecnológica (patentes) de biodiesel, a fim de compreender a dinâmica entre a Ciência e Tecnologia e investigar o potencial de contribuição da bibliometria e cientometria para a análise integrada de indicadores de produção científica. Em sua conclusão o autor supracitado afirma que “é possível comparar a produção científica e a tecnológica pelas mesmas técnicas bibliométricas e cientométricas [...] os indicadores bibliométricos e cientométricos demonstram grande potencial para o estabelecimento de relações entre C&T”.

Raras são as pesquisas relacionadas ao uso de estudos métricos nas produções científicas em Ciências Ambientais, dentre essas a de Figueiredo (2016) apresenta, além de outros aspectos, o uso de indicadores a fim de analisar por meio de técnicas bibliométricas as características das produções científicas em Ciências Ambiente e Meio Ambiente. Por fim, encontra-se a tese de Carvalho (2014) que por meio da criação de indicadores de Maturidade Interdisciplinar, analisou a relação estabelecida da interdisciplinaridade com seu nível de

amadurecimento dentro dos cursos e programas de pós-graduação abrangendo os níveis de: concepção, processo, prática interdisciplinar e produtos.

Diante dos exemplos acima, é possível afirmar que as técnicas bibliométricas aplicadas à produção científica apontam potencialidades para analisar a interdisciplinaridade de acordo com as definições estabelecidas no Documento da Área em CiAmb e mapear as características das teses estudadas nessa pesquisa.

4.1 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO OBJETO DO ESTUDO MÉTRICO: TESES

Segundo a categorização bibliográfica, as teses são consideradas bibliografias não convencionais, também chamadas de literatura cinzenta pelo fato de não serem controladas por editores científicos ou comerciais, podendo fugir das regras padronizadas das publicações como livros e revistas. No entanto, carregam informações valiosas e geralmente únicas. Embora não tenham cunho comercial, podem ser facilmente encontradas nas bases de dados das Bibliotecas Digitais e Repositórios Institucionais científicos das Universidades.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2011) define as teses como documentos que representam o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um tema único e bem delimitado, o qual exige que a investigação elaborada seja original contribuindo para a especialidade em questão.

Segundo Igami (2011), a produção de teses está associada ao sistema institucional das universidades onde são produzidas, dentro de rigorosos padrões e submetidas à validação de pesquisadores seniores, o que exige do cientista um ciclo de estudos que demanda esforços, recursos e tempo, de modo que a produção desses trabalhos retratam a atividade de pesquisa de uma instituição.

Nesse cenário, as teses tornam-se provas originais da evolução do campo de estudo, possibilitando, dentre outros pontos analisar, por meio de técnicas bibliométricas se os fatores relacionados à interdisciplinaridade dentro da CiAmb estão sendo contemplados em seus produtos finais, ou seja, as teses.

Adiante serão apresentados a metodologia e os percursos metodológicos dessa pesquisa.

5 METODOLOGIA

5.1 CLASSIFICAÇÃO METODOLÓGICA

Sob o ponto de vista da abordagem o presente estudo classifica-se como de caráter quantitativo e qualitativo, devido ao uso de técnicas bibliométricas, que foram utilizadas para analisar a interdisciplinaridade nas teses pesquisadas e mapear a Área de CiAmb por meio dos indicadores da produção científica.

Quanto ao desenvolvimento temporal caracteriza-se como longitudinal, uma vez que analisou as produções científicas considerando o período de 2011 a 2017, o período escolhido esta diretamente relacionado ao ano de criação da CiAmb (2011) incluindo os seis anos de sua existência.

Em relação ao objetivo geral, Gil (2010) afirma que as pesquisas podem ser classificadas em exploratórias, descritivas e explicativas. No presente estudo fez-se uso de pesquisas classificadas em exploratórias e descritivas. Pesquisas exploratórias visam uma primeira aproximação do pesquisador com o tema, para deixá-lo mais familiarizado com os fatos e fenômenos relacionados ao problema a ser estudado (SILVA, 2004; MARCONI, 2005). Habitualmente os estudos exploratórios estão associados aos modelos descritivos à medida que correlacionam os fatos observados.

Conforme Provanov e Freitas (2013), os procedimentos técnicos são o meio por onde se consegue os dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Podem ser classificados em pesquisa bibliográfica, documental, laboratorial e de campo. Nessa pesquisa utilizou-se do procedimento técnico bibliográfico devido a análise de materiais já publicados em algum meio de comunicação, no caso, as teses depositadas nas bases de dados.

5.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para melhor elucidação dos percursos metodológicos desenvolvidos nessa pesquisa, serão descritas as etapas percorridas para alcançar os objetivos propostos, as quais foram embasadas nos trabalhos de Spinak (2008), Maricato (2010) e Hayashi (2013).

Utilizando uma adaptação da metodologia proposta por Spinak (2008), para se realizar o estudo bibliométrico foram seguidas as seguintes etapas:

Quadro 1 - Etapas utilizadas para elaboração do estudo bibliométrico.

ETAPAS	1 - Definir o que se quer medir
	2 - Determinar quais são as medidas disponíveis
	3 - Definir o que se quer com a medida
	4 - Criar combinações/relações com as medidas
	5 - Selecionar instrumento e processos para a coleta de dados
	6 - Modelagens de dados
	7 - Análises dos dados

Fonte: adaptado de SPINAK (2008).

Na ocasião, foram adaptadas algumas etapas sugeridas por Spinak (2008), principalmente quanto à ordem das etapas descrita pela autora supracitada, para facilitar a utilização da técnica, embora as etapas originais sejam viáveis.

1ª ETAPA: DEFINIR O QUE SE QUER MEDIR

O objeto desse estudo são as teses produzidas nos Programas de Pós-Graduação compreendidos na subárea Ciências Ambientais.

A coleta de dados foi realizada no período entre outubro de 2017 a março de 2018, as teses foram salvas em PDF, para que pudéssemos extrair manualmente as informações relevantes para pesquisa. Essas informações foram tabuladas no software MS Office Excel 2007, constando os seguintes dados: Teses, Formação da equipe, ambiente –sociedade-tecnologia e palavras chaves, onde foram analisadas apenas os resumos, palavras-chaves, títulos e os nomes dos componentes das teses (autor, orientador e coorientador). No total foram recuperadas 326 teses, porém, não foi possível ter acesso a todas devido às restrições de acesso, nesse caso, quatro das teses recuperadas não foram analisadas totalizando o universo da pesquisa em 322 teses (mais detalhes na Etapa 5 - Selecionar instrumento e processos para a coleta de dados). A escolha das teses se justifica pelo fato dessa pesquisa utilizar-se do método bibliométrico com a utilização da cientometria (medição da produção científica) e ainda por entender que os resultados obtidos nas análises dos resumos sejam mais relevantes pelo grau de avaliação que as mesmas passam ao serem validadas. Inicialmente a ideia era analisar teses e dissertações, mas devido ao tempo reduzido para conclusão da pesquisa não foi possível analisar ambas. Para escolha dos programas foi levado em consideração a nota concedida na avaliação feita pela CAPES, pois, esta reflete o grau de desempenho científico dos programas. Desta maneira, foram escolhidos os programas conceituados com notas 6 e 7 por possuírem padrão de qualidade internacional. Entende-se que, por meio dos resultados

dessa pesquisa, esses programas podem colaborar com o desempenho de outros no que tange a avaliação das características interdisciplinares.

Dos programas que se enquadraram na definição da escolha, três possuem nota seis e três nota sete. As respectivas identificações dos programas estão expostas abaixo.

Quadro 2 – Programas notas 6 e 7 na CAPES em Ciências Ambientais.

IES	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	NOME DO PROGRAMA	NOTA	NÍVEL
INPE	INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS	CIÊNCIA DO SISTEMA TERRESTRE	6	M/D
UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	6	M/D
UNB	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	7	M/D
UNICAMP	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	AMBIENTE E SOCIEDADE	6	M/D
ESALQ	UNIV.DE SÃO PAULO/ESCOLA SUP. DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ	ECOLOGIA APLICADA	7	M/D
USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	CIÊNCIA AMBIENTAL	7	M/D

Fonte: Autora (2018).

2º ETAPA: DETERMINAR QUAIS SÃO AS MEDIDAS DISPONÍVEIS:

Para definição do que poderia ser medido, foram analisadas todas as possibilidades que os dados contidos nas teses poderiam representar para essa pesquisa com base nos pré-requisitos interdisciplinares do Documento da Área Ciências Ambientais. Dessa forma, foi possível criar os indicadores de produção científica denominados Indicadores Bibliométricos utilizados para fazer o mapeamento das produções científicas, no que tange os aspectos citados abaixo (Indicadores Bibliométricos) e Indicadores de Interdisciplinaridade os quais foram utilizados para identificar os pré-requisitos interdisciplinares contidos no Documento da Área: Ciências Ambientais.

Indicadores Bibliométricos:

- Temático (assunto principal);
- Temporal;
- Institucional;
- Palavras-chaves;

Indicadores de Interdisciplinaridade:

- Formação dos docentes (orientadores);
- Formação dos discentes;
- Formação dos Coorientadores (professores ou pesquisadores);
- Abordagem ambiental, social e tecnológica nas produções;

- Áreas do conhecimento - CNPQ

3º ETAPA: DEFINIR O QUE SE QUER COM A MEDIDA

A finalidade desse estudo é analisar como a interdisciplinaridade se caracteriza nas teses dos cursos de pós-graduação em Ciências Ambientais, por meio da análise dos resumos, palavras-chaves, títulos e os nomes dos componentes das teses (autor, orientador e coorientador) esse com objetivo de acessar os Currículos Lattes. Para análise da interdisciplinaridade foi levado em consideração os pré-requisitos interdisciplinares descritos no Documento da Área em Ciências Ambientais que os Programas devem conter em sua estrutura, os quais constam no Documento da Área em Ciências Ambientais e que foram descritos no subcapítulo - 3.1 A INTERDISCIPLINARIDADE NA ÁREA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS, recapitulando:

- Oferecer uma proposta de curso interdisciplinar que contemple as relações socioambientais;
- Ser composto por corpo docente que contemple formação em diversas áreas do conhecimento;
- Deve compor discentes com formações diversificadas e de campos disciplinares diferenciados;
- Abordar nos projetos de pesquisas a interdisciplinaridade que relaciona as questões ambientais, sociais e tecnológicas;
- Apresentar interdisciplinaridade entre a equipe da pesquisa (orientador, coorientador e discente).

Dentre os pontos elencados acima apenas o primeiro não foi abordado na análise devido o escopo da pesquisa se deter somente as teses como já explicado no subcapítulo 3.1.

Essa atividade se dividiu em três momentos, o primeiro foi na análise dos resumos das teses recuperadas nos Repositórios Digitais Institucionais (RI) e a Biblioteca de Teses e Dissertações dos Programas, onde se buscou identificar os indicadores de interdisciplinaridade nos resumos das produções científicas identificando a integração Ambiente, Tecnologia e Sociedade. Detalhes relacionados à recuperação das teses e dos dados contidos nas mesmas estão descritos na Etapa 5.

Essa análise considerou os seguintes aspectos:

- Ambiental: ambiente natural e ambiente humanizado;
- Tecnologias: inovação – considerando aprimoramento ou criação de método, técnicas, produtos e serviços; uso de tecnologias no meio ambiente e seus impactos;

- Sociedade: interação socioambiental.

O segundo momento se deteve na análise dos currículos para identificar a interdisciplinaridade entre a formação da equipe, nesse caso, as buscas foram realizadas na Plataforma Lattes, utilizando o campo “Buscar por nome”. Foi considerada nessa pesquisa somente a formação da graduação por entender que ela caracteriza a formação principal do indivíduo. Importa escrever que nem todos os currículos estavam disponível na Plataforma Lattes, por esse motivo algumas formações (graduação) e área do CNPq não foram tabuladas.

Por último, foi analisado se as formações dos integrantes compreendiam a mesma grande área do conhecimento ou não, o qual foi utilizado como referência a tabela da Grande Área do Conhecimento do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico – CNPq e confrontada com as áreas de formações da equipe.

Quanto aos indicadores bibliométricos descritos na etapa anterior, estes foram recuperados nas informações contidas nas capas como ano e instituição e nas palavras-chaves localizadas após o resumo. Já para definição da temática foram utilizados princípios e técnicas de análise temática ou de assunto baseadas nos princípios da Biblioteconomia.

4º ETAPA: CRIAR COMBINAÇÕES/RELAÇÕES COM AS MEDIDAS.

As combinações foram feitas de acordo com os seguintes parâmetros:

- **PRODUÇÃO CIENTÍFICA:** refere-se às teses analisadas;
- **TEMPORAL:** refere-se à distribuição anual das publicações;
- **TEMÁTICO:** refere-se ao assunto em destaque;
- **IES:** refere-se às Instituições de Ensino Superior dos Programas que foram contemplados na pesquisa;
- **FORMAÇÃO:** diz respeito à graduação dos componentes da equipe (egresso, orientador e coorientador);
- **ÁREA CNPq:** refere-se às grandes áreas do conhecimento segundo a tabela do CNPq;
- **INTERDISCIPLINARIDADE DA EQUIPE:** diz respeito à diversificação da composição da equipe referente a formação (graduação) e área (CNPq);
- **INTEGRAÇÃO (ambiental x social x tecnologia):** refere-se a abordagem nos projetos de pesquisas a interdisciplinaridade que relaciona as questões ambientais, sociais e tecnológicas.

As combinações/correlações das medidas foram estabelecidas da seguinte forma:

- Produção científica X temporal
- Produção científica X IES
- Produção científica X temporal X IES
- Produção científica X temático
- Produção científica X temático x temporal
- Produção científica X temático x IES

- Produção científica X formação
- Produção científica X formação X IES
- Produção científica X interdisciplinaridade da equipe (formação)
- Produção científica X área CNPq
- Produção científica X interdisciplinaridade da equipe (área CNPq)
- Produção científica X integração (ambiental x social x tecnologia)

5º ETAPA: SELECIONAR INSTRUMENTO E PROCESSOS PARA A COLETA DE DADOS.

O instrumento elaborado nessa pesquisa para análise da interdisciplinaridade e mapeamento da produção científica foi norteado com base nos parâmetros das medidas estabelecidas na etapa anterior.

Para recuperação das produções científicas (teses) foram escolhidos os Repositórios Digitais Institucionais (RI) e a Biblioteca de Teses e Dissertações. Segundo o Instituto Brasileiro de Ciências e Tecnologia (2012, p.2),

Os repositórios digitais (RDs) são bases de dados online que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática. Os RDs armazenam arquivos de diversos formatos. Ainda, resultam em uma série de benefícios tanto para os pesquisadores quanto às instituições ou sociedades científicas, proporcionam maior visibilidade aos resultados de pesquisas e possibilitam a preservação da memória científica de sua instituição.

O procedimento para coleta de dados envolveu:

- Estratégia de busca:
 - Temporalidade: 2011 a 2017;
 - Área: Ciências Ambientais
 - Instituição de ensino.
 - Nome do Programa.

A coleta de dados foi realizada no período entre outubro de 2017 a março de 2018.

Na busca foram recuperadas 326 teses, porém não foi possível ter acesso a todas devido às restrições de acesso, nesse caso, quatro das teses recuperadas não foram analisadas totalizando o universo da pesquisa em 322 teses.

As teses foram salvas em PDF, para a extração manual das informações relevantes para pesquisa. Essas informações foram tabuladas no software MS Office Excel 2007, constando os seguintes dados: Teses, Formação da equipe, ambiente –sociedade-tecnologia e palavras chaves.

Na planilha denominada “Teses” os dados inseridos estão relacionados aos Indicadores Bibliométricos: IES, autor, título, ano e temática. Exemplo:

Quadro 3 – Exemplos de campos inseridos na planilha Teses.

IES	AUTOR	TÍTULO	ANO	TEMÁTICA
UFG	Kleber do Espírito Santo Filho	Aplicação de modelos qualitativos e quantitativos para a realidade do cerrado goiano	2011	Desenvolvimento sustentável
UFG	Mayra Pimenta	Chrysomelidae (insecta/coleoptera) como bioindicadores de qualidade ambiental em áreas de cerrado no estado de goiás - Brasil	2011	Bioindicadores
UFG	Eloisa Pio de Santana	As práticas da extensão rural no processo de modernização da agricultura: produtores familiares goianos e a questão ambiental (1975-2008)	2011	Agricultura familiar

Fonte: Autora (2018).

Na planilha “Formação da Equipe”, os dados referem-se aos Indicadores Interdisciplinares: IES, formação do autor, orientador, coorientador e grande área do conhecimento. Na mesma planilha foi inserida uma coluna onde foi representada a existência ou não da interdisciplinaridade entre a formação da equipe conforme critérios já estabelecidos acima. Exemplo:

Quadro 4 – Exemplos de campos inseridos na planilha Formação da Equipe.

IES	AUTOR	Graduação	ÁREA CNPQ1
UFG	Kleber do Espírito Santo Filho	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas
UFG	Mayra Pimenta	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas
UFG	Eloisa Pio de Santana	Ciências Sociais	Outros

Fonte: Autora (2018).

A terceira planilha teve como objetivo inserir os dados referentes à interação Ambiente - Sociedade – Tecnologia que foram obtidos por meio das análises dos resumos de acordo com os critérios estabelecidos na ETAPA 3, a fim de verificar se as pesquisas analisadas abordaram essa interação. Exemplo:

Quadro 5 – Campos inseridos na planilha Interação Ambiente - Sociedade – Tecnologia

IES	Ambiental	Social	Tecnológico
UFG	SIM	SIM	NÃO
UFG	SIM	SIM	NÃO
UFG	SIM	SIM	SIM

Fonte: Autora (2018).

A quarta planilha contém todas as palavras-chaves que foram descritas nas teses, no total foram recuperados 1308 termos. Exemplo:

Quadro 6 – Campos inseridos na planilha palavras-chaves

IES	PC1	PC2	PC3
UFG	Biondicadores	Diversidade beta	Heterogeneidade de habitats
UFG	Agricultura Familiar	Extensão rural	Desenvolvimento Sustentável
UFG	Não identificado	Não identificado	Não identificado

Fonte: Autora (2018).

Objetivando verificar quais os termos mais utilizados nas palavras-chaves, foi utilizado o programa *Word Cloud Generator* para criação da nuvem de palavras. *Word Cloud Generator* é um gráfico digital que mostra o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto.

6º ETAPA: MODELAGEM DE DADOS

Visando a eliminação de inconsistências foi feita uma releitura nos dados coletados em comparação com as teses analisadas com finalidade de corrigir e eliminar as eventuais duplicidades, grafias erradas, eliminação de campos em branco e de campos não identificados por meio da análise, de forma que as planilhas ficassem “limpas”.

7º ETAPA: ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados foi utilizado o MS Office Excel onde foram criados os gráficos e as tabelas, como também, a utilização do programa *Word Cloud Generator* para criação de nuvem de palavras chaves.

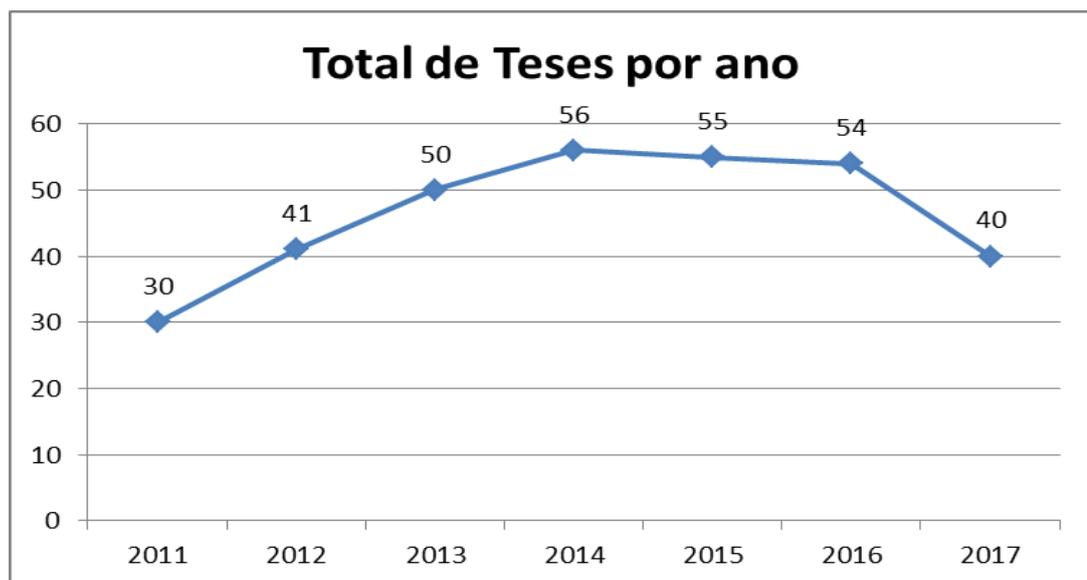
Foi realizada a análise e interpretação dos resultados e foram feitas considerações sobre cada um dos resultados apresentados nesse trabalho, à luz da análise bibliométrica e das teorias que fundamentaram a pesquisa, advindas do campo das Ciências Ambientais e do Documento da Área Ciências Ambientais, para apontar em que medida e em quais campos específicos cada programa de pós-graduação está integrando a interdisciplinaridade em suas teses.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O primeiro resultado da pesquisa diz respeito à produção científica total das IES e a distribuição ao longo do período estudado. A produção científica teve uma constante ascensão, o que atende a normalidade, pois a área foi criada em 2011, justificando esse comportamento. O ano de 2011 já teve trabalhos publicados, pois os programas migraram para a nova área e já tinham alguns alunos em pleno desenvolvimento das teses. As publicações estabilizaram na casa de cinquenta ao ano, com exceção do ano de 2017, com apenas 40 publicações, porém isso pode ser explicado pelo fato das pesquisas nos repositórios ter se encerrado em 20 de outubro de 2017, portanto é provável que muitas teses ainda não tivessem sido defendidas e/ou inseridas nos respectivos repositórios. Essa análise pode ser observada no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Produção Científica x Temporal



Fonte: Autora (2018).

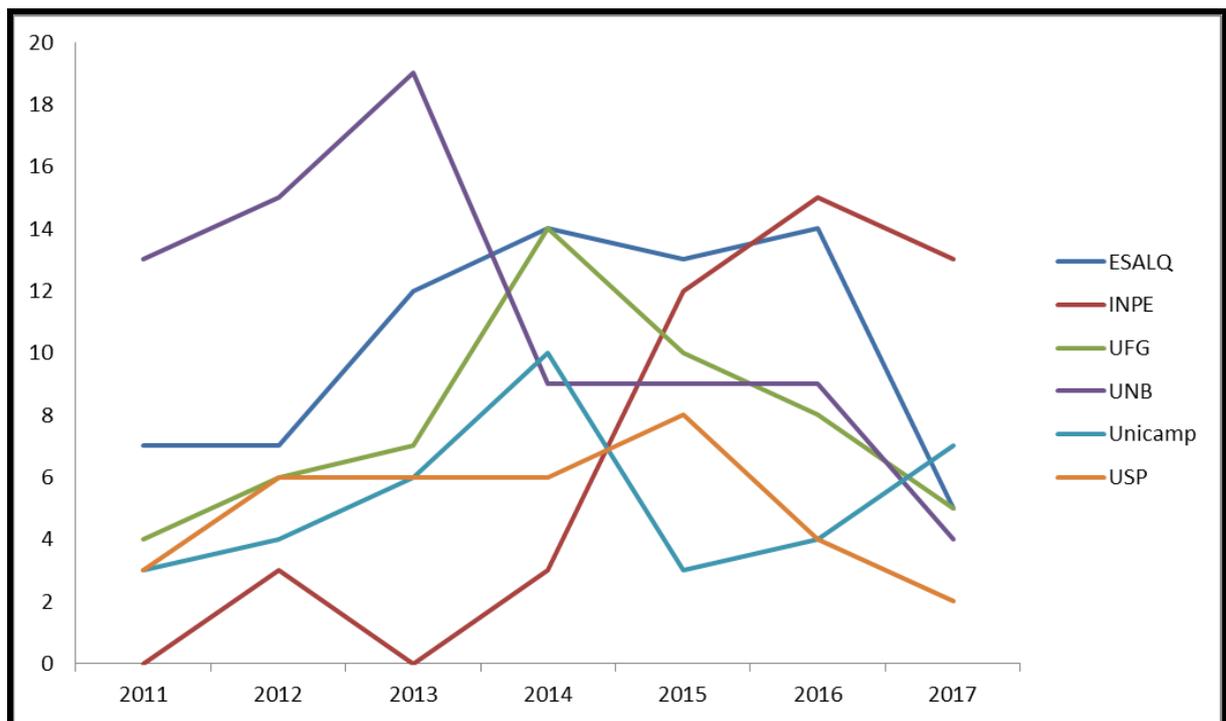
Complementando a informação anterior, a Tabela 4 traz a informação da produção científica distribuída de acordo com a IES, ordenada de acordo com maior quantidade de teses. A UNB destacou-se com 78 trabalhos, enquanto a USP apresentou 35 trabalhos.

Tabela 4 - Produção Científica x IES

IES	Total
UNB	78
ESALQ	72
UFG	54
INPE	50
Unicamp	37
USP	35
Total	326

Fonte: Autora (2018).

Para possibilitar a visualização do desempenho das IES ao longo do período, o Gráfico 3 apresenta a produção científica de cada IES distribuída por ano, o que destacou a queda da produção da UNB a partir de 2014, o crescimento e queda da UFG, com pico também em 2014, a ascensão do INPE a partir de 2014 e a tendência mais constante das demais IES.

Gráfico 3 – Produção científica X Temporal X IES

Fonte: Autora (2018).

Já em relação aos temas tratados nas teses, percebe-se que houve uma grande pluralidade de assuntos pesquisados, com um total de 104 temas diferentes tratados ao longo das 322 teses tabuladas. Esse também é um indicativo da interdisciplinaridade dos programas, pois não teve um tema com grande destaque perante os demais. Os vinte temas mais citados estão apresentados na Tabela 5, com sua respectiva distribuição ao longo do período.

Tabela 5 - Produção Científica x Temática x Temporal

Temas	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
Políticas públicas	4	1	6	4	1	2	1	19
Recursos hídricos	2	3	0	1	3	2	3	14
Desenvolvimento sustentável	4	3	2	3	0	0	1	13
Sustentabilidade	1	0	5	1	3	3	0	13
Gestão Ambiental	1	4	1	2	1	1	2	12
Impacto ambiental	0	2	2	3	2	1	1	11
Meteorologia	0	2	0	1	4	2	2	11
Conservação da natureza	0	1	2	2	2	2	1	10
Climatologia	0	1	0	2	1	3	1	8
Vulnerabilidade ambiental	0	0	2	3	2	1	0	8
Ecologia molecular	2	0	3	0	2	1	0	8
Educação ambiental	0	2	1	2	1	2	0	8
Turismo sustentável	1	0	2	4	0	0	1	8
Agricultura familiar	1	1	2	1	1	1	1	8
Hidrologia	0	1	0	1	1	2	2	7
Segurança alimentar	1	1	0	0	3	1	0	6
Mídia e ambiente	0	1	2	0	1	1	1	6
Expansão agrícola	1	1	0	1	1	1	0	5
Saúde e meio ambiente	0	1	1	2	1	0	0	5
Resíduos sólidos	1	0	0	2	2	0	0	5

Fonte: Autora (2018).

Observa-se que os temas contemplados nas teses são bastante diversificados, em áreas bem distintas e com distribuição homogênea, tanto na quantidade total de publicações quanto na publicação anual, tendo maior destaque os temas Políticas Públicas (19), seguido de Recursos Hídricos (14), Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável (13) e Gestão Ambiental (12). Constata-se que os temas apresentados estão diretamente relacionados à Área da CiAmb apresentando um grande leque de opções em pesquisas que possibilitam a relação entre sistema antrópico e sistemas naturais como consta na literatura específica.

Em relação às temáticas trabalhadas por instituição, percebe-se que as temáticas Políticas públicas, Desenvolvimento sustentável, Recursos hídricos e Sustentabilidade foram as mais utilizadas, tendo uma concentração maior nas teses desenvolvidas na UNB. Observa-se também que em alguns temas, como Meteorologia e Ecologia Molecular, parecem essenciais nas instituições INPE e ESALQ, respectivamente. Como apresenta a Tabela 6.

Tabela 6 - Produção Científica x Temática x IES

Temática	ESALQ	INPE	UFG	UNB	Unicamp	USP	Total
Políticas públicas	3	0	1	9	2	4	19
Recursos hídricos	0	1	2	3	1	7	14
Desenvolvimento sustentável	0	0	3	9	1	0	13
Sustentabilidade	2	0	1	8	1	1	13
Gestão ambiental	4	3	0	3	1	1	12
Meteorologia	3	8	0	0	0	0	11
Impacto Ambiental	2	2	4	2	1	0	11
Conservação da natureza	1	0	4	3	2	0	10
Agricultura familiar	5	0	1	2	0	0	8
Climatologia	0	5	1	1	1	0	8
Ecologia molecular	8	0	0	0	0	0	8
Educação ambiental	1	0	3	1	0	3	8
Turismo sustentável	3	0	0	4	1	0	8
Vulnerabilidade ambiental	0	2	2	1	2	1	8
Hidrologia	3	4	0	0	0	0	7
Mídia e ambiente	3	0	0	0	1	2	6
Segurança alimentar	1	1	0	4	0	0	6
Direito ambiental	4	0	1	0	0	0	5
Energia renovável	0	0	4	1	0	0	5
Expansão agrícola	0	0	5	0	0	0	5

Fonte: Autora (2018).

A Figura 2 apresenta um gráfico digital (nuvem) que mostra o grau de frequência das principais palavras-chaves citadas pelos próprios autores das teses. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto. Nota-se que as palavras-chaves utilizadas nas teses se relacionam com as temáticas apresentadas na tabela 6 e que representam o universo das Ciências Ambientais quando confrontada com a literatura que afirma que a pesquisa ambiental envolve análise de processos biológicos, físicos, químicos, de hidrologia, entre outros, que estão relacionados a problemas econômicos e sociais mediados pela ciência e tecnologia.

A Tabela 8 traz informações acerca da formação do Orientador das teses, onde verifica novamente a predominância de Ciências Biológicas, porém com menor vantagem em relação às demais formações do que na tabela anterior. Destaca-se mais uma vez a variedade de graduações diferentes em áreas distintas, reforçando a interdisciplinaridade no corpo docente das IES, conforme prevê o Documento de área.

Tabela 8- Produção Científica x Formação do Orientador

Num.	Graduação do Orientador	Total	%
1	Ciências Biológicas	42	13,08
2	Engenharia Agrônômica	30	9,35
3	Agronomia	20	6,23
4	Biologia	18	5,61
5	Ciências Econômicas	18	5,61
6	Ciências Sociais	17	5,30
7	Geologia	17	5,30
8	Engenharia Civil	14	4,36
9	Ecologia	13	4,05
10	Economia Doméstica	12	3,74

Fonte: Autora (2018).

Seguindo a mesma direção das tabelas acima a Ciências Biológicas aparece novamente em primeiro lugar na lista de formação dos coorientadores, porém desta vez empatado com Meteorologia. Percebe-se novamente uma grande diversificação de áreas da ciências na formação dos coorientadores, como pode ser observado na Tabela 9. Reforçando a análise anterior.

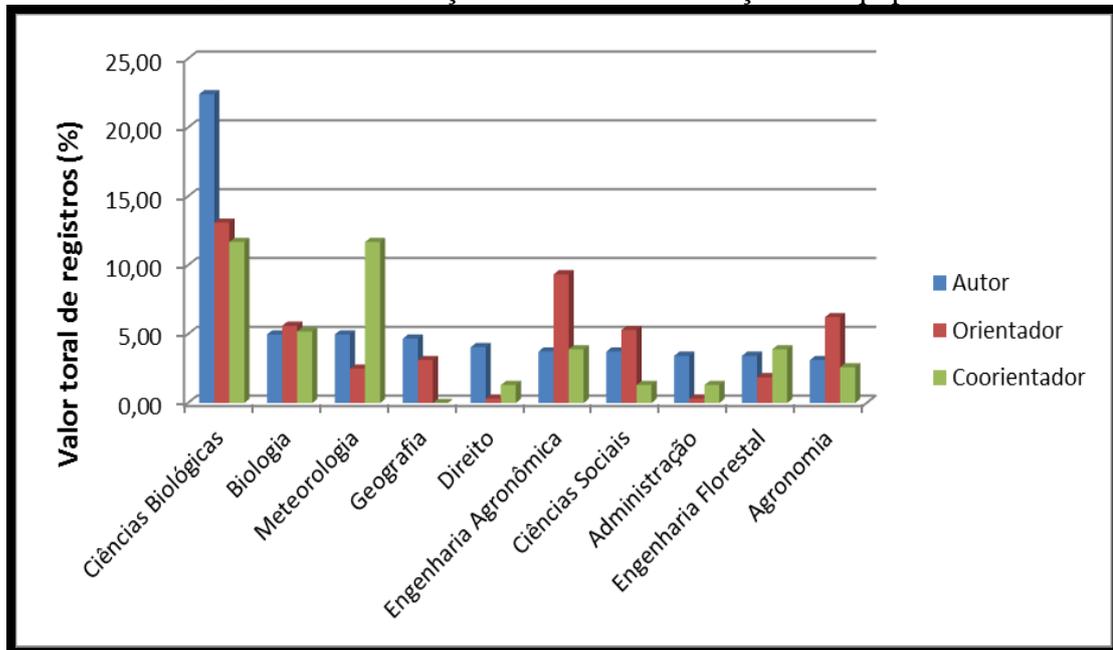
Tabela 9 - Produção Científica x Formação do Coorientador

Num.	Graduação do Coorientador	Total	%
1	Ciências Biológicas	9	11,69
2	Meteorologia	9	11,69
3	Física	7	9,09
4	Biologia	4	5,19
5	Ecologia	4	5,19
6	Sociologia	3	3,90
7	Engenharia Agrônômica	3	3,90
8	Engenharia Florestal	3	3,90
9	Engenharia de Recursos Hídricos	3	3,90
10	Engenharia Cartográfica	2	2,60

Fonte: Autora (2018).

Para reproduzir as informações das tabelas anteriores em um único gráfico, de forma a facilitar a análise da formação dos três envolvidos na confecção das teses, foi construído o Gráfico 4 que apresenta de forma pictorial essa informação acerca da formação da equipe.

Gráfico 4 – Produção Científica x Formação da Equipe



Fonte: Autora (2018).

Fica evidente a predominância decrescente de Ciências Biológicas nos autores (22,43%), orientadores (13,08%) e coorientadores (11,69%), além de certa homogeneidade entre as demais formações, exceção apenas a Meteorologia, que foi impulsionada por causa dos coorientadores do INPE, e Engenharia Agrônômica e Agronomia, que foi impulsionada pelos orientadores da ESALQ. Os resultados apresentados nas Tabelas 7, 8,9 e unificados no Gráfico 4 deixam claro que o indicador de interdisciplinaridade na formação (graduação) da equipe das teses atende os pré-requisitos descritos no Documento da Área CiAmb: Ser composto por corpo docente e discente que contemple formações diversificadas.

A Tabela 10 apresenta a formação do autor, de acordo com cada IES, onde fica evidente a predominância de Ciências Biológicas em todas as IES, com exceção do INPE, onde predomina Meteorologia, devido à própria natureza desta instituição, deixando Ciências Biológicas em segundo lugar. As demais formações estão distribuídas, de maneira considerada uniforme, em todas as IES, de forma a confirmar mais uma vez a interdisciplinaridade não somente na formação dos egressos, como também, uma distribuição diversificada de formação nas IES dos programas os quais as teses foram desenvolvidas.

Tabela 10 – Produção Científica x Formação do Autor x IES

Formação	ESALQ	INPE	UFG	UNB	Unicamp	USP	Total geral
Ciências Biológicas	22	7	11	11	10	11	72
Biologia	2	0	5	1	6	2	16
Meteorologia	3	12	1	0	0	0	16
Geografia	3	3	2	5	2	0	15
Direito	5	0	3	2	0	3	13
Engenharia Agrônômica	6	1	3	2	0	0	12
Ciências Sociais	1	0	1	5	4	1	12
Administração	2	0	3	3	1	2	11
Engenharia Florestal	4	3	0	3	1	0	11
Agronomia	3	1	1	4	1	0	10
Engenharia Ambiental	0	5	3	0	1	0	9
Arquitetura e Urbanismo	0	0	2	1	1	3	7
História	1	0	1	2	3	0	7
Ecologia	2	1	1	0	2	1	7
Turismo	1	0	0	5	0	0	6

Fonte: Autora (2018).

Na análise da formação dos orientadores, conforme Tabela 11, apesar da predominância geral de Ciências Biológicas, ela não repete a mesma hegemonia em todas as IES, pois apenas na UFG e Unicamp ela aparece em primeiro lugar. Na ESALQ predomina Engenharia Agrônômica e Agronomia, no INPE é a Meteorologia, na UNB é Ciências Sociais e Ciências Econômicas e na USP é a Biologia. Esse é um indicador muito importante de interdisciplinaridade, pois não há uma concentração de orientadores de uma mesma área em todas as IES estudadas.

Tabela 11 – Produção Científica x Formação do orientador x IES

Formação	ESALQ	INPE	UFG	UNB	Unicamp	USP	Total geral
Ciências Biológicas	9	1	17	3	12	0	42
Engenharia Agrônômica	17	2	0	6	3	2	30
Agronomia	13	5	0	1	1	0	20
Biologia	4	0	0	2	5	7	18
Ciências Econômicas	0	0	4	14	0	0	18
Ciências Sociais	0	0	0	16	0	1	17
Geologia	0	0	5	10	0	2	17
Engenharia Civil	0	4	4	1	0	5	14
Ecologia	2	3	0	0	8	0	13
Economia Doméstica	12	0	0	0	0	0	12
Geografia	0	0	6	1	0	3	10
Química	0	0	9	0	0	0	9
Meteorologia	0	8	0	0	0	0	8
Antropologia	0	1	0	6	0	0	7
História	0	0	0	4	3	0	7

Fonte: Autora (2018).

Analisando as formações dos coorientadores na Tabela 12, percebe-se novamente a predominância de Ciências Biológicas, porém desta vez empatada com Meteorologia. Outra diferença importante é o fato da primeira estar distribuída em todas as IES, enquanto a segunda se faz presente apenas no INPE. No entanto, é possível constatar que a interdisciplinaridade na formação (graduação) dos coorientadores por IES é perceptível ao verificarmos que existem formações em diversos campos do conhecimento.

Tabela 12 – Produção Científica x Formação do Coorientador x IES

Formação	ESALQ	INPE	UFG	UNB	Unicamp	USP	Total geral
Ciências Biológicas	1	1	2	1	3	1	9
Meteorologia	0	9	0	0	0	0	9
Física	0	7	0	0	0	0	7
Biologia	0	3	0	0	1	0	4
Ecologia	1	2	0	0	1	0	4
Sociologia	0	0	3	0	0	0	3
Engenharia Agrônômica	0	0	0	1	2	0	3
Engenharia Florestal	0	1	1	1	0	0	3
Engenharia de Recursos Hídricos	0	3	0	0	0	0	3
Agronomia	0	1	1	0	0	0	2

Fonte: Autora (2018).

As tabelas anteriores foram utilizadas para identificar a formação de autores, orientadores e coorientadores de forma isolada, apesar de ter sido explorado o ambiente em cada IES separadamente, não foi possível observar a interdisciplinaridade na composição de cada equipe responsável pela construção das teses.

Essa informação está disponível na Tabela 13, em forma de percentual, onde se observa que 78,2% das equipes tinham pelo menos duas formações diferentes em sua composição, considerando todas as IES juntas, e apenas 18,71% das equipes eram compostas por dois ou três integrantes com a mesma graduação (autor, orientador e coorientador, quando fosse o caso). Esse indicador é muito relevante para a identificação de Interdisciplinaridade da equipe, conforme estipula o Documento da Área de Ciências Ambientais, onde se verifica que a maior porcentagem das equipes é composta por pessoas com formação diferenciadas, o que pressupõe a disponibilidade das equipes em trabalharem em pesquisas de caráter interdisciplinar.

Tabela 13 – Produção Científica x Interdisciplinaridade da equipe (Formação)

Critério	Total	%
Equipe interdisciplinar	255	78,2
Equipe disciplinar	61	18,71
Não identificado	10	3,07

Fonte: Autora (2018).

Conforme apresentado na Tabela 14, a distribuição percentual de Interdisciplinaridade das equipes referente a formação (graduação) sofreu pequenas flutuações, quando analisada cada IES separadamente. O maior índice foi alcançado do INPE, com 82%, enquanto menor ficou por conta da ESALQ, com 75%, ou seja, a variação foi apenas de 7% entre o maior e o menor resultado. Comprovando que mesmo as equipes das teses analisadas por IES separadamente contemplam a interdisciplinaridade em suas formações atendendo aos requisitos da Área.

Tabela 14 - Produção Científica x Interdisciplinaridade na Formação da equipe x IES

Critério	UFG		Critério	USP	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	41	75,93	Equipe interdisciplinar	27	77,14
Equipe disciplinar	12	22,22	Equipe disciplinar	8	22,86
NÃO identificado	1	1,85	NÃO identificado	0	0,00
Critério	UNB		Critério	INPE	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	63	80,77	Equipe interdisciplinar	41	82,00
Equipe disciplinar	11	14,10	Equipe disciplinar	5	10,00
NÃO identificado	4	5,13	NÃO identificado	4	8,00
Critério	UNICAMP		Critério	ESALQ	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	29	78,38	Equipe interdisciplinar	54	75,00
Equipe disciplinar	8	21,62	Equipe disciplinar	17	23,61
NÃO identificado	0	0,00	NÃO identificado	1	1,39

Fonte: Autora (2018).

Da mesma forma que foi analisada a produção científica por formação específica do autor das teses, será apresentada essa mesma produção, porém separada de acordo com as Grandes Áreas do conhecimento conforme a tabelas do CNPq, como apresentado na Tabela 15.

Tabela 15 - Produção Científica x Área CNPq do autor

Num.	Área CNPq do Autor	Total	%
1	Ciências Biológicas	95	29,14
2	Ciências Agrárias	64	19,63
3	Ciências Sociais Aplicadas	62	19,02
4	Ciências Exatas e da Terra	32	9,82
5	Ciências Humanas	32	9,82
6	Outros	14	4,29
7	Engenharias	13	3,99
8	NÃO identificado	8	2,45
9	Linguística, Letras e Artes	4	1,23
10	Ciências da Saúde	2	0,61
	Total Geral	326	100%

Fonte: Autora (2018).

Conforme visualizado da Tabela 15, a área de Ciências Biológicas despontou com grande destaque, com 29,14%, visto que a formação em Ciências Biológicas já havia aparecido com destaque em resultado já apresentado anteriormente. As áreas de Ciências Agrárias e Ciências Sociais Aplicadas também tiveram destaque, com cerca de 19%. Importante destacar que todas as áreas do CNPq foram contempladas nessa distribuição o que favorece para atender o indicador de interdisciplinaridade.

Essa mesma tendência foi percebida na distribuição das publicações por área CNPq do orientador, porém com uma ligeira diminuição da margem de diferença das Ciências Biológicas e a inversão entre as Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Exatas e da Terra. Considera-se aqui a mesma análise feita na tabela 15 referente à contemplação de todas as áreas do conhecimento atendo as exigências da Área.

Tabela 16 - Produção Científica x Área CNPq do orientador

Num.	Área CNPq do Orientador	Total	%
1	Ciências Biológicas	73	22,39
2	Ciências Agrárias	61	18,71
3	Ciências Exatas e da Terra	48	14,72
4	Ciências Sociais Aplicadas	41	12,58
5	Ciências Humanas	40	12,27
6	Engenharias	32	9,82
7	Outros	20	6,13
8	NÃO identificado	7	2,15
9	Linguística, Letras e Artes	3	0,92
10	Ciências da Saúde	1	0,31
	Total Geral	326	100

Fonte: Autora (2018).

Já em relação ao coorientador, houve variações significativas, principalmente pela quebra da hegemonia das Ciências Biológicas, que passou para o segundo lugar, pois as

Ciências Exatas e da Terra assumiram o posto de maior destaque, principalmente por causa do INPE, que contribuiu com dezesseis registros dos vinte anotados, só considerando a formação em Física e Meteorologia (Tabela 17). Observa-se também que em relação às áreas do conhecimento contempladas nas formações dos coorientadores há grande evidencia interdisciplinar, aja visto, as variedades de áreas apresentadas na tabela abaixo.

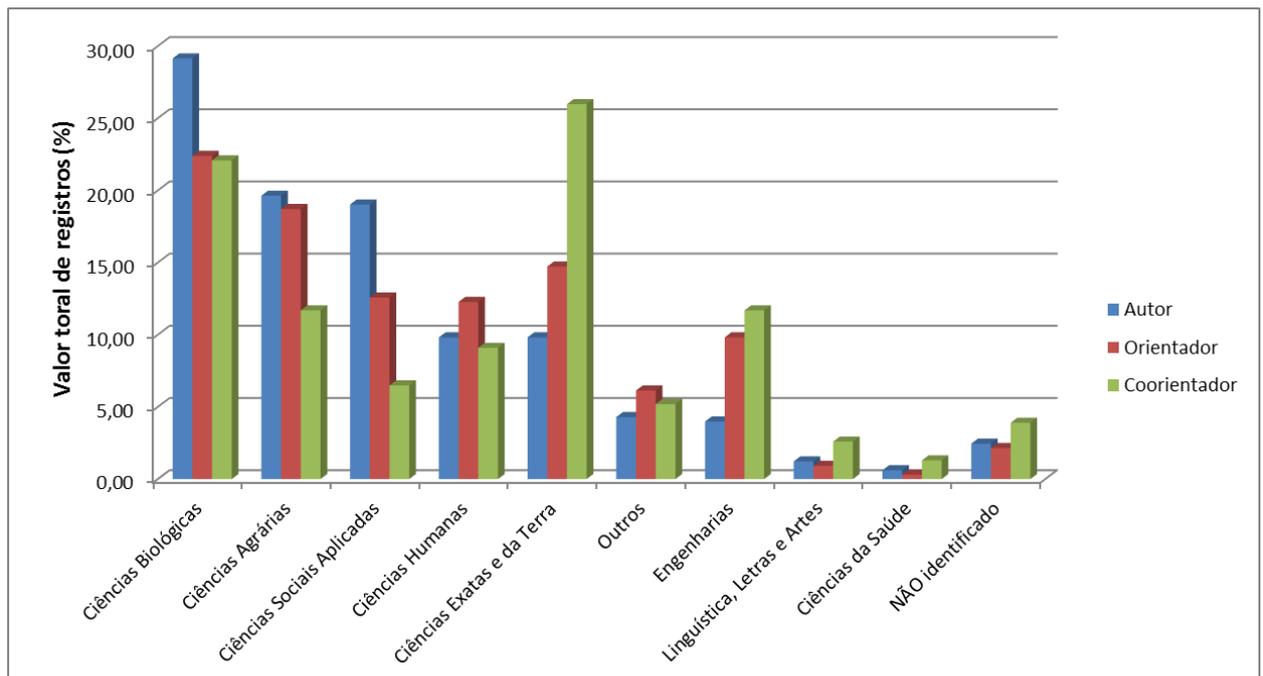
Tabela 17 - Produção Científica x Área CNPq do coorientador

Num.	Área CNPq do Coorientador	Total	%
1	Ciências Exatas e da Terra	20	25,97
2	Ciências Biológicas	17	22,08
3	Ciências Agrárias	9	11,69
4	Engenharias	9	11,69
5	Ciências Humanas	7	9,09
6	Ciências Sociais Aplicadas	5	6,49
7	Outros	4	5,19
8	NÃO identificado	3	3,90
9	Linguística, letras e artes	2	2,60
10	Ciências da Saúde	1	1,30
	Total Geral	77	100

Fonte: Autora (2018).

Para reproduzir as informações das tabelas anteriores em um único gráfico, de forma a facilitar a análise da Área do CNPq dos três envolvidos na confecção das teses, foi construído o Gráfico 5, que apresenta de forma pictorial essa informação acerca da formação da equipe.

Gráfico 5 – Produção Científica x Áreas do CNPq



Fonte: Autora (2018).

Mais uma vez, percebe-se a predominância decrescente de Ciências Biológicas nos autores (29,14%) e orientadores (22,39%), porém quem se destacou nos coorientadores foi Ciências Exatas e da Terra (25,97%). Todas as áreas do CNPq foram contempladas em todos os quesitos analisados, com certa homogeneidade, exceção apenas a Ciências da Saúde e Linguística, Letras e Artes, que tiveram resultados pouco expressivos. Os resultados das tabelas 15,16,17 unificadas no Gráfico 5 demonstram que no indicador de interdisciplinaridade nas Grandes Áreas do Conhecimento - CNPq equipes das teses se destacam como interdisciplinar.

Para aprofundar a análise sobre a questão da área CNPq, considerando os dois principais integrantes das equipes (orientador e egresso), o Quadro 7 traz a relação direta das áreas dos conhecimento envolvendo autores e orientadores.

Quadro 7 - Produção científica X Áreas CNPq (relação autor x orientador)

Área - aluno	Área - orientador										Total
	Não identificado	Ciências agrárias	Ciências biológicas	Ciências da saúde	Ciências exatas e da terra	Ciências humanas	Ciências sociais aplicadas	Engenharias	Linguística, letras e artes	Outros	
Não identificado	5	4	3	0	4	4	2	2	0	1	25
Ciências agrárias	2	15	9	0	7	9	5	3	0	2	52
Ciências biológicas	0	26	42	0	5	6	3	5	2	3	92
Ciências da saúde	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2
Ciências exatas e da terra	0	4	2	0	17	1	1	5	0	1	31
Ciências humanas	0	5	6	0	6	7	3	3	0	4	34
Ciências sociais aplicadas	1	4	7	1	7	11	18	6	0	7	62
Engenharias	0	2	0	0	0	0	1	7	0	2	12
Linguística, letras e artes	0	1	0	0	0	0	2	0	0	1	4
Outros	0	1	4	0	2	0	1	0	0	4	12
Total	8	62	73	1	48	39	36	31	3	25	326

Fonte: Autora (2018).

Analisando a matriz de correlação, considerando todas as Áreas CNPq para autor e orientador, percebe-se que das 81 combinações possíveis, 49 (60,5%) foram contempladas com pelo menos uma equipe formada por essas áreas, com destaque para a combinação Ciências Biológicas (autor) x Ciências Biológicas (orientador), com 42 registros.

Se fosse possível desconsiderar as áreas de Ciências da Saúde e Linguística, Letras e Artes, visto que elas não se integram tão bem à CiAmb quanto às demais Áreas CNPQ e não possuíam muitos alunos e orientadores nos programas analisados, esse resultado poderia ser muito melhor (81,48%), pois essas áreas contribuíram com dezessete registros em branco, ou 20,99%.

De acordo com o Documento da Área, a CiAmb foi criada como resposta para a complexidade dos problemas ambientais, face à indissociabilidade entre sistemas antrópicos e naturais. Vieira (2009), afirma que a problemática ambiental também pode ser traduzida em uma problemática econômica, tecnológica, social, institucional e cultural (VIEIRA, 2009). Por esse motivo que os dados apresentados na Tabela 18 são de fundamental importância, pois ele apresenta quais dos três “universos” (ambiental, social ou tecnologia) estiveram presentes na pesquisa desenvolvida nas Teses.

Tabela 18 - Produção científica X Integração (ambiental, social, tecnologia)

Critério	Total	%
Ambiental	313	96,01
Social	240	73,62
Tecnológico	48	14,72
Só Ambiental	64	19,63
Só Social	7	2,15
Só Tecnológico	0	0,00
Ambiental + Social	201	61,66
Ambiental + Tecnológico	16	4,91
Social + Tecnológico	0	0,00
Todas as 3 áreas	32	9,82
No mínimo 2 áreas	249	76,38
Somente 2 áreas	217	66,56
Somente 1 área	71	21,78
Nenhuma área	6	1,84

Fonte: Autora (2018).

Percebe-se que o eixo ambiental esteve presente em quase todas as pesquisas, com 96,01%, enquanto que o eixo social aparece pouco atrás, com 73,62%, já o eixo de tecnologia teve pouca expressão, com apenas 14,72%. Outro dado importante é o fato da maioria das Teses ter incluído no mínimo dois eixos (76,38%), entretanto somente 9,82% trabalharam os três eixos. O Documento da Área estabelece que os projetos de pesquisas devam abordar a interdisciplinaridade que integrem as questões ambientais, sociais e tecnológicas. Ao analisar a Tabela 18 verifica-se que esse pré-requisito é mais expressivo na integração Ambiente-Sociedade, embora, é possível vê-lo com menos intensidade na integração Ambiente-Tecnologia. Podemos considerar que apesar de poucas pesquisas abordarem os três “universos” há interdisciplinaridade nas teses analisadas.

Já a Tabela 19 apresenta uma relação das áreas temáticas com o indicador interdisciplinar de integração (ambiental x social x tecnologia), onde é perceptível a mesma

tendência do gráfico anterior, com hegemonia do eixo ambiental em praticamente todos os resultados. Uma fração considerável das temáticas trabalhou com a parte social, exceção feita a Meteorologia, Ecologia Molecular, Climatologia, Hidrologia, Energia Renovável e Modelagem de Recursos Naturais. Já em relação ao eixo da tecnologia, apenas Climatologia, Energia Renovável e Modelagem de Recursos Naturais tiveram destaque. Esse resultado está diretamente relacionado à tabela anterior, porém importa reforçar que a maior parte das Temáticas trabalhadas apresentam os três eixos (ambiente, tecnologia e sociedade).

Tabela 19 - Produção científica X Temática X integração (ambiental x social x tecnologia)

Área temática	Ambiental		Social		Tecnológico	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Políticas públicas	19	0	18	1	0	19
Recursos hídricos	14	0	13	1	3	11
Desenvolvimento sustentável	13	0	13	0	2	11
Sustentabilidade	11	2	12	1	1	12
Gestão ambiental	11	0	11	0	2	9
Conservação da natureza	10	0	9	1	3	7
Impacto ambiental	10	0	9	1	3	7
Meteorologia	10	0	0	10	2	8
Agricultura familiar	8	0	8	0	2	6
Climatologia	8	0	3	5	5	3
Ecologia molecular	8	0	0	8	1	7
Educação ambiental	8	0	8	0	0	8
Turismo sustentável	6	2	8	0	1	7
Vulnerabilidade ambiental	8	0	7	1	0	8
Hidrologia	7	0	1	6	0	7
Mídia e ambiente	5	1	5	1	1	5
Segurança alimentar	6	0	6	0	1	5
Direito ambiental	5	0	4	1	1	4
Energia renovável	5	0	1	4	4	1
Expansão agrícola	5	0	4	1	2	3
Governança ambiental	5	0	5	0	0	5
Manejo de recursos naturais	5	0	5	0	0	5
Modelagem recursos naturais	5	0	1	4	4	1
Resíduos sólidos	5	0	4	1	0	5
Saúde e meio ambiente	5	0	5	0	0	5

Fonte: Autora (2018).

A Tabela 20 apresenta, em forma de percentual, qual a interdisciplinaridade da equipe por áreas do CNPq, onde se observa que 65,64% das equipes tinham pelo menos duas formações diferentes em sua composição, considerando todas as IES juntas, e 31,29% das equipes eram compostas por dois ou três integrantes com a mesma área do CNPq. Esse indicador é muito relevante para a identificação de Interdisciplinaridade da equipe, conforme estipula o Documento da Área de Ciências Ambientais.

Tabela 20 – Produção Científica x Interdisciplinaridade na Formação da equipe (áreas CNPq)

Critério	Total	%
Equipe interdisciplinar	214	65,64
Equipe disciplinar	102	31,29
NÃO identificado	10	3,07

Fonte: Autora (2018).

Conforme apresentado na Tabela 21, a distribuição percentual de Interdisciplinaridade das equipes (áreas CNPq) sofreu grandes flutuações, quando analisada cada IES separadamente. O maior índice foi alcançado pela USP, com 71,43%, enquanto o menor ficou por conta da ESALQ, com 56,94%, ou seja, a variação foi de 14,49%, mais que o dobro da variação obtida na Tabela 14 que analisou a Interdisciplinaridade nas equipes, levando em consideração a Formação (autor, orientador, coorientador). Embora a variação tenha dado o dobro da tabela anterior quando analisadas de forma geral, a análise feita separadamente por IES continua apresentando indicador de interdisciplinaridade que atende aos pré-requisitos estabelecido no Documento da Área CiAmb dentro das Grandes áreas do conhecimento.

Tabela 21 - Produção Científica x Interdisciplinaridade da equipe (áreas CNPq) x IES

Critério	UFG		Critério	USP	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	35	64,81	Equipe interdisciplinar	25	71,43
Equipe disciplinar	18	33,33	Equipe disciplinar	10	28,57
NÃO identificado	1	1,85	NÃO identificado	0	0,00
Critério	UNB		Critério	INPE	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	55	70,51	Equipe interdisciplinar	32	64,00
Equipe disciplinar	19	24,36	Equipe disciplinar	14	28,00
NÃO identificado	4	5,13	NÃO identificado	4	8,00
Critério	UNICAMP		Critério	ESALQ	
	Total	%		Total	%
Equipe interdisciplinar	26	70,27	Equipe interdisciplinar	41	56,94
Equipe disciplinar	11	29,73	Equipe disciplinar	30	41,67
NÃO identificado	0	0,00	NÃO identificado	1	1,39

Fonte: Autora (2018).

Com base nos resultados apresentados nessa pesquisa, evidenciou-se que as teses defendidas entre 2011 e 2017, nos programas com notas 6 e 7 da CAPES, apresentam a interdisciplinaridade demandada pelo Documento da Área, em todos os cenários previstos:

corpo discente, corpo docente, composição da equipe, temas e integração (ambiente-sociedade-tecnologia).

O corpo discente (autores das teses) apresentou grande variação na formação (graduação), com destaque para Ciências Biológicas, com 22,43% dos registros, e uma diversidade de outras graduações bem heterogêneas, como Meteorologia, Direito e Engenharia Florestal, entre outras.

Quando analisado o corpo discente, do ponto de vista da Área CNPq relativa à formação do autor, percebe-se que a tendência de hegemonia das Ciências Biológicas se manteve, com 29,14% dos resultados, seguida agora mais de perto pelas Ciências Agrárias (19,63%) e Ciências Sociais Aplicadas (19,02%). As áreas de Ciências da Saúde (0,61%) e Linguística, Letras e Artes (1,23%) tiveram resultados pouco expressivos, indicando pouca aderência dessas áreas com a CiAmb, pois poucos alunos com essa formação específica procuraram os programas de pós-graduação analisados, sem, contudo, impactar no índice de interdisciplinaridade exigida pelo Documento da Área.

O corpo docente, por sua vez, apresentou resultados bem parecidos com o do corpo discente, mantendo o destaque das Ciências Biológicas para a formação do orientador (13,08%) e coorientador (11,69%), porém com taxas ligeiramente menores. A diversidade de graduações também pode ser percebida nessa análise dos resultados.

Já em relação a área CNPq do corpo docente, as Ciências Biológicas mantiveram a hegemonia entre os orientadores (22,39%), mas perderam a primeira posição para as Ciências Exatas e da Terra entre os coorientadores (25,97%). As demais observações são as mesmas para o corpo discente.

Quando realizados os cruzamentos desses dois índices, relativos aos docentes e discentes, tem-se a análise relativa à composição da equipe, onde ficou evidente que existe a interdisciplinaridade determinada pelo Documento da Área, pois isso foi detectado em 78,2% das equipes, quando analisadas sob a ótica da formação do pesquisador, e 65,64% das equipes, quando analisadas sob a ótica da área CNPq dos integrantes.

Esse índice não foi tão homogêneo, quando analisado independentemente para cada IES, tendo sido destaques maiores o INPE e a USP, respectivamente nos quesitos "graduação" e "área CNPq", e com destaque menor a ESALQ, que obteve o menor resultado nos dois quesitos. Especificamente quanto à Área CNPq, a ESALQ obteve um índice quase 10% abaixo da média, isso pode ser imputado ao fato da grande concentração de recursos humanos oriundos das Ciências Agrárias, pois essa universidade possui um escopo de pesquisa bastante definido e dedicado a essa temática.

A diversidade de temas abordados nas teses também evidenciou a interdisciplinaridade, pois foram 104 temas diferentes tratados ao longo das 322 teses tabuladas, distribuídos aleatoriamente em assuntos relacionados a aspectos ambientais e da sociedade, desde "políticas públicas" a "meteorologia", por exemplo, sem grande predominância de um tema específico sobre os demais.

Finalmente, a análise da integração de aspectos relacionados ao meio ambiente, à sociedade e ao uso de tecnologia apresentou resultados que também denotam a existência da interdisciplinaridade, pois 76,38% das teses abordaram, no mesmo estudo, pelo menos dois desses "campos" em suas pesquisas, com destaque para o fator ambiental, com 96,01%, e o fator sociedade, com 73,62%. Apesar desse bom resultado global, ressalta-se a necessidade de aumentar os aspectos de tecnologia nos estudos, pois apenas 14,72% das pesquisas envolveram alguma tecnologia ou inovação, considerando aprimoramento ou criação de método, técnicas, produtos e serviços ou uso de tecnologias no meio ambiente e seus impactos.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a Interdisciplinaridade nas teses dos programas CAPES 6 e 7 defendidas entre 2011 a 2017, considerando as características descritas no “Documento da Área: Ciências Ambientais” referente aos anos 2016-2017.

Essa análise envolveu o uso de técnicas bibliométricas para mapeamento das produções científicas, verificação da integração ambiental, social e tecnológica, além da averiguação da formação diversificada dos docentes e discentes tanto no que se refere a graduação, quanto a Grande área do conhecimento, bem como a apuração da interdisciplinaridade entre as formações do autor, orientador e coorientador.

Os resultados mostraram que, em relação aos temas tratados nas teses, houve uma grande pluralidade de assuntos pesquisados. Esse é um indicativo da interdisciplinaridade dos programas, pois não teve um tema com grande destaque perante os demais, apesar da concentração de alguns temas em determinadas IES.

Do ponto de vista da formação, Ciências Biológicas teve grande destaque, em todos os aspectos, porém as demais graduações estavam bem distribuídas entre as diversas formações existentes. Essa mesma tendência foi observada na análise das Grandes Áreas do Conhecimento baseada na tabela do CNPq, também com uma hegemonia das Ciências Biológicas, porém é importante destacar que todas as áreas do CNPq foram contempladas nessa distribuição, sem exceção.

Já em relação à diversidade na formação dos integrantes da equipe, observou-se resultados que reforçaram a existência desse aspecto da interdisciplinaridade, pois 79,5% das equipes tinham pelo menos duas formações diferentes em sua composição, considerando todas as IES juntas, e apenas 18,94% das equipes eram compostas por dois ou três integrantes com a mesma graduação (autor, orientador e coorientador, quando fosse o caso). Em relação às áreas do CNPq, observou-se resultados similares, porém ligeiramente abaixo do anterior, pois 65,64% das equipes tinham pelo menos duas áreas diferentes em sua composição, considerando todas as IES juntas, e 31,29% das equipes eram compostas por dois ou três integrantes com a mesma área do CNPq. Esse indicador é muito relevante para a identificação de Interdisciplinaridade da equipe, conforme estipula o Documento da Área de Ciências Ambientais.

A análise da integração temática mostrou que o eixo ambiental esteve presente em quase todas as pesquisas, com 96,01%, enquanto que o eixo social aparece pouco atrás, com 73,62%, já o eixo de tecnologia teve pouca expressão, com apenas 14,72%. Outro dado

importante é o fato da grande maioria das Teses ter incluído no mínimo dois eixos (76,38%), entretanto somente 9,82% trabalharam os três eixos.

Diante do exposto, conclui-se que os aspectos de Interdisciplinaridade para a formação da equipe, temas e integração ambiental, social e tecnológico, exigidos para a área de Ciências Ambientais, estão presentes nas teses dos programas de pós-graduação da CAPES 6 e 7, apesar de certa concentração dos temas e formações em determinadas IES, em virtude da cultura e expertise existente em IES como INPE (Meteorologia) e ESALQ (Engenharia Agrônômica e Agronomia), bem como em relação a integração ambiente-tecnologia-sociedade as teses devem envolver mais aspectos que contemplem as tecnologias.

Esse trabalho teve como contribuição fornecer subsídios para a gestão mais eficiente dos programas CAPES 6 e 7, como também veio colaborar para que outros programas inseridos na CiAmb tenham desempenho semelhantes a esses programas no que tange a avaliação das características interdisciplinares, à medida que constatou que os programas analisados evidenciam a interdisciplinaridade nas teses da área de Ciências Ambientais, aspecto fundamental e base sobre a qual essa área foi alicerçada, bem como identificou algumas oportunidades de melhorias em alguns aspectos, conforme consta nesse conclusão, de forma a assegurar que os objetivos que deram origem a área de Ciências Ambientais estão sendo alcançados na plenitude e de forma excelente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <
<http://revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewFile/3707/3495> >
 Acesso em: 10 maio 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- BRASIL. Ministério da educação. Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Documento de avaliação da área**: ciências ambientais. Brasília, 2011.
- BRASIL. Ministério da educação. Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Documento de avaliação da área**: interdisciplinar. Brasília, 2013.
- BRASIL. Ministério da educação. Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Documento de avaliação da área**: ciências ambientais. Brasília, 2016.
- BRASIL. Ministério do meio ambiente. Brasília, 2011. Disponível em: <
<http://www.mma.gov.br/governanca-ambiental/informacao-ambiental/sistema-nacional-de-informacao-sobre-meio-ambiente-sinima/indicadores> > Acesso: 8 fev.2017.
- BUFREM, L.; Prates, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28551> > Acesso em: 03 mar. 2017.
- CARVALHO, Maria Beatriz Maury de. **O mosaico e o caleidoscópio: da multi à interdisciplinaridade na universidade**. 2014. 257 f, il. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- COIMBRA, J. A. A. Considerações sobre a interdisciplinaridade. In: PHILIPPI, A. JR. et al. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.
- FIGUEIREDO, Carla Taciane. **Ciências ambientais no Brasil**: história, métodos e processos. 2016.150 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.
- FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez,1996.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.
- FRANCO, M. de A. R.. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. 2. ed. São Paulo: Annablume. 2008.

FERNANDES, V.; SAMPAIO C. A. C. **Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente.** Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR), v. 18, p. 87-94, 2008. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/made/article/viewFile/13427/9051> >. Acesso em: 27 mar. 2018.

GUZMÁN SÁNCHEZ, M. V. (1999). **Patentometría: herramienta para el analisis de oportunidades tecnológicas.** 130 p. La Habana, 1999. Tesis (Gerencia de información tecnológica)- Facultad de Economía. Universidad de La Habana: La Habana. Disponível em: < <https://www.scienceopen.com/document?vid=484a5479-26e2-4d97-b71b-0288bd97aadf> > Acesso em: 10 de Fev. 2018.

HAYASHI, C. R. M. Apontamentos sobre a coleta de dados em estudos bibliométricos e cientométricos. **Filosofia e Educação**, v.5, n.2, p. 89-101, 2013.

HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento:** educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IGAMI, M. P.Z. **Elaboração de indicadores de produção científica com base na análise cientométrica das dissertações e teses do IPEN.** 2011.179f. Tese (Doutoramento) –Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares – IPEN-CNEN/SP, São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://repositorio.ipen.br:8080/xmlui/handle/123456789/8930/browse?value=IGAMI%2C+MERY+P.Z.&type=author> > Acesso em: 14 abr.2017.

IGAMI, M. P.Z; FUNARO, V. M. B. O.; BRESSIANI, J. C. Estudo longitudinal das dissertações e teses para obtenção de indicadores científicos. **RBPG**, Brasília, v. 11, n. 25, p. 683 – 704, 2014. Disponível em : <<http://ojs.rbpg.BRASIL.gov.br/index.php/rbpg/article/view/444/pdf>: > Acesso em: 14 abr.2017.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago,1976.

KOBASHI, Nair e SANTOS, R N M. Arqueologia do trabalho imaterial. In: ENANCIB, 7, 2006. Marília, São Paulo. **Anais...** Marília: UNESP, 2006.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar:** fundamentos teóricos e metodológicos. 6.ed. São Paulo: Vozes, 1994.

LUZZI, D. A.; PHILIPPI JR., A. Interdisciplinaridade, pedagogia e didática da complexidade na formação superior. In: **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**[S.l: s.n.], 2011.

MACIAS-CHAPULA, C.A. O papel da infometria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ci. Inf.**, v. 27, n.2, p. 134-140,1998. Disponível em: < http://www.tce.sc.gov.br/files/file/biblioteca/o_papel_da_infometria.pdf > Acesso em: 6 jun. 2017.

MAGALHÃES, E.M. **Interdisciplinaridade**: por uma pedagogia não fragmentada. Disponível em: < [www.ichs.ufop.br/AnaisImemorial %20do%20ICHS/](http://www.ichs.ufop.br/AnaisImemorial%20do%20ICHS/) >. Acesso em: 14 de novembro de 2017.

MARICATO, J. M. **Dinâmicas das relações entre ciências e tecnologia**: estudo bibliométrico e cientométrico de múltiplos indicadores de artigos e patentes em biodiesel. 2010. 378 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-17112010-131149/pt-br.php> > Acesso em: 14 mai. 2017.

MEDEIROS, J. M. G.; VITORIANO, M. A. V. A evolução da bibliometria e sua interdisciplinaridade na produção científica brasileira. **RDBCI**. V. 13, n. 3, set. /dez. 2015. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/issue/view/704> > Acesso em: 06 ago. 2017.

MUGNAINI, R.; CARVALHO, T.; CAMPANATTI-OSTIZ, H. Indicadores de produção científica: uma discussão conceitual. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G.P.; SILVA, J. F. M. da. **Comunicação & produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p.313-340. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000148&pid=S1413-9936201200020000400007&lng=pt > Acesso em: 25 de jul. 2017.

NORONHA, D. P.; MARICATO, J. O. M. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. esp., p. 116-128, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/5005> . Acesso em: 11 Abr. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano**. Estocolmo, 1972. Disponível em: < <http://www.un-documents.net/aconf48-14r1.pdf> >. Acesso em: 25 mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 21**: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **O Futuro que queremos**: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/66/288&Lang=E >. Acesso em: 25 mar. 2018.

PADUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados** [on-line]. v. 24, n.68, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100009&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 25 mar. 2018.

PHILIPPI JR, A. et al. Desenvolvimento sustentável, interdisciplinaridade e Ciências Ambientais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 10, n. 21, p. 509 - 533, outubro de 2013. Disponível em: < <http://ojs.rbpg.BRASIL.gov.br/index.php/rbpg/article/viewFile/423/353> >. Acesso em: 27 mar. 2018.

PHILIPPI JR, A. et al. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/us000001.pdf> >. Acesso em: 27 mar. 2018.

PHILIPPI JR. A.; SILVA NETO, A. J. (Ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 123-142.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, 25: 348–349, 1969. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/236031787_Statistical_Bibliography_or_Bibliometrics > Acesso em: 15 de Dez. 2017.

POMBO, O. GUIMARÃES, H. M.; LEVY, T. **A interdisciplinaridade**: reflexão e experiência. Lisboa: Texto, 1994.

ROSTAING, H. **La bibliométrie et ses techniques**. Toulouse: Sciences de la Société., 1996. Disponível em: < http://www.master-vti.fr/web/IMG/pdf/La_bibliometrie_et_ses_techniques.pdf > Acesso em: 6 ago. 2017.

SANTOS, R. N. M. dos; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 155-172, 2009. Disponível em: < <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci> > Acesso em: 07 mar. 2017.

SILVA, D. J. da. O paradigma Transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental. 1. In: PHILIPPI, A. Jr. et al. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/us000001.pdf> > Acesso em: 06 de jun. 2017.

SILVA, M. R. da et al. Análise bibliométrica e cinetométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **R. Ci. Inf. E Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, jan./jun. 2011. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42337> > Acesso em: 20 jul. 2017.

SPINAK, E. L. De la bibliometría tradicional e la cientimetría en la web: son válidos los mismos paradigmas? Reflexiones primarias. **In: CONFERENCIA IBEROAMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRONICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**, 17-21 Nov. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://cipecc2008.ibict.br/index.php/CIPECC2008/cipecc2008>. Acesso em: 18 de abr. 2017.

VIANA, C. M.; SANTA-RITA, T. Apenas interdisciplinar? **Revista Mundo & Vida**, v. 2. Rio de Janeiro: UFF, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/cienciaambiental/mundoevinda.htm>. Acesso em: 14 de set. 2017.

VIEIRA, P. H. F. Políticas ambientais no Brasil: do preservacionismo ao desenvolvimento sustentável. **Política & Sociedade**, v. 8, n. 14, p. 27-78, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2175-7984.2009v8n14p27/10954> >. Acesso em: 27 mar. 2018.

WILLIAM W, HOOD.; CONCEPCIÓN, S. WILSON. The literature of bibliometrics, and informetrics. **Scientometrics**, vol. 52, No. 2 (2001) 291–314. Disponível em: < http://www.mastervti.fr/web/IMG/pdf/The_Literature_of_Bibliometrics_Scientometrics_and_Informetrics-2.pdf >. Acesso em: 15 de abr. 2018.

APÊNDICE A – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “TESES”

Cód.	IES	AUTOR	TÍTULO	ANO	TEMÁTICA
1	UFG	Kleber do Espírito Santo Filho	APLICAÇÃO DE MODELOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS PARA A REALIDADE DO CERRADO GOIANO	2011	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
2	UFG	Mayra Pimenta	CHRYSOMELIDAE (INSECTA/COLEOPTERA) COMO BIONDICADORES DE QUALIDADE AMBIENTAL EM ÁREAS DE CERRADO NO ESTADO DE GOIÁS - BRASIL	2011	BIOINDICADORES
3	UFG	Eloisa Pio de Santana	AS PRÁTICAS DA EXTENSÃO RURAL NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA: PRODUTORES FAMILIARES GOIANOS E A QUESTÃO AMBIENTAL (1975-2008)	2011	AGRICULTURA FAMILIAR
4	UFG	Teresa Cristina Ferreira Santos	A EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA EM BALSAS -AM	2011	EXPANSÃO AGRÍCOLA
5	UFG	Bruno de Souza Barreto	CONSERVAÇÃO DE MAMÍFERO NO CERRADO EM GOIÁS	2012	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
6	UFG	Simone Gonçalves Sales Assunção	Metodologia para avaliação de riscos ambientais em áreas urbanas da Região Metropolitana de Goiânia - GO	2012	AVALIAÇÃO AMBIENTAL
7	UFG	Ana Luiza Rios Caldas	Método de diagnóstico para gestão participativa de recursos hídricos: estudo de caso e modelagem conceitual com enfoque DPSIR	2012	GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS
8	UFG	Gabriel Tenaglia Carneiro	Processo de fragmentação e caracterização dos remanescentes de cerrado - análise ecológica da paisagem da Bacia do Rio dos Peixes (GO)	2012	EXPANSÃO AGRÍCOLA
9	UFG	Juliano Eduardo de Oliveira	Água: qualidade, interações ambientais e implicações sócio econômicas no estudo de caso do Lago dos Tigres (GO)	2012	QUALIDADE DA ÁGUA
10	UFG	Klaus de Oliveira Abdala	Dinâmica de competição agropecuária pelo uso do solo e implicações para a sustentabilidade dos recursos hídricos e remanescentes florestais	2012	DINÂMICA DE USO DO SOLO
11	UFG	Aldo Muro Júnior	Proposta de implementação de legislação ambiental, através de políticas de controle da poluição atmosférica, por meio de sistemas de monitoramento passivo	2013	DIREITO AMBIENTAL
12	UFG	Allan Valle Toledo da Silveira	Indicadores ecológicos multi-escala para avaliação de comunidades de macroinvertebrados aquáticos na Bacia do Rio dos Bois, GO - Doutorado	2013	INVERTEBRADOS AQUÁTICO
13	UFG	Cleonice Borges de Souza	Rede de poder canavieira do território goiano no período de 2006-2012: atores, interesses e recursos	2013	REDE DE PODER
14	UFG	Maria de Fátima Furtado Lima	O contexto socioambiental da tuberculose pulmonar em Juiz de Fora (MG)	2013	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
15	UFG	Osmar Pires Martins Júnior	Os fundamentos de gestão do espaço urbano para a promoção da função socioambiental da cidade: o caso de Goiânia - Doutorado	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS
16	UFG	Pedro Alves Vieira	Dinâmica de ocupação, vulnerabilidades e cenários para a bacia hidrográfica do Rio Vermelho, Goiás	2013	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
17	UFG	Rodrigo Antônio de Souza	A distribuição de uma Espécie Incomum: a utilização de modelos baseados em Nicho Ecológico para prever a distribuição futura do desmatamento na Amazônia Brasileira	2013	DESMATAMENTO AMBIENTAL

18	UFG	Brasilina Elisete Reis de Oliveira	Desenvolvimento rural sustentável e as condições de vida dos agricultores familiares na Zona da Mata Mineira: os casos comparados de Tombos e Araçuaia	2014	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
19	UFG	Carlos Romeu Montes Lopes	Impactos Ambientais da Agroindústria de Suínos no Sudoeste de Goiás: Modelo para o Alcance da Sustentabilidade da Atividade	2014	IMPACTO AMBIENTAL
20	UFG	Carlos Shiley Domiciano	Valores ambientais e desenvolvimento: um estudo de caso do Distrito de São Jorge e do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	2014	VALORAÇÃO AMBIENTAL
21	UFG	Crisliane Aparecida Pereira do Santos	Dinâmica da paisagem e a fragilidade natural e antrópica da fronteira agrícola no oeste da Bahia	2014	FRAGMENTAÇÃO AMBIENTAL
22	UFG	Cristina Maria Baesso Canônico Lopes	Consciência ambiental e políticas públicas municipais em Rio Pomba – MG	2014	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
23	UFG	Dayse Mysmar Tavares Rodrigues	Sustentabilidade do setor sucroalcooleiro na microrregião de Ceres – GO	2014	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
24	UFG	Edmar Geraldo de Oliveira	A expansão da cana-de-açúcar na região centro-oeste de Minas Gerais: cenário atual e tendências futuras	2014	EXPANSÃO AGRÍCOLA
25	UFG	Geórgia Ribeiro Silveira de Sant' Ana	Impactos sobre a biota e a qualidade de latossolos cultivados com cana-de-açúcar, em Quirinópolis, Goiás	2014	MANEJO DE RECURSOS NATURAIS
26	UFG	Geraldo Francisco Corrêa Alves de Lima	O gerenciamento de resíduos sólidos urbanos em Rio Pomba – MG na visão de atores sociais que participaram do processo	2014	RESÍDUOS SÓLIDOS
27	UFG	José Carlos Rodrigues Meira	Avaliação da relação entre a ocupação do solo e a qualidade físico-química e microbiológica do aquífero Guarani em Mineiros – GO	2014	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
28	UFG	Marcelo Zózimo da Silva	Comportamento morfológico, químico e físico-hídrico dos solos de área cultivada com morango em Alfredo Vasconcelos, MG	2014	IMPACTO AMBIENTAL
29	UFG	Mirian Cristina de Almeida	Diversidade e vulnerabilidade de insetos aquáticos em paisagens produtivas	2014	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
30	UFG	Roselir Ribeiro da Silva	Bacia do Rio Pomba (MG): uso e ocupação do solo e impactos ambientais nos recursos hídricos	2014	IMPACTO AMBIENTAL
31	UFG	Saulo Bruno Silveira e Souza	Avaliação da qualidade de água de captação e saneamento ambiental em Goiás	2014	QUALIDADE DA ÁGUA
32	UFG	Cleidinaldo de Jesus Barbosa	Pagamento por serviços ambientais para catadores de material reciclável: oportunidades e desafios	2015	SERVIÇOS AMBIENTAIS
33	UFG	Fernanda Posh Rios	A capacidade de suporte de cursos d'água urbanos sob a perspectiva técnica e epistemológica da engenharia	2015	RECURSOS HÍDRICOS
34	UFG	Fernando Moreira de Araújo	Avaliação das áreas queimadas no bioma cerrado: proposições para o monitoramento e conservação	2015	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
35	UFG	Haihani Silva Passos	Impactos da expansão da cana-de-açúcar: percepção e prática científica	2015	IMPACTO AMBIENTAL
36	UFG	Hugo Leonardo Gomides do Couto	Compras públicas sustentáveis: a influência do cenário de consumo sobre as preferências de gestores de compras governamentais	2015	SUSTENTABILIDADE
37	UFG	Karina Dias da Silva	Alterações antrópicas no padrão de uso do solo e seu efeito sobre as comunidades de Heteroptera (Gerromorpha)	2015	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
38	UFG	Liliane Vieira Martins Leal	Expansão sucroalcooleira e disputa pelo uso do solo no sudoeste de Goiás	2015	REDE DE PODER

39	UFG	Patrícia Layne Alves	Capacidade de interceptação pelas árvores e suas influências no escoamento superficial urbano	2015	DRENAGEM E ARBORIZAÇÃO URBANA
40	UFG	Rafael Silva Menezes	Estudo do potencial de microalgas dulcícolas como matéria-prima para a cadeia de produção de biodiesel	2015	ENERGIA RENOVÁVEL
41	UFG	Silas Pereira Trindade	Aptidão agrícola, mudanças de usos dos solos, conflitos e impactos diretos e indiretos da expansão da cana-de-açúcar na região sudoeste goiano	2015	EXPANSÃO AGRÍCOLA
42	UFG	Alessandro Silva de Oliveira	Os dilemas socioambientais no entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: uma análise pela perspectiva crítica da Educação Ambiental	2016	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
43	UFG	Aysha Jussara Ivonilde Carrim	Produção e avaliação físico-química, microbiológica e ecotoxicológica de biodiesel metílico de óleo residual de fritura (ORF)	2016	ENERGIA RENOVÁVEL
44	UFG	Karla Alcione da Silva Cruvinel	Avaliação da variabilidade de qualidade ambiental de bacias de mananciais de abastecimento público com a aplicação de um índice para o Estado de Goiás	2016	RECURSOS HIDRÍCOS
45	UFG	Lucicléa Pereira da Silva	Conflitos socioambientais: uma proposta de investigação-ação à luz da educação ambiental dialógico-problematizadora	2016	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
46	UFG	Marcos Vinicius Lopes	Índice de possibilidade de conversão à agricultura (IPCA): uma ferramenta na elucidação do fenômeno da expansão da fronteira agrícola em Goiás	2016	EXPANSÃO AGRÍCOLA
47	UFG	Mariana Nascimento Siqueira	Influência do efeito de borda, da perda de habitat e de fatores abióticos na estrutura da comunidade lenhosa em fragmentos de Cerrado Denso na Alta Bacia do Rio Araguaia	2016	FRAGMENTAÇÃO AMBIENTAL
48	UFG	RUBIA DE PINA LUCHETTI CAMARGO	Produção e avaliação físico-química e ecotoxicológica de biodiesel etílico de óleos residuais de fritura	2016	ENERGIA RENOVÁVEL
49	UFG	Sylvia Elaine Marques de Farias	Estimativas satelitárias de precipitação sobre o bioma Cerrado: possibilidades e perspectivas	2016	CLIMATOLOGIA
50	UFG	Eduardo dos Santos Pacífico	Por uma agricultura mais sustentável: práticas de produção responsável em propriedades rurais privadas	2017	AGRICULTURA SUSTENTÁVEL
51	UFG	Emmanuel Bezerra D'Alessandro	Seleção de Microalgas Dulcícolas e elaboração de meios de cultivo visando a produção de Biodiesel e Luteína	2017	ENERGIA RENOVÁVEL
52	UFG	Maria do Carmo Correa Lagos	Efeito de borda em fragmentos do Bioma Cerrado e Mata Atlântica	2017	FRAGMENTAÇÃO AMBIENTAL
53	UFG	Rejane Freitas Benevides Almeida	Morfometria e uso da terra da bacia hidrográfica do Rio do Coco e suas implicações sobre a produção e transporte de sedimentos	2017	MOFORMETRIA
54	UFG	Viniciu Fagundes Barbara	Avaliação química, ecotoxicológica e genotoxicológica de águas e sedimentos de cavas de mineração a céu aberto	2017	AVALIAÇÃO AMBIENTAL
55	UNB	João Batista Drummond Câmara	Governabilidade, governança ambiental e estado do meio ambiente no Distrito Federal	2011	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
56	UNB	Luciana de Oliveira Rosa Machado	Uma nova Lei de Terras para Amazônia : o caso de Santarém, Pará	2011	POLÍTICAS PÚBLICAS
57	UNB	Flora Bonazzi Piasentin	O sistema cabruca no sudeste da Bahia : perspectivas de sustentabilidade	2011	AGRICULTURA SUSTENTÁVEL
58	UNB	Susana Lena Lins de Gois	Gestão de Florestas Públicas na Amazônia Legal: consensos de uma disputa	2011	GESTÃO AMBIENTAL
59	UNB	Rogério Marcos Magalhães	Obstáculos à exploração do baru (<i>Dipteryx alata</i> Vog.) no Cerrado Goiano : sustentabilidade comprometida?	2011	DESENVOLVIMENTO

					SUSTENTÁVEL
60	UNB	Mário Lúcio de Ávila	Ação pública territorializada de desenvolvimento rural: O caso do Território das Águas Emendadas	2011	POLÍTICAS PÚBLICAS
61	UNB	Cláudio Albuquerque Frate	Etanol e sustentabilidade : avaliação sistêmica de segurança alimentar e nutricional	2011	SEGURANÇA ALIMENTAR
62	UNB	Alessandra Bortoni Ninis	Complexidade, manipulação genética e biocapitalismo: compreensão das interações da engenharia genética na sociedade de risco	2011	BIOTECNOLOGIA
63	UNB	Silvestre Rabello de Aguiar Júnior	Análise de gestão: política da água e sustentabilidade	2011	RECURSOS HIDRÍCOS
64	UNB	Sildaléia Silva Costa	Seguro Ambiental : garantia de recursos para reparação de danos causados ao meio ambiente	2011	COBERTURA AMBIENTAL
65	UNB	Gesmar Rosa dos Santos	Políticas públicas e expansão da agroenergia no Brasil : contradições e desafios à sustentabilidade no ambiente rural em regiões do cerrado	2011	POLÍTICAS PÚBLICAS
66	UNB	Mônica Martins de Melo	A confluência entre a ecologia do fogo e o conhecimento xavante sobre o manejo do fogo no Cerrado	2011	ECOLOGIA DO FOGO
67	UNB	Jefferson Lorencini Gazoni	A contribuição relativa das forças primárias do desmatamento na Amazônia	2011	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
68	UNB	Maurício Boatto Viana	Avaliando Minas : índice de sustentabilidade da mineração (ISM)	2012	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
69	UNB	Fabio Alberto Arias Arbeláez	Instituições e sustentabilidade no ordenamento territorial de três municípios do Valle del Cauca, Colômbia	2012	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
70	UNB	Christianne Evaristo de Araújo	A partir das águas : argumentações midiáticas, resistência popular e a transposição do Rio São Francisco	2012	RECURSOS HIDRÍCOS
71	UNB	Gisella Colares Gomes	Calidoscópio : articulando ideias sobre meio ambiente – sociedade – trocas	2012	ECONOMIA ECOLÓGICA
72	UNB	Maria Odete Alves	Mercado, arame e estado : recursos comuns e resistência em Lagoa dos Cavalos no sertão do Ceará	2012	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
73	UNB	Lucimar Batista de Almeida	Inserção profissional dos ex-bolsistas de doutorado do CNPq e da Capes dos programas em engenharias e ciência da computação no período de 1996 a 2006	2012	QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL
74	UNB	Nádia Bandeira Sacenco Kornijezuk	Cultura e biodiversidade: uma comparação entre a gestão do Parque Nacional do Cabo Orange, no Brasil, e a do Parque Nacional da Vanoise, na França	2012	GESTÃO AMBIENTAL
75	UNB	Aldemir Inácio de Azevedo	Terra, trabalho e família : a reprodução social dos agricultores familiares dos projetos públicos de irrigação na Região do Médio Vale do São Francisco	2012	AGRICULTURA FAMILIAR
76	UNB	Maria Neuza da Silva Oliveira	A formação de técnicos e extensionistas rurais no contexto do desenvolvimento rural sustentável e da política nacional de assistência técnica e extensão rural	2012	FORMAÇÃO PROFISSIONAL
77	UNB	Idésio Luis Franke	Governança e gestão florestal no Acre : instituições e atores em busca do desenvolvimento sustentável	2012	GESTÃO AMBIENTAL
78	UNB	Kilma Gonçalves Cezar	O eterno retorno do espaço : a espacialidade no planejamento e nas políticas públicas do governo federal, 1950-2010	2012	DIMENSÃO ESPACIAL
79	UNB	Ana Lúcia Machado Soares	A educação ambiental para gestão sustentável da água : estudo de caso do Igarapé do Mindu - Manaus, AM	2012	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
80	UNB	Elane Conceição de Oliveira	Análise econômico-ecológica da agropecuária do Amazonas : uma abordagem de insumo-produto	2012	IMPACTO AMBIENTAL

81	UNB	Alem Silvia Marinho dos Santos	Segurança alimentar no ritmo das águas : mudanças na produção e consumo de alimentos e seus impactos ecológicos em Parintins, AM	2012	SEGURANÇA ALIMENTAR
82	UNB	Marta Maria Gomes de Oliveira	O controle do Ministério Público sobre o autolicienciamento ambiental no Distrito Federal	2012	POLÍTICAS PÚBLICAS
83	UNB	Tássio Franchi	Da conquista do inferno verde à proteção do paraíso tropical : o discurso militar brasileiro sobre a Amazônia no século XX	2013	AMAZÔNIA LEGAL
84	UNB	Cristine Ferreira Gomes Viana	Da seca como episódio à desertificação como processo : uma questão (não)institucionalizada	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS
85	UNB	Salomão Franco Neves	Ecoeficiência produtiva : uma análise do metabolismo do Polo Industrial de Manaus	2013	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
86	UNB	Isabel Cristina Barbosa de Brito	Ecologismo dos Gerais : conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais	2013	SUSTENTABILIDADE
87	UNB	Lileane Praia Portela de Aguiar	Inclusão destinos turísticos : estudo comparado entre os destinos turísticos de Presidente Figueredo (AM) e Barreirinhas (MA)	2013	TURISMO SUSTENTÁVEL
88	UNB	Kátia Viana Cavalcante	Vulnerabilidade socioambiental como reverso da sustentabilidade nos municípios das microrregiões Madeira e Parintins, no estado do Amazonas	2013	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
89	UNB	Edinelza Macedo Ribeiro	Prospectiva e sustentabilidade do ecoturismo : uso da técnica de construção de cenários no Estado do Amazonas	2013	SUSTENTABILIDADE
90	UNB	Mônica Schiavinatto	Desenvolvimento territorial : inovação ou imposição? : um olhar sobre as abordagens territoriais do desenvolvimento rural na América Latina	2013	DESENVOLVIMENTO RURAL
91	UNB	Jesuéte Pacheco Brandão	Uso e ocupação da terra e a sustentabilidade ambiental da dinâmica fluvial das microbacias hidrográficas Zé Açú e Tracajá na Amazônia ocidental	2013	SUSTENTABILIDADE
92	UNB	Maira Smith	Árvores de cultura : cultivo e uso do pequi (Caryocar sp., Caryocaraceae) entre os Kuikuro do Alto Xingu, MT	2013	AGROBIODIVERSIDADE
93	UNB	Alberto Santos Cabral	Certificação ambiental para o etanol brasileiro : falácia ou real contribuição para a programação do desenvolvimento sustentável do setor?	2013	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
94	UNB	Cristiane Gomes Barreto	Devastação e proteção da mata atlântica nordestina : formação da paisagem e políticas ambientais	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS
95	UNB	Nathan dos Santos Debortoli	O regime de chuvas na Amazônia Meridional e sua relação com o desmatamento	2013	ÁGUAS PLUVIAIS
96	UNB	Carlos Christian Della Giustina	Degradação e conservação do cerrado : uma história ambiental do estado de Goiás	2013	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
97	UNB	Vania Vaz	A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará : terra, pecuária e desflorestamento	2013	IMPACTO AMBIENTAL
98	UNB	Marcos Aurélio Bilíbio Carvalho	De frente para o espelho : ecopsicologia e sustentabilidade	2013	ECOLOGIA HUMANA
99	UNB	Leandra Fatorelli	Percepções sobre mudanças ambientais na Amazônia brasileira : Caminhos para a construção de um conhecimento integrador	2013	MEIO AMBIENTE
100	UNB	Júlio Flávio Gameiro	Transformações no arco do desmatamento : a expansão da pecuária bovina na Amazônia, pressões sobre o ambiente e o papel das políticas públicas na contenção do desmatamento (1990/2010)	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS

101	UNB	Renata Oliveira Costa	Na trilha dos Timbira : sustentabilidade e territorialidade Krahô	2013	SUSTENTABILIDADE
102	UNB	Marli Teresinha dos Santos	Das barrancas do Rio Tocantins ao espaço concebido : um estudo de caso dos reassentamentos rurais da Usina Hidrelétrica de Lajeado	2014	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
103	UNB	Raquel Lopes Sinigaglia Caribé Grando	Território em construção : desenvolvimento territorial, organização social e políticas públicas no Território Portal da Amazônia, Mato Grosso (MT)	2014	DESENVOLVIMENTO RURAL
104	UNB	Marcelo Castro Pereira	Análise da sustentabilidade do uso de óleo vegetal como combustível	2014	SUSTENTABILIDADE
105	UNB	Maria Beatriz Maury de Carvalho	O mosaico e o caleidoscópio : da multi à interdisciplinaridade na universidade	2014	INTERDISCIPLINARIDADE
106	UNB	Diego Pereira Lindoso	Desenvolvimento sustentável, política e gestão da mudança global do clima : sinergias e contradições brasileiras	2014	CLIMATOLOGIA
107	UNB	Carolina Lopes Araujo	As vozes da Rio+20	2014	POLÍTICAS PÚBLICAS
108	UNB	Daniela Maria Rocco Carneiro	Visitando o século XXI : inovações para a sustentabilidade em destinos turísticos brasileiros	2014	TURISMO SUSTENTÁVEL
109	UNB	João Paulo Faria Tasso	À procura da inclusividade : estudo sobre os fatores de inclusão socioeconômica em destinos turísticos brasileiros	2014	TURISMO SUSTENTÁVEL
110	UNB	Vanesa Rios Milagres	Programas de pós-graduação em turismo no Brasil : um olhar sobre a sustentabilidade	2014	TURISMO SUSTENTÁVEL
111	UNB	James Augusto Pires Tibúrcio	Entre a fome e a burocracia : políticas públicas e a segurança alimentar na Índia	2015	SEGURANÇA ALIMENTAR
112	UNB	Patrícia dos Santos Mesquita	Segurança alimentar, mudanças climáticas e proteção social no semiárido brasileiro (Cariri, Ceará)	2015	SEGURANÇA ALIMENTAR
113	UNB	Antônio José Juliani	Aplicação da modernização ecológica no setor de papel e celulose do Brasil	2015	MODERNIZAÇÃO ECOLÓGICA
114	UNB	Leonardo Silveira Conke	Barreiras ao desenvolvimento da coleta seletiva no Brasil	2015	RESÍDUOS SÓLIDOS
115	UNB	Marla Leci Weihs	Conexão (in)visível : degradação ambiental e saúde na fronteira agrícola amazônica	2015	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
116	UNB	Jair Schmitt	Crime sem castigo : a efetividade da fiscalização ambiental para o controle do desmatamento ilegal na Amazônia	2015	FISCALIZAÇÃO AMBIENTAL
117	UNB	Márcia da Costa Rodrigues de Camargo	A sustentabilidade ambiental das cidades sob a ótica da pegada de carbono e do sistema verde de Brasília	2015	SUSTENTABILIDADE
118	UNB	Michelle Midori Morimura	Governança de recursos de base comum e capacidade adaptativa de comunidades de fundos de pasto	2015	GOVERNANÇA AMBIENTAL
119	UNB	Catherine Aliana Gucciardi Garcez	Políticas de geração distribuída e sustentabilidade do sistema elétrico	2015	ENERGIA SUSTENTÁVEL
120	UNB	Verônica Maria Bezerra Guimarães	Pertencer à terra : resistência de saberes e diversidade da vida pelos Kaiowá-Guarani	2016	SUSTENTABILIDADE
121	UNB	Danielle Calandino	Influência da participação social na conservação da biodiversidade em unidades de conservação brasileiras	2016	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
122	UNB	Maria Amélia de Paula Dias	Sustainable future for biodiesel industry in Brazil : perspectives for 2030	2016	ENERGIA RENOVÁVEL
123	UNB	Chiara Gentile	Slow food na Itália e no Brasil : história, projetos e processos de valorização dos recursos locais	2016	SLOW FOOD
124	UNB	Luiz Cláudio Moreira Melo Júnior	Sistemas sociais comunitários e uso de recursos naturais : bases para políticas públicas e desenvolvimento territorial no estado do Pará	2016	MANEJO DE RECURSOS NATURAIS
125	UNB	Bruno Taitson Bueno	A influência do movimento ambientalista nas políticas públicas : um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos	2016	POLÍTICAS PÚBLICAS
126	UNB	Andréa Mello Gouthier de	Empreendedorismo criativo e sustentabilidade em favelas pacificadas no Rio de Janeiro	2016	SUSTENTABILIDADE

		Vilhena			
127	UNB	Arnoldo Santos de Lima	Eco-governamentalidade e governança de recursos energéticos : entre a prática e o discurso na ação coletiva dos pólos gaúchos de biodiesel e dos folhelhos texanos de Eagle Ford	2016	GOVERNANÇA AMBIENTAL
128	UNB	Daniela de Oliveira Silva	A estratégia do Programa Áreas Protegidas da Amazônia para avaliar a efetividade das unidades de conservação	2016	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
129	UNB	Fernanda Cornils Monteiro Benevides	História da conservação da fauna ameaçada de extinção no Brasil : motivações, ações e projetos	2017	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
130	UNB	Maria Luciana da Silva Nóbrega	Conceituação e metodologia de avaliação : um estudo comparativo das práticas sustentáveis em segurança hídrica entre universidades brasileiras (UFLA e UFCG) e norte-americanas (ASU e UCLA)	2017	RECURSOS HIDRÍCOS
131	UNB	Elizário Noé Boeira Toledo	A monetarização da vida social e a gramática econômica da agricultura familiar : acumulação e sustentabilidade	2017	AGRICULTURA FAMILIAR
132	UNB	Cecília Fadigas Viana	O município como escala para o combate ao desmatamento : atores e agendas emergentes	2017	DESMATAMENTO AMBIENTAL
133	Unicamp	Adriane Gomes Rodrigues Batata	Identidade ambiental metropolitana como instrumento à governabilidade	2011	SOCIOLOGIA AMBIENTAL
134	Unicamp	Joana Carlos Bezerra	Terra preta, o tesouro esquecido = política, ciência e as relações internacionais na história da Amazônia	2011	SOLO
135	Unicamp	Paula Chamy Pereira da Costa	Interações socioecológicas na pesca à luz da etnoecologia abrangente = a praia de Itaipu, Niterói/Rio de Janeiro	2011	ETNOECOLOGIA
136	Unicamp	Emmanuel Duarte Almada	Entre as serras : etnoecologia de duas comunidades quilombolas no sudeste brasileiro	2012	ETNOECOLOGIA
137	Unicamp	Zoraide Souza Pessoa	A metrópole periférica : identidade e vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Natal-RN/Brasil	2012	MEIO AMBIENTE
138	Unicamp	Debora Pignatari Drucker	A integração da informação sobre biodiversidade e ecossistemas para embasar políticas de conservação : o projeto Biota Gradiente Funcional como estudo de caso	2012	GESTÃO DO CONHECIMENTO
139	Unicamp	Juliana Sampaio Farinaci	As novas matas do estado de São Paulo = um estudo multiescalar sob a perspectiva da teoria da transição florestal	2012	COBERTURA AMBIENTAL
140	Unicamp	Satya Bottin Loeb Caldenhof	Mudanças sociais, conflitos e instituições na Amazônia : os casos do Parque Nacional do Jaú e da Reserva Extrativista do Rio Unini	2013	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
141	Unicamp	Igor Simoni Homem de Carvalho	Campesinato e biodiversidade no Cerrado : um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol-MG) à luz da agroecologia	2013	BIODIVERSIDADE
142	Unicamp	Jorge Calvimontes Ugarte	Bandidos na Serra do Mar? Conflitos, estratégias e usos múltiplos dos recursos naturais na Mata Atlântica São Paulo	2013	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
143	Unicamp	Marília d'Ottaviano Giesbrecht	Sustentabilidade como política pública : o caso do biodiesel no Brasil	2013	SUSTENTABILIDADE
144	Unicamp	Roberto Donato da Silva Júnior	A sustentabilidade como híbrido : um olhar para artigos científicos em ecologia, economia, sociologia e antropologia	2013	INTERDISCIPLINARIDADE
145	Unicamp	Leonardo Ribeiro Teixeira	Megaprojetos no litoral norte paulista : o papel dos grandes empreendimentos de infraestrutura na transformação regional	2013	IMPACTO AMBIENTAL
146	Unicamp	Carolina Joly	Pesquisa científica em áreas protegidas do litoral norte de São Paulo : limitações e perspectivas visando a conservação	2014	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
147	Unicamp	Viviane Souza Martins	As Cores Negras da Lama : Etnoecologia Abrangente na Comunidade Quilombola Salamina Putumuju, Recôncavo da Bahia	2014	ETNOECOLOGIA

148	Unicamp	Rodrigo Rodrigues de Freitas	Implicações de políticas de conservação e desenvolvimento na pesca artesanal costeira em uma área marinha protegida da Baía da Ilha Grande	2014	POLÍTICAS PÚBLICAS
149	Unicamp	Leopoldo Cavaleri Gerhardinger	Inovação, governabilidade e protagonismo de pessoas-chave na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (Santa Catarina, Brasil)	2014	GOVERNANÇA AMBIENTAL
150	Unicamp	Allan Yu Iwama de Mello	Riscos e vulnerabilidades às mudanças climáticas e ambientais : análise multiescalar na zona costeira de São Paulo - Brasil	2014	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
151	Unicamp	Luciana Gomes de Araujo	A pesca costeira artesanal de Paraty, RJ : uma análise multiescalar sob o enfoque da cogestão de recursos comuns	2014	GESTÃO AMBIENTAL
152	Unicamp	Gabriela Farias Asmus	Vulnerabilidade em saúde no contexto de mudanças ambientais = o caso das doenças de transmissão hídrica em Caraguatatuba, Litoral Norte - SP	2014	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
153	Unicamp	Francisco Javier Leiva Araos	Para além da biodiversidade : dimensões humanas da conservação marinha em duas regiões da América do Sul	2014	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
154	Unicamp	Fabiana Barbi	Governando as mudanças climáticas no nível local : riscos e respostas políticas	2014	AVALIAÇÃO AMBIENTAL
155	Unicamp	Luziana Garuana de Souza Silva	Vulnerabilidade e capacidade adaptativa na pesca artesanal costeira do estado de São Paulo frente às mudanças ambientais locais e globais	2014	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
156	Unicamp	Ramon Felipe Bicudo da Silva	Eucalipto e Mata Atlântica : análise do uso e cobertura da terra e suas conexões biofísicas, políticas e socioeconômicas	2015	TRANSIÇÃO FLORESTAL
157	Unicamp	Rubia Pereira Gaissler	A história do ambiente, ciência e sociedade contada pelo DDT : uma análise de discurso e de conteúdo da mídia dos Estados Unidos e do Brasil entre 1944 e 2014	2015	MÍDIA E AMBIENTE
158	Unicamp	Rosely Alvim Sanches	Campanha 'Y Ikatu Xingu : governança ambiental da região das nascentes do Xingu (Mato Grosso, Brasil)	2015	GOVERNANÇA AMBIENTAL
159	Unicamp	Patricia Nunes da Silva Mariuzzo	Velhos caminhos, novas narrativas : a rota pedestre passos dos jesuítas - Anchieta, natureza e sociedade no litoral de São Paulo	2016	PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURA
160	Unicamp	Gustavo Barbosa Mozzer	De Copenhague a Paris : a política agrícola de mudança do clima no Brasil e a função da adaptação como agente transformacional	2016	CLIMATOLOGIA
161	Unicamp	Rolf Bateman	A restauração ecológica e a ditadura da floresta	2016	ECOLOGIA DE RESTAURAÇÃO
162	Unicamp	Marjorie Delgado Alves Rodrigues	Tomada de decisão e motivação para conservação de ecossistemas: estudo de caso do "Conservador das Águas"	2016	MEIO AMBIENTE
163	Unicamp	Arelys Sotillo Enriquez	Uso e gestão florestal na reserva de biosfera Ciénaga de Zapata, Cuba : influência das interações homem-floresta sobre as características sociais e ambientais atuais	2017	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
164	Unicamp	Michelle da Costa Portela	Com o time em campo : megaeventos esportivos, Copa Verde e os conflitos de uma agenda ambiental global	2017	POLÍTICAS PÚBLICAS
165	Unicamp	Ana Claudia Rocha Braga	Entre a monocultura e a diversidade : alternativas para o desenvolvimento rural da região de Tomé-Açu, Pará	2017	SISTEMAS AGROFLORESTAIS
166	Unicamp	Rafael Abreu de Souza	Um lugar na caatinga : consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro	2017	MEIO AMBIENTE
167	Unicamp	Érika Moura Ferreira	Uso dos recursos hídricos na expansão sucroenergética em áreas de bioma cerrado	2017	RECURSOS HÍDRICOS
168	Unicamp	Esdras Matheus Silva Matias	MICRORREALIDADES TRANSFORMADAS PELO TURISMO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO – RN	2017	TURISMO SUSTENTÁVEL

169	Unicamp	Raquel Carnivale Silva Melillo	A paisagem do litoral norte paulista : um enfoque interdisciplinar nas relações entre população humana e cobertura vegetal nativa	2017	DINÂMICA DE VEGETAÇÃO
170	USP	Jussara de Lima CARVALHO	Governança da água no Estado de São Paulo estudo de caso: Comitê de Bacias Hidrográficas dos rios Sorocaba e Médio Tietê	2011	RECURSOS HIDRÍCOS
171	USP	Paulo Maurício Pinho	Avaliação dos planos municipais de gestão integrada de resíduos sólidos urbanos na Amazônia brasileira	2011	RESÍDUOS SÓLIDOS
172	USP	Sara Gurfinkel Marques de	O Protocolo de Kyoto e os países em desenvolvimento: uma avaliação da utilização do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo	2011	AVALIAÇÃO AMBIENTAL
173	USP	Daniel Fonseca de Andrade	O lugar do diálogo nas políticas públicas de educação ambiental	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS
174	USP	Carolina Bernardes	Avaliação integrada de impacto à saúde decorrente de ações de saneamento, em comunidades de unidades de conservação de uso sustentável na Amazônia	2014	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
175	USP	Maurício Pimentel Homem de Bittencourt	Jornalismo alternativo para a questão ambiental amazônica	2013	MÍDIA E AMBIENTE
176	USP	Maria Lucia Guilherme Borba	O 'técnico-científico' e o 'sociopolítico' na gestão da água urbana: drenagem e manejo de águas pluviais no Município de São Paulo	2014	MANEJO DE RECURSOS NATURAIS
177	USP	Andréa Quirino de Luca	Uma análise de discurso da política pública federal de educação ambiental	2013	POLÍTICAS PÚBLICAS
178	USP	Lucia Lucena Morales	Gestão do resíduo eletrônico em universidade: estudo de caso no centro de descarte e reuso de resíduos de informática (CEDIS) USP	2014	RESÍDUOS SÓLIDOS
179	USP	Gustavo Goulart Moreira Moura	Guerras nos mares do sul: a produção de uma monocultura marítima e os processos de resistência	2014	MANEJO DE RECURSOS NATURAIS
180	USP	Thaís Brianezi Ng	O deslocamento do discurso sobre a Zona Franca de Manaus: do progresso à modernização ecológica	2013	MODERNIZAÇÃO ECOLÓGICA
181	USP	Isis Akemi Morimoto Toschi Oliveira	Direito e Educação Ambiental: Estimulo à Participação Crítica e à Efetiva Aplicação de Normas Voltadas à Proteção Ambiental no Brasil.	2014	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
182	USP	Margarete Ponce Padueli	As estações rádio base na cidade de São Paulo: uma abordagem sobre os riscos e uma contribuição para os sistemas de gerenciamento	2012	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
183	USP	Andrea Sundfeld Penido	Programa de reavaliação de nascentes em ambiente urbano: estudo de caso do processo de criação e consolidação de uma política pública em São José dos Campos, SP	2013	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
184	USP	Alessandra Buonavoglia Costa Pinto	Potência de agir e educação ambiental: aproximações a partir de uma análise da experiência do coletivo educador ambiental de Campinas (COEDUCA) - SP/Brasil	2012	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
185	USP	Flavio de Miranda Ribeiro	Reforma da regulação ambiental: características e estudos de caso do estado de São Paulo	2012	GESTÃO AMBIENTAL
186	USP	Lucia Sousa e Silva	A cidade e a floresta: o impacto da expansão urbana sobre áreas vegetadas na Região metropolitana de São Paulo (RMSP)	2013	EXPANSÃO URBANA
187	USP	Fernanda Sola	Gerenciamento integrado dos recursos hídricos compartilhados na bacia Amazônica	2012	RECURSOS HIDRÍCOS

188	USP	Maria Daniela de Araujo Vianna	A cobertura jornalística sobre poluição do solo por resíduos: uma análise da produção dos jornais O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo da Rio-92 a 2007	2012	MÍDIA E AMBIENTE
189	USP	Pilar Carolina Villar	A busca pela governança dos aquíferos transfronteiriços e o caso do aquífero Guarani	2012	RECURSOS HIDRÍCOS
190	USP	Ingrid Regina Avanzi	Estudo da atividade microbiana na biorremediação de metais tóxicos na região Amazônica	2016	BIOREMEDIÇÃO
191	USP	Luis Felipe Bismarchi	Acelerando a transformação: um ensaio sobre bancos, moedas, redes e a transição para a sustentabilidade	2015	SUSTENTABILIDADE
192	USP	Alice Dantas Brites	Por que os povos da floresta se envolvem no monitoramento participativo da coleta e do comércio de recursos naturais? Avaliando múltiplos determinantes da participação	2015	MANEJO DE RECURSOS NATURAIS
193	USP	Maria Otávia Silva Crepaldi	Conectando florestas e primatas: as mudanças no uso da terra para a conservação do miquiqui-do-norte (<i>Brachyteles hypoxanthus</i> Kuhl, 1820) em propriedades rurais	2015	BIODIVERSIDADE
194	USP	Juliana Ribeirão de Freitas	Funcionamento dos ecossistemas e conservação biológica: poluição por luz artificial, oferecimento de serviços ecossistêmicos e diversidade funcional	2016	ECOSSISTEMAS NATURAIS
195	USP	Roberta Fontan Pereira Galvão	O rural na urbanização paulista em contexto macrometropolitano	2017	TERRITORIALIDADE
196	USP	Laura Silvia Valente de Macedo	Participação de cidades brasileiras na governança multinível das mudanças climáticas	2017	GOVERNANÇA AMBIENTAL
197	USP	Renata de Souza Leão Martins	Empresas e gestão da água: uma abordagem a partir do uso do indicador pegada hídrica	2014	RECURSOS HIDRÍCOS
198	USP	Cristina Cuiabália Rodrigues Pimentel Neves	Vulnerabilidade da paisagem pantaneira: estudo de caso da Reserva Particular do Patrimônio Natural Sesc Pantanal e entorno	2015	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
199	USP	Carla Moura de Paulo	As políticas de biodiversidade e de mudanças climáticas: (des) articulações e reflexos sobre o mosaico de conservação do Cristalino/ MT	2016	POLÍTICAS PÚBLICAS
200	USP	Mariana Gutierrez Arteiro da Paz	Integração das políticas públicas de recursos hídricos e saneamento: a bacia hidrográfica dos Rios Sorocaba e médio Tietê	2015	RECURSOS HIDRÍCOS
201	USP	Marília Riul	Pegar e fazer: a dinâmica da produção e dos usos de artefatos artesanais na região da Barra do Rio Mamanguape - PB e reflexões sobre design e produção do mundo artificial	2015	ATIVIDADE DE SUBSISTÊNCIA
202	USP	Alexandre do Nascimento Souza	Laços e entrelaços: o novo dos comitês de bacia no Estado de São Paulo. Uma análise da governança no SIGRH São Paulo	2015	RECURSOS HIDRÍCOS
203	USP	Heloisa de Camargo Tozato	Impactos das mudanças climáticas na biodiversidade das zonas úmidas: uma análise sobre políticas públicas e gestão no Brasil e na França	2015	POLÍTICAS PÚBLICAS
204	USP	Camila de Souza Trindade	Relação entre a qualidade da água e sedimentos no reservatório de Biritiba-Mirim-SP face ao uso do solo em áreas sob vegetação natural e áreas agrícolas	2016	RECURSOS HIDRÍCOS
205	INPE	Jussara Rafael Angelo	MODELAGEM ESPACIAL DINÂMICA DOS DETERMINANTES SOCIAIS E AMBIENTAIS DA MALÁRIA E SIMULAÇÃO DE CENÁRIOS 2020 PARA MUNICÍPIO DE PORTO VELHO - RONDÔNIA	2015	MODELAGEM RECURSOS NATURAIS

206	INPE	Fernanda Viana Paiva Arguello	SIMULAÇÃO HIDROLÓGICA DA BACIA DO RIO PARAITINGA PARA ANÁLISE DAS POTENCIAIS CAUSAS DO EVENTO EXTREMO DE CHEIA E DESASTRE OCORRIDO NA PASSAGEM DE ANO DE 2009/2010	2016	DESASTRE AMBIENTAL
207	INPE	Denilson da Silva Bezerra	MODELAGEM DA DINÂMICA DO MANGUEZAL FRENTE À ELEVAÇÃO DO NÍVEL DO MAR	2014	CLIMATOLOGIA
208	INPE	Francisco Gilney Silva Bezerra	CONTRIBUIÇÃO DE FATORES SOCIOECONÔMICOS, BIOFÍSICOS E DA AGROPECUÁRIA À DEGRADAÇÃO DA COBERTURA VEGETAL COMO “PROXY” DA DESERTIFICAÇÃO NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE DO BRASIL	2016	DESERTIFICAÇÃO
209	INPE	Karine Rocha Aguiar Bezerra	OS FATORES INFLUENCIADORES DA VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL NO CEARÁ: UMA AVALIAÇÃO POLÍTICO-INSTITUCIONAL	2017	VULNERABILIDADE SOCIAL
210	INPE	Alan de Brito	Heterogeneidade espaço-temporal do desmatamento do Cerrado brasileiro: estimativas e cenários de emissões de carbono	2016	ECOLOGIA DA PAISAGEM
211	INPE	Elisângela Broedel	A INFLUÊNCIA DA HETEROGENEIDADE DA TOPOGRAFIA NA MODELAGEM DOS BALANÇOS DE ENERGIA, ÁGUA E CARBONO ENTRE A FLORESTA AMAZÔNICA E A ATMOSFERA	2017	ECOLOGIA DA PAISAGEM
212	INPE	Pedro Ivo Mioni Camarinha	VULNERABILIDADE AOS DESASTRES NATURAIS DECORRENTES DE DESLIZAMENTOS DE TERRA EM CENÁRIOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA PORÇÃO PAULISTA DA SERRA DO MAR	2016	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
213	INPE	Vagner Luis Camilotti	RECURSOS FLORESTAIS EXTRATIVISTAS EM COMUNIDADES NO SUDOESTE DO PARÁ: USO, IMPORTÂNCIA E CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM	2016	RECURSOS EXTRATIVISTAS
214	INPE	Rogério Lessa de Castro Carneiro	OBSERVAÇÕES DO PADRÃO DE CIRCULAÇÃO DO VENTO EM ESCALA REGIONAL E LOCAL NA SERRA DO MAR, SP	2012	ANEMOLOGIA
215	INPE	Rayonil Gomes Carneiro	Erosão da Camada Limite Noturna e suas Implicações no Crescimento da Camada Limite Convectiva na Região Central da Amazônia (Experimento GoAmazon 2014/15)	2017	METEOROLOGIA
216	INPE	Leandro Casagrande	PREVISÃO DE CHEIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITAJAÍ-AÇU, SC, USANDO PREVISÃO NUMÉRICA DE TEMPO E MODELAGEM HIDROLÓGICA	2015	DESASTRE AMBIENTAL
217	INPE	Fernanda Casagrande	SEA ICE STUDY AND ARCTIC POLAR AMPLIFICATION USING BESM MODEL	2016	METEOROLOGIA
218	INPE	Aline Anderson de Castro	IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NOS BALANÇOS DE CARBONO E ÁGUA E NA DINÂMICA DE ALAGAMENTO NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO COM O MODELO ACOPLADO INLAND-THMB	2017	HIDROLOGIA
219	INPE	Mabel Calim Costa	O IMPACTO DA MARÉ BAROTRÓPICA GLOBAL EM ESCALAS CLIMÁTICAS	2017	MODELAGEM RECURSOS NATURAIS
220	INPE	Elói Lennon Dalla Nora	MODELING THE INTERPLAY BETWEEN GLOBAL AND REGIONAL DRIVERS ON AMAZON DEFORESTATION	2014	MODELAGEM RECURSOS NATURAIS
221	INPE	Isabel Lopes Pilotto Domingues	REPRESENTAÇÃO DOS EFEITOS DE HETEROGENEIDADES DA SUPERFÍCIE SOBRE O CLIMA LOCAL EM UMA REGIÃO DE PAISAGEM FRAGMENTADA NA AMAZÔNIA UTILIZANDO O MODELO ETA/NOAH-MP	2015	HETEROGENEIDADES DO SOLO
222	INPE	Eduardo da Silva Gigliotti	EXPLORANDO A GESTÃO COMPARTILHADA DOS RECURSOS NATURAIS: O CASO DOS ACORDOS DE PESCA DE SILVES-AM	2015	GESTÃO AMBIENTAL
223	INPE	Luciene Gomes	Impacts of land use cover change on soil nitrogen balance in the Brazilian Cerrado	2017	IMPACTO AMBIENTAL

224	INPE	Sandro Klippel	MODELOS DE DISTRIBUIÇÃO DE ESPÉCIES DE PEIXES DEMERSAIS MARINHOS DA PLATAFORMA SUL DO BRASIL: DISTRIBUIÇÃO ATUAL E PROJEÇÕES FUTURAS EM CENÁRIOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS	2016	MODELAGEM RECURSOS NATURAIS
225	INPE	Adriana Koumrouyan	DESENVOLVIMENTO DE CENÁRIOS DE COBERTURA DA TERRA EM UMA BACIA DE MESOESCALA NO BIOMA MATA ATLÂNTICA E ANÁLISE DE RESPOSTAS HIDROLÓGICAS SIMULADAS PELO MODELO DHSVM	2015	HIDROLOGIA
226	INPE	Juliana Paiva Nunes Kury	ANÁLISE DOS FATORES DETERMINANTES E TRAJETÓRIAS DA DEGRADAÇÃO FLORESTAL NA AMAZÔNIA LEGAL BRASILEIRA	2016	DEGRADAÇÃO AMBIENTAL
227	INPE	Karinne Reis Deusdará Leal.	COMPONENTES DO CICLO HIDROLÓGICO E CICLAGEM DE NUTRIENTES NA INTERFACE ATMOSFERA-PLANTA-SOLO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO	2016	PRECIPITAÇÃO EFETIVA
228	INPE	André de Arruda Lyra.	ESTUDO DE VULNERABILIDADE DO BIOMA AMAZÔNIA AOS CENÁRIOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS	2015	VULNERABILIDADE AMBIENTAL
229	INPE	Flávio de Carvalho Magina	SISTEMA DE ALERTA DE OCORRÊNCIA DE RAIOS UTILIZANDO REDE DE SENSORES DE CAMPO ELÉTRICO ATMOSFÉRICO	2016	CLIMATOLOGIA
230	INPE	Minella Alves Martins	ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DA CULTURA DO MILHO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO, COM BASE NO MODELO AQUACROP E PREVISÃO CLIMÁTICA SAZONAL	2017	PRECIPITAÇÃO EFETIVA
231	INPE	Victor Wegner Maus	LAND USE AND LAND COVER MONITORING USING REMOTE SENSING IMAGE TIME SERIES	2016	IMPACTO AMBIENTAL
232	INPE	Grasiela de Oliveira Rodrigues Medeiros	DIAGNÓSTICO DA EROÇÃO E A EXPANSÃO DA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE SÃO PAULO	2016	DEGRADAÇÃO AMBIENTAL
233	INPE	Janaína Michelini	A PECUÁRIA BOVINA DE CORTE NO BRASIL: SIGNIFICADOS, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS EM BUSCA DA SUSTENTABILIDADE	2016	PECUÁRIA BOVINA
234	INPE	Caroline Estéphanie Ferraz de Mourão	A INFLUÊNCIA DAS ÁREAS ALAGÁVEIS NO BALANÇO HÍDRICO DA BACIA DO PRATA E IMPLICAÇÕES NA AGRICULTURA EM CENÁRIOS FUTUROS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS	2015	METEOROLOGIA
235	INPE	Victor Fernandez Nascimento	MODELING ENVIRONMENTAL SUSCEPTIBILITY OF MUNICIPAL SOLID WASTE DISPOSAL SITES IN REGIONAL SCALE	2017	GESTÃO AMBIENTAL
236	INPE	Renato Galante Negri	ESTIMATIVA DA ESTRUTURA DINAMICA DO TOPO DOS SISTEMAS CONVECTIVOS USANDO MULTICANAIS E AVALIAÇÃO DE MODELOS EM ESCALA DE NUVENS	2012	METEOROLOGIA
237	INPE	Camille Lanzarotti Nolasco	DEMANDA E ABASTECIMENTO DE HORTALIÇAS NA MICRORREGIÃO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, BRASIL: IMPLICAÇÕES PARA A SEGURANÇA ALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO CONTEXTO DAS MUDANÇAS GLOBAIS	2016	SEGURANÇA ALIMENTAR
238	INPE	Alex Ovando Leyton	UNDERSTANDING FLOODING PROCESSES OF LARGE WETLANDS OF THE BOLIVIAN AMAZON THROUGH IN SITU OBSERVATION, REMOTE SENSING AND NUMERICAL MODELING	2017	HIDROLOGIA
239	INPE	Felipe Siqueira Pacheco	INFLUÊNCIA DOS PROCESSOS METEOROLÓGICOS E HIDRODINÂMICOS NA EMISSÃO DE CARBONO EM RESERVATÓRIOS DE HIDROELÉTRICAS	2014	HIDROLOGIA

240	INPE	Marcelo Pizzuti Pes	IMPACTOS DAS VARIAÇÕES E MUDANÇAS CLIMÁTICAS SOBRE OS VENTOS EXTREMOS E SEUS EFEITOS NO SETOR ELÉTRICO BRASILEIRO	2015	METEOROLOGIA
241	INPE	Taise Farias Pinheiro	PADRÕES E TRAJETÓRIAS DE DEGRADAÇÃO FLORESTAL EM FRONTEIRAS MADEIREIRAS DA AMAZÔNIA	2015	DEGRADAÇÃO AMBIENTAL
242	INPE	Lucia Iracema Chipponelli Pinto	AValiação DO MODELO WRF PARA APLICAÇÃO EM PREVISÃO DE RECURSOS EÓLICOS NO NORDESTE BRASILEIRO	2017	ENERGIA SUSTENTÁVEL
243	INPE	Carla Corrêa Prieto	PREVISÃO DE DESLIZAMENTOS EM ENCOSTAS POR MEIO DE MODELAGEM NUMÉRICA: ESTUDO DE CASO NA BACIA PIRACUAMA, MUNICÍPIO DE CAMPOS DO JORDÃO, SP	2017	GESTÃO AMBIENTAL
244	INPE	Luiz Felipe Campos de Rezende	ANÁLISE E MODELAGEM DE ECOFISIOLOGIA DA ESPÉCIE POINCIANELLA MICROPHYLLA DA CAATINGA EM CAMPO E SOB CONDIÇÕES DE ALTA CONCENTRAÇÃO DE CO2	2015	MODELAGEM RECURSOS NATURAIS
245	INPE	Rita Micheline Dantas Ricarte	CLIMATOLOGIA DE EVENTOS DE FRIAGEM NO SUL DA REGIÃO AMAZÔNICA	2012	CLIMATOLOGIA
246	INPE	Carla de Almeida Roig	A relação entre população e consumo interpretada a partir da Geografia do Consumo Coletivo: um estudo para a Macrometrópole Paulista	2017	CONSUMO COLETIVO
247	INPE	José Guilherme Martins dos Santos	TRANSPORTE DE UMIDADE NA AMAZÔNIA E SUA RELAÇÃO COM A TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE DO MAR DOS OCEANOS ADJACENTES UTILIZANDO AS SIMULAÇÕES DO CMIP5	2015	METEOROLOGIA
248	INPE	Ana Paula Paes dos Santos	EVENTOS EXTREMOS DE DESCARGAS ATMOSFÉRICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO: CASOS OBSERVADOS E CENÁRIOS FUTUROS	2017	METEOROLOGIA
249	INPE	Fernando Cavalcante dos Santos	EMISSÕES DE QUEIMADURA E EMISSÃO NATURAL DA BIOMASSA NA FLORESTA DA CHUVA DE AMAZÔNIA BRASILEIRA: IMPACTO NA CAPACIDADE OXIDATIVA DA ATMOSFERA	2017	GASES DE EFEITO ESTUFA
250	INPE	Ricardo Almeida de Siqueira	ESTUDO NUMÉRICO DO EFEITO DOS AEROSSÓIS DE QUEIMADAS NA PREVISÃO DE CHUVAS CONVECTIVAS NA AMÉRICA DO SUL	2016	METEOROLOGIA
251	INPE	Priscila da Silva Tavares	IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA PRODUTIVIDADE DO CAFEEIRO EM ÁREAS DO SUDESTE DO BRASIL - UM ESTUDO DE MODELAGEM	2017	CLIMATOLOGIA
252	INPE	Graciela Tejada Pinell	AValiação ESPACIAL DE BATERIAS DE DADOS PARA A ESTIMAÇÃO DE BIOMASSA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	2017	ESTIMAÇÃO DE BIOMASSA
253	INPE	Maria Francisca Azeredo Velloso	POSSIBILIDADE DE GERAÇÃO HÍBRIDA HIDRO-SOLAR NA BACIA DO SÃO FRANCISCO	2017	RECURSOS HIDRÍCOS
254	INPE	Rita Marcia da Silva Pinto Vieira	SUSCEPTIBILIDADE À DEGRADAÇÃO/DESERTIFICAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: TENDÊNCIAS ATUAIS E CENÁRIOS DECORRENTES DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E DO USO DA TERRA	2015	CLIMATOLOGIA
255	ESALQ	Carolina de Albuquerque	Litígios estratégicos ambientais e justiça participativa: o caso do desmatamento nos projetos de assentamento de reforma agrária na Amazônia Legal	2017	DIREITO AMBIENTAL
256	ESALQ	Eduardo Roberto Alexandrino	A paisagem antrópica sob avaliação: a avifauna em remanescentes florestais, matrizes agrícolas e as implicações para a conservação	2015	IMPACTO AMBIENTAL

257	ESALQ	Inaê Guion de Almeida	Viabilidade Populacional de <i>Sotalia guianensis</i> (van BÉNÉDEN, 1864) (Cetacea, Delphinidae) no Complexo Estuarino-Lagunar de Cananéia, Estado de São Paulo	2014	VIABILIDADE POPULACIONAL
258	ESALQ	Cynthia Elisa Widmer de Azevedo	Perfil sanitário de jaguatiricas (<i>Leopardus pardalis</i>) do Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais	2014	SAÚDE ANIMAL
259	ESALQ	Luís Antonio Bochetti Basset	Estado sanitário do jacaré-de-papo-amarelo (<i>Caiman latirostris</i>) em paisagens antropizadas no Estado de São Paulo	2016	SAÚDE ANIMAL
260	ESALQ	Tiago Pavan Beltrame	Restaurando a Ecologia na Restauração: avaliação de sistemas agroflorestais e espécies leguminosas em plantios de restauração ecológica	2013	RESTAURAÇÃO FLORESTAL
261	ESALQ	Semíramis Albuquerque Biasoli	Institucionalização de políticas públicas de educação ambiental: subsídios para a defesa de uma política do cotidiano	2015	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
262	ESALQ	Denise Teresinha Gonçalves Bizuti	É possível reverter a degradação do solo provocada pela mineração de bauxita por meio da restauração florestal?	2016	RESTAURAÇÃO FLORESTAL
263	ESALQ	Clovis Daniel Borges	Monitoramento quantitativo e temporal de genes de origem microbiana associados às emissões de gases do efeito estufa sob diferentes usos da terra	2015	ECOLOGIA MICROBIANA DO SOLO
264	ESALQ	Ricardo Siqueira Bovendorp	História natural e ecologia de duas espécies de roedores simpátricas da tribo Oryzomyini (Cricetidae: Sigmodontinae) na floresta Atlântica	2013	NICHO ECOLÓGICO
265	ESALQ	Pamella Gusmão de Góes Brennand	O gênero <i>Hylaeamys</i> (Weksler, Percequillo e Voss, 2006): definição de espécies e filogenia do clade florestal da tribo Oryzomyini	2015	ECOLOGIA MOLECULAR
266	ESALQ	Marilena Altenfelder de Arruda Campos	Na roça com os Pataxó: etnografia multiespécie da mandioca na aldeia Barra Velha do Monte Pascoal, Sul da Bahia	2016	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
267	ESALQ	Patrícia Fracarolli Canholi	Dilemas e desafios da juventude rural: um olhar sobre o Alto da Serra de São Pedro-SP	2014	AGRICULTURA FAMILIAR
268	ESALQ	Josi Fernanda Cerveira	Implicações da remoção de fezes de por Scarabaeinae (Coleoptera: Scarabaeidae) sobre a avaliação de aspectos ecológicos de <i>Mazama</i> (Artiodactyla: Cervidae), na Amazônia	2016	ECOLOGIA MOLECULAR
269	ESALQ	Rafael Eduardo Chiodi	Pagamento por serviços ambientais: a produção de água como uma nova função da agricultura familiar na Mata Atlântica do sudeste brasileiro	2015	SERVIÇOS AMBIENTAIS
270	ESALQ	Elisandra de Almeida Chiquito	Sistemática do gênero <i>Nectomys</i> Peters, 1861 (Cricetidae: Sigmodontinae)	2015	ESTUDO DA ESPÉCIE
271	ESALQ	Ana Paula Coati	Identidade, inclusão social e ambiental: a utilização da polpa da juçara (<i>Euterpe edulis</i>) em Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP	2013	AGRICULTURA FAMILIAR
272	ESALQ	Fabio Henrique Comin	Conservação ambiental em paisagens agrícolas: relações entre uso da terra e meio ambiente na bacia hidrográfica do Corumbataí, Estado de São Paulo, Brasil	2013	PROTEÇÃO AMBIENTAL
273	ESALQ	Édson Luiz Pizzigatti Corrêa	Mídia regional e discurso ambiental: um estudo sobre o Jornal de Piracicaba	2013	MÍDIA E AMBIENTE
274	ESALQ	Gabriel Brito Costa	Fluxos de energia, CO ₂ e CH ₄ sobre a floresta em planície de inundação da Ilha do Bananal	2015	METEOROLOGIA
275	ESALQ	Luiz Carlos Demattê Filho	Sistema agroalimentar da avicultura fundada em princípios da Agricultura Natural: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade	2014	AGRICULTURA SUSTENTÁVEL
276	ESALQ	Sandro Dias	Do campo à mesa: limites e possibilidades de uma gastronomia sustentável	2016	SUSTENTABILIDADE

277	ESALQ	Jorge Luis Ferrer Uribe	Ação do estado e a exploração de um recurso de acesso comum, a castanha do Brasil (<i>Bertholletia excelsa</i>): estudo de caso na comunidade amazônica de Tres Islas, na Região de Madre de Dios, Peru	2011	POLÍTICAS PÚBLICAS
278	ESALQ	Patrícia Mariana Fino	Os estereótipos turísticos como forma de manipulação durante a ditadura militar brasileira	2016	MÍDIA E AMBIENTE
279	ESALQ	Lucas Rodriguez Forti	Organização acústica e microespacial de agregações reprodutivas de anfíbios anuros da Mata Atlântica: competição ou confusão?	2013	ECOLOGIA MOLECULAR
280	ESALQ	Helber Custodio de Freitas	A influência dos transportes advectivos na estimativa do balanço de CO ₂ do ecossistema: um estudo de caso para a mata atlântica com uso de técnicas micrometeorológicas	2012	METEOROLOGIA
281	ESALQ	Luciane Cristina de Gaspari	Pluriatividade em assentamentos próximos a grandes centros urbanos: o lugar da agricultura nas estratégias familiares	2016	AGRICULTURA FAMILIAR
282	ESALQ	Marco Aurélio Gattamorta	Ecologia, prevalência e caracterização molecular de <i>Chelonid fibropapilloma-associated herpesvirus</i> (CFPHV) em Tartarugas-Verdes (<i>Chelonia mydas</i>) em áreas da costa brasileira	2016	SAÚDE ANIMAL
283	ESALQ	Cecilia de Lara Haddad	A tutela da diferença no direito socioambiental pós-moderno: um estudo de caso sobre a prática da agricultura de corte e queima pela Comunidade Quilombola de Ivaporunduva	2012	DIREITO AMBIENTAL
284	ESALQ	Helio César Hintze	Espetáculos e invisibilidades do discurso legitimador do turismo	2013	TURISMO SUSTENTÁVEL
285	ESALQ	Alice Takako Hirose	Potencial de contribuição de espécies nativas de hábitos distintos para o controle de erosão e restauração de margens de corpos hídricos	2013	ECOLOGIA MOLECULAR
286	ESALQ	Luciana Buainain Jacob	Agroecologia e universidade: entre vozes e silenciamentos	2011	SUSTENTABILIDADE
287	ESALQ	Andréa Yumi Sugishita Kanikadan	Ações públicas para o desenvolvimento local de comunidades quilombolas: os casos em Mandira - SP e Campinho da Independência - RJ	2014	POLÍTICAS PÚBLICAS
288	ESALQ	Lizie Jatkoske Lazo	A estrutura populacional da quiropterofauna em sub-bosque florestal: o uso da amostragem sistemática	2011	ECOLOGIA MOLECULAR
289	ESALQ	Sílvia Rafaela Machado Lins	Dinâmica de nutrientes em fragmentos de floresta tropical situados em área de Mata Atlântica no estado de Alagoas	2017	FRAGMENTAÇÃO AMBIENTAL
290	ESALQ	Paulo Rogério Lopes	A biodiversidade como fator preponderante para a produção agrícola em agroecossistemas cafeeiros sombreados no Pontal do Paranapanema	2014	BIODIVERSIDADE
291	ESALQ	Caio Brito Lourenço	O fitoplâncton na Zona Costeira Amazônica Brasileira: Biodiversidade, distribuição e estrutura no <i>continuum</i> estuário-oceano	2016	BIOLOGIA MOLECULAR
292	ESALQ	Gabriel Henrique Lui	Transição de modos de vida rurais na Amazônia brasileira: uma perspectiva longitudinal sobre diversificação da renda, atividades agrícolas e uso da terra entre pequenos produtores	2013	AGRICULTURA FAMILIAR
293	ESALQ	Micheli Kowalczuk Machado	Águas do Cantareira: Governança e Diálogo de Saberes	2014	GESTÃO AMBIENTAL
294	ESALQ	Rosângela Rodrigues Braz Machado	Estimativa de emissão de gases de efeito estufa por lagoas salinas no pantanal da Nhecolândia, MS	2017	GASES DE EFEITO ESTUFA
295	ESALQ	Silvia Fernanda Mardegan	Varição na dinâmica do nitrogênio e nos atributos foliares em fisionomias de restinga da região Sudeste do Brasil	2013	FLUXO DE NITROGÊNIO

296	ESALQ	Thiago Simon Marques	Estrutura populacional, uso do espaço e ecologia trófica de jacarés-de-papo-amarelo (<i>Caiman latirostris</i>) em paisagem silvicultural	2013	ECOLOGIA MOLECULAR
297	ESALQ	Mônica Mafra Valença Montenegro	Ecologia de <i>Cebus flavius</i> (Schreber, 1774) em remanescentes de Mata Atlântica no estado da Paraíba	2011	ECOLOGIA MOLECULAR
298	ESALQ	Fernanda Corrêa de Moraes	Saberes agroecológicos: estudo de caso no extremo sul da Bahia	2017	EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA
299	ESALQ	Kelli Cristina Aparecida Munhoz Moreira	Aspectos da biogeoquímica dos rios Teles Pires e Cristalino - MT	2012	HIDROLOGIA
300	ESALQ	Sueli Aparecida Moreira	Ecologia dos convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo	2014	COMENSALIDADE FAMILIAR
301	ESALQ	Rogério Goularte Moura	Diversidade de himenópteros parasitoides (Hymenoptera: Chalcididae) e coleobrocas (Coleoptera: Cerambycidae) associados à cultura de <i>Tectona grandis</i> Linn. f. (Lamiaceae)	2012	ENTOMOLOGIA
302	ESALQ	Gabriela Narezi	A agroecologia como estratégia de gestão de Unidades de Conservação de Uso Sustentável no Vale do Ribeira – SP, Brasil	2012	GESTÃO AMBIENTAL
303	ESALQ	Alexandre Leandro Pereira	Fontes de carbono e nitrogênio para consumidores aquáticos nas microbacias da Mata Atlântica utilizando-se isótopos estáveis	2011	CADEIA ALIMENTAR
304	ESALQ	Flávia Lordello Piedade	As leis ambientais e a questão socioambiental contemporânea: eficácia do Sistema Nacional de Unidades de Conservação na Estação Ecológica Jureia-Itatins	2014	DIREITO AMBIENTAL
305	ESALQ	Tania Pena Pimentel	Dinâmica do carbono em uma microbacia no extremo leste da Amazônia	2016	HIDROLOGIA
306	ESALQ	Mônica Rodrigues de Queiroz	A variabilidade climática e as mudanças de uso da terra: um estudo de caso da vazão e sedimentos da bacia do rio Piracicaba com modelagem numérica	2014	METEOROLOGIA
307	ESALQ	Ricardo Rael	O sistema sócio-ecológico do rio Pinheiros: um modelo conceitual baseado na Teoria de Sistemas e Stakeholders Analysis	2013	GESTÃO AMBIENTAL
308	ESALQ	Fernanda Viegas Reichardt	A função socioambiental das patentes de plantas geneticamente modificadas no Brasil	2015	DIREITO AMBIENTAL
309	ESALQ	Thiago Junqueira Roncon	Dinâmica da restauração dos bens e serviços ecossistêmicos no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil	2016	VALORAÇÃO AMBIENTAL
310	ESALQ	Silmara Rossi	Análise da atividade de leucócitos e de bifenilas policloradas aplicada ao estudo da fibropapilomatose em <i>Chelonia mydas</i> (Testudines, Cheloniidae) (Linnaeus 1758)	2014	SAÚDE ANIMAL
311	ESALQ	Mirian Stella Rother	A mobilidade por bicicletas em Piracicaba - SP: aspectos culturais, ambientais e urbanísticos.	2016	GESTÃO AMBIENTAL
312	ESALQ	Mario Masaru Sakaguti Junior	Gestão, governança e uso das águas no Brasil e em Singapura: um estudo dos casos da ilha principal de Singapura e das bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, SP/MG	2016	GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS
313	ESALQ	Diléia Santana dos Santos	Adaptação da agricultura familiar à aptidão física das terras: distribuição geográfica e fatores determinantes	2015	AGRICULTURA FAMILIAR
314	ESALQ	Katia Maria Pacheco dos Santos	Práticas agroalimentares em unidades de conservação de uso sustentável sob a ótica da segurança alimentar	2015	SEGURANÇA ALIMENTAR
315	ESALQ	Tarita Schnitman	Agricultura familiar e turismo: estudo de reserva extrativista e território de população tradicional remanescente de quilombo	2014	TURISMO SUSTENTÁVEL
316	ESALQ	Márcio Leite de Oliveira	Distribuição e estimativa populacional do veado-mão-curta (<i>Mazama nana</i>) utilizando amostragem não invasiva	2015	ECOLOGIA MOLECULAR

317	ESALQ	Fábio Eduardo Penatti	Determinação dos potenciais toxicológicos em organismos aquáticos de resíduos de misturas de solventes orgânicos utilizados em laboratórios	2015	RESÍDUOS SÓLIDOS
318	ESALQ	Rafael Jose Navas da Silva	Políticas Públicas agroecológicas para comunidades quilombolas: um estudo de caso a partir do território	2014	POLÍTICAS PÚBLICAS
319	ESALQ	Rodrigo de Jesus Silva	Impactos do desenvolvimento em comunidades tradicionais: transição agroalimentar e ajustes adaptativos	2014	SISTEMA AGROALIMENTAR
320	ESALQ	Viviane Vidal da Silva	Impacto das atividades produtivas na dinâmica da paisagem do assentamento Matupi, estado do Amazonas	2012	IMPACTO AMBIENTAL
321	ESALQ	Marcos Vinicius Bohrer Monteiro Siqueira	Caracterização da diversidade genética de inhame (<i>Dioscorea alata</i>) utilizando marcadores microssatélite	2011	BIOLOGIA MOLECULAR
322	ESALQ	Dennis Góss de Souza	Análise comparativa de processos filogenéticos e funcionais microbianos seguindo a mudança de uso do solo em longo período	2015	ECOLOGIA MICROBIANA DO SOLO
323	ESALQ	Ricardo Hideo Taniwaki	Efeitos da agricultura intensiva na estrutura e funcionamento de riachos de cabeceira tropicais	2016	HIDROLOGIA
324	ESALQ	Juliana de Oliveira Vicentini	Silenciamento midiático socioambiental: uma análise crítica de jornais impressos (nacional e local) sobre a soja na bacia do Alto Xingu - MT	2017	MÍDIA E AMBIENTE
325	ESALQ	Franz Zirena Vilca	Validação de método de análises multiresíduo para determinação de pesticidas em morango (<i>Fragaria ananassa</i> Duch) e quinoa (<i>Chenopodium quinoa</i> Willd), por técnicas cromatográficas CG- μ ECD e LC-MS/MS	2012	PESTICIDAS
326	ESALQ	Lucy da Silva Sá Xavier	Implicações socioambientais do turismo e o licenciamento na bacia hidrográfica do rio Formoso - Bonito MS	2011	TURISMO SUSTENTÁVEL

Fonte: Autora (2008).

APÊNDICE B – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “FORMAÇÃO DA EQUIPE”

Cód.	IES	AUTOR	Graduação do Autor	Área CNPq do Autor	ORIENTADOR	Graduação do Orientador	Área CNPq do Orientador	CO-ORIENTADOR	Graduação do Co-orientador	Área CNPq do Co-orientador	Interdisciplinaridade de formação	Interdisciplinaridade de CNPq
1	UFG	Kleber do Espírito Santo Filho	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Leandro Gonçalves Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Fausto Mizziara	Sociologia	Ciências Humanas	SIM	SIM
2	UFG	Mayra Pimenta	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
3	UFG	Eloisa Pio de Santana	Ciências Sociais	Outros	Agustina Rosa Echeverria	Química	Exatas e da Terra	Fausto Mizziara	Sociologia	Ciências Humanas	SIM	SIM
4	UFG	Teresa Cristina Ferreira Santos	NÃO identificado	NÃO identificado	Fausto Mizziara	Sociologia	Ciências Humanas				NÃO identificado	NÃO identificado
5	UFG	Bruno de Souza Barreto	História	Ciências Humanas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM
6	UFG	Simone Gonçalves Sales	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Leandro Gonçalves Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM
7	UFG	Ana Luiza Rios Caldas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Leandro Gonçalves Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Carlos Hiroo Saito	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	NÃO	NÃO
8	UFG	Gabriel Tenaglia Carneiro	Biologia	Ciências Biológicas	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas	Christian Dias Cabacinha	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	SIM	SIM
9	UFG	Juliano Eduardo de Oliveira	Biologia	Ciências Biológicas	Ina de Souza Nogueira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Maria do Amparo Albuquerque Aguiar	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
10	UFG	Klaus de Oliveira Abdala	Agronomia	Ciências Agrárias	Ina de Souza Nogueira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM
11	UFG	Aldo Muro Júnior	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
12	UFG	Allan Valle Toledo da Silveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Leandro Gonçalves Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
13	UFG	Cleonice Borges de Souza	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Leandro Gonçalves Oliveira	Sociologia	Ciências Humanas				SIM	SIM
14	UFG	Maria de Fátima Furtado Lima	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas	Denise Paiva Ferreira	Ciências Políticas	Ciências Humanas	SIM	SIM
15	UFG	Osmar Pires	Ciências	Ciências	Leandro Gonçalves	Ciências	Ciências				NÃO	NÃO

		Martins Júnior	Biológicas	Biológicas	Oliveira	Biológicas	Biológicas						
16	UFG	Pedro Alves Vieira	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	Laerte Guimarães Fereira Júnior	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas	SIM	SIM	
17	UFG	Rodrigo Antônio de Souza	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO	
18	UFG	Brasilina Elisete Reis de Oliveira	Ciências Contábeis	Ciências Sociais Aplicadas	Francis Lee Ribeiro	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	NÃO	
19	UFG	Carlos Romeu Montes Lopes	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Maria do Amparo Albuquerque Aguiar	Economia	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	NÃO	
20	UFG	Carlos Shiley Domiciano	Ciências Agrícolas	Ciências Agrárias	Francis Lee Ribeiro	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM	
21	UFG	Crisliane Aparecida Pereira do Santos	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Edson Eyji Sano	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM	
22	UFG	Cristina Maria Baesso Canônico Lopes	Letras	Linguística, Letras e Artes	Maria do Amparo Albuquerque Aguiar	Economia	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM	
23	UFG	Dayse Mysmar Tavares	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas				SIM	SIM	
24	UFG	Rodrigues Edmar Geraldo de Oliveira	Educação Física	Ciências da Saúde	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas				SIM	SIM	
25	UFG	Geórgia Ribeiro de Sant' Ana Geraldo	Biologia	Ciências Biológicas	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas				SIM	SIM	
26	UFG	Francisco Corrêa Alves de Lima	Matemática	Ciências Exatas e da Terra	Agustina Rosa Echeverria	Química	Ciências Exatas e da Terra				SIM	NÃO	
27	UFG	José Carlos Rodrigues Meira	Química industrial	Outros	Leandro Gonçalves Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM	
28	UFG	Marcelo Zózimo da Silva	Engenharia Agrícola	Ciências Agrárias	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas				SIM	SIM	
29	UFG	Mirian Cristina de Almeida	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO	
30	UFG	Roselir Ribeiro da	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Ina de Souza Nogueira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM	

31	UFG	Silva Saulo Bruno Silveira e Souza	Engenharia Civil	Engenharias	Kleber Teodomiro Martins Formiga	Engenharia Civil	Engenharias					NÃO	NÃO
32	UFG	Cleidinaldo de Jesus Barbosa	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	Francis Lee Ribeiro	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas					NÃO	NÃO
33	UFG	Fernanda Posh Rios	Engenharia Civil	Engenharias	Kleber Teodomiro Martins Formiga	Engenharia Civil	Engenharias	Agustina Rosa Echeverria	Química	Ciências Exatas e da Terra		SIM	SIM
34	UFG	Fernando Moreira de Araújo	Geografia	Ciências Humanas	Laerte Guimarães Ferreira Júnior	Geologia	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
35	UFG	Haihani Silva Passos	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas	Alcido Helenor Wander	Agronomia	Ciências Agrárias		SIM	SIM
36	UFG	Hugo Leonardo Gomides do Couto	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Francis Lee Ribeiro	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas					SIM	NÃO
37	UFG	Karina Dias da Silva	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
38	UFG	Liliane Vieira Martins Leal	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas					SIM	SIM
39	UFG	Patrícia Layne Alves	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Kleber Teodomiro Martins Formiga	Engenharia Civil	Engenharias					SIM	SIM
40	UFG	Rafael Silva Menezes	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
41	UFG	Silas Pereira Trindade	Geografia	Ciências Humanas	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas					NÃO	NÃO
42	UFG	Alessandro Silva de Oliveira	Química	Ciências Exatas e da Terra	Agustina Rosa Echeverria	Química	Ciências Exatas e da Terra					NÃO	NÃO
43	UFG	Aysha Jussara Ivonilde Carrim	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
44	UFG	Karla Alcione da Silva Cravinel	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Kleber Teodomiro Martins Formiga	Engenharia Civil	Engenharias	Paullo Sérgio Scalize	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas		SIM	SIM
45	UFG	Lucicléa Pereira da Silva	Química	Ciências Exatas e da Terra	Carlos Hiroo Saito	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					SIM	SIM
46	UFG	Marcos Vinicius Lopes	NÃO identificado	NÃO identificado	Fausto Miziara	Sociologia	Ciências Humanas	Luis Rodrigo Fernandes Bauman	Matemática	Ciências Exatas e da Terra		SIM	SIM

47	UFG	Mariana Nascimento Siqueira	Biologia	Ciências Biológicas	Selma Simões de Castro	Geografia	Ciências Humanas					SIM	SIM
48	UFG	RUBIA DE PINA LUCHETTI CAMARGO	Engenharia de Alimentos	Ciências Agrárias	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
49	UFG	Sylvia Elaine Marques de Farias	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Laerte Guimarães Ferreira Júnior	Geologia	Ciências Exatas e da Terra					SIM	NÃO
50	UFG	Eduardo dos Santos Pacifico	Ecologia	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					SIM	NÃO
51	UFG	Emmanuel Bezerra D'Alessandro	Biologia	Ciências Biológicas	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
52	UFG	Maria do Carmo Correa Lagos	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo De Marco Júnior	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
53	UFG	Rejane Freitas Benevides Almeida	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Laerte Guimarães Ferreira Júnior	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	Maximiliano Bayer	Geologia	Ciências Exatas e da Terra		SIM	SIM
54	UFG	Viniciu Fagundes Barbara	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Nelson Roberto Antoniosi Filho	Química	Ciências Exatas e da Terra	Maria Gizeld de Oliveira Tavare	Fármacia Bioquímica	Ciências da Saúde		SIM	SIM
55	UNB	João Batista Drummond Câmara	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	José Augusto Leitão Drummond	Ciências Sociais	Outros					SIM	SIM
56	UNB	Luciana de Oliveira Rosa Machado	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Doris Aleida Villamizar Sayago	Antropologia	Ciências Humanas					SIM	SIM
57	UNB	Flora Bonazzi Piasentin	Agronomia	Ciências Agrárias	Carlos Hiroo Saito	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					SIM	SIM
58	UNB	Susana Lena Lins de Gois	Agronomia	Ciências Agrárias	Marcel Bursztyn	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas					SIM	SIM
59	UNB	Rogério Marcos Magalhães	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Donald Rolfe Sawyer	NÃO identificado	NÃO identificado					NÃO identificado	NÃO identificado
60	UNB	Mário Lúcio de Ávila	Zootecnia	Ciências Agrárias	Eric Pierre Sabourin	Agronomia	Ciências Agrárias					SIM	NÃO
61	UNB	Cláudio Albuquerque Frate	Engenharia Elétrica	Engenharias	Antônio César Pinho Brasil Júnior	Engenharia Mecânica	Engenharias					SIM	NÃO
62	UNB	Alessandra Bortoni Ninis Silvestre	Psicologia	Ciências Humanas	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros					SIM	SIM
63	UNB	Rabello de Aguiar Júnior	Engenharia Química	Engenharias	Oscar de Moraes Cordeiro Netto	Engenharia Civil	Engenharias					SIM	NÃO

64	UNB	Sildaléia Silva Costa	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	José Aroudo Mota	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	NÃO
65	UNB	Gesmar Rosa dos Santos	Física	Ciências Exatas e da Terra	Magda Eva Soares de Faria Wehrmann	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
66	UNB	Mônica Martins de Melo	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Carlos Hiroo Saito	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	NÃO	NÃO
67	UNB	Jefferson Lorencini Gazoni	Turismo	Ciências Sociais Aplicadas	José Aroudo Mota	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	NÃO
68	UNB	Maurício Boatto Viana	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	Saulo Rodrigues Pereira Filho	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	NÃO	NÃO
69	UNB	Fabio Alberto Arias Arbeláez	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	Glória Maria Vargas	Biologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
70	UNB	Christianne Evaristo de Araújo	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Mônica Castagna Molina	Ciências Jurídicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	NÃO
71	UNB	Gisella Colares Gomes	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	José Aroudo Mota	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	NÃO	NÃO
72	UNB	Maria Odete Alves	Agronomia	Ciências Agrárias	Marcel Bursztyn	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
73	UNB	Lucimar Batista de Almeida Nádia	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros	SIM	SIM
74	UNB	Bandeira Sacenco Kornijezuk	Ciências Sociais	Outros	José Augusto Leitão Drummond	Ciências Sociais	Outros	NÃO	NÃO
75	UNB	Aldemir Inácio de Azevedo	Ciências Sociais	Outros	José Augusto Leitão Drummond	Ciências Sociais	Outros	NÃO	NÃO
76	UNB	Maria Neuza da Silva Oliveira	Pedagogia	Ciências Humanas	Magda Eva Soares de Faria Wehrmann	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
77	UNB	Idésio Luis Franke	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	Donald Rolfe Sawyer	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado
78	UNB	Kilma Gonçalves Cezar	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros	SIM	SIM
79	UNB	Ana Lúcia Machado Soares	Pedagogia	Ciências Humanas	Izabel Cristina Bruno Bacellar Zanetti	Pedagogia	Ciências Humanas	NÃO	NÃO

80	UNB	Elane Conceição de Oliveira	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	José Aroudo Mota	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				NÃO	NÃO
81	UNB	Alem Silvia Marinho dos Santos	Geografia	Ciências Humanas	Othon Henry Leonardos	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
82	UNB	Marta Maria Gomes de Oliveira	Letras	Linguística, Letras e Artes	Fernando Paiva Scardua	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias				SIM	SIM
83	UNB	Tássio Franchi	História	Ciências Humanas	José Augusto Leitão Drummond	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
84	UNB	Cristine Ferreira Gomes Viana	NÃO identificado	NÃO identificado	Marcel Bursztyn	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				NÃO identificado	NÃO identificado
85	UNB	Salomão Franco Neves	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas	Armando de Azevedo Caldeira-Pires	Engenharia Química	Engenharias				SIM	SIM
86	UNB	Isabel Cristina Barbosa de Brito	Ciências Sociais	Outros	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros				NÃO	NÃO
87	UNB	Lileane Praia Portela de Aguiar	Filosofia	Ciências Humanas	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
88	UNB	Kátia Viana Cavalcante	Ciências da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Saulo Rodrigues Pereira Filho	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
89	UNB	Edinelza Macedo Ribeiro	Letras	Linguística, Letras e Artes	Marutschka Martini Moesch	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
90	UNB	Mônica Schiavinatto Jesuete	Engenharia Agrônoma	Ciências Agrárias	Doris Aleida Villamizar Sayago	Antropologia	Ciências Humanas				SIM	SIM
91	UNB	Pacheco Brandão	Geografia	Ciências Humanas	Carlos Hiroo Saito	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM
92	UNB	Maira Smith	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Laure Emperaire	Biologia	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
93	UNB	Alberto Santos Cabral	Ciências Sociais	Outros	Saulo Rodrigues Pereira Filho	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
94	UNB	Cristiane Gomes Barreto	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	José Augusto Leitão Drummond	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
95	UNB	Nathan dos Santos Debortoli	Turismo	Ciências Sociais Aplicadas	Saulo Rodrigues Pereira Filho	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
96	UNB	Carlos Christian Della Giustina	Geologia	Ciências Exatas e da Terra	José Luis de Andrade Franco	História	Ciências Humanas				SIM	SIM
97	UNB	Vania Vaz	História	Ciências Humanas	Doris Aleida Villamizar Sayago	Antropologia	Ciências Humanas				SIM	NÃO

115	UNB	Marla Leci Weihs	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Doris Aleida Villamizar Sayago	Antropologia	Ciências Humanas				SIM	SIM
116	UNB	Jair Schmitt	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Fernando Paiva Scardua	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias				SIM	SIM
117	UNB	Márcia da Costa Rodrigues de Camargo	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Saulo Rodrigues Pereira Filho	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
118	UNB	Michelle Morimura Catherine	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Fabiano Toni	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
119	UNB	Aliana Gucciardi Garcez Verônica	Engenharia Química	Engenharias	Marcel Bursztyn	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
120	UNB	Maria Bezerra Guimarães	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Othon Henry Leonardos	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
121	UNB	Danielle Calandino	Biologia	Ciências Biológicas	Fernando Paiva Scardua	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias				SIM	SIM
122	UNB	Maria Amélia de Paula Dias	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	João Vianna de Souza Vianna	Engenharia Mecânica	Engenharias	Claus Felby	NÃO identificado	NÃO identificado	SIM	SIM
123	UNB	Chiara Gentile	Teoria e práticas da Antropologia	Ciências Sociais Aplicadas	José Luis de Andrade Franco	História	Ciências Humanas				SIM	SIM
124	UNB	Luiz Cláudio Moreira Melo Júnior	Agronomia	Ciências Agrárias	Doris Aleida Villamizar Sayago	Antropologia	Ciências Humanas				SIM	SIM
125	UNB	Bruno Taitson Bueno	Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Fabiano Toni	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
126	UNB	Andréa Mello Gouthier de Vilhena	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Marcel Bursztyn	Ciências Econômicas	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	NÃO
127	UNB	Arnoldo Santos de Lima	Geografia	Ciências Humanas	Fabiano Toni	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
128	UNB	Daniela de Oliveira Silva	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	José Luis de Andrade Franco	História	Ciências Humanas	Fernando Paiva Scardua	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	SIM	SIM
129	UNB	Fernanda Cornils Monteiro Benevides	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	José Luis de Andrade Franco	História	Ciências Humanas	Vivian Bráz	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	SIM	SIM
130	UNB	Maria Luciana da Silva Nóbrega	Filosofia	Ciências Humanas	Elimar Pinheiro do Nascimento	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
131	UNB	Elizário Noé Boeira Toledo	Ciências Sociais	Outros	Fabiano Toni	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM

132	UNB	Cecília Fadigas Viana	Geografia	Ciências Humanas	Fabiano Toni	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Coudel Emilie Suzanne	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	SIM	SIM
133	Unicamp	Adriane Gomes Rodrigues Batata	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Leila da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
134	Unicamp	Joana Carlos Bezerra	Relações Internacionais	Outros	Roberto Pereira Guimarães	Administração	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
135	Unicamp	Paula Chamy Pereira da Costa	História	Ciências Humanas	José Geraldo Wanderley Marques	História Natural	Ciências Humanas				NÃO	NÃO
136	Unicamp	Emmanuel Duarte Almada	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Carlos Alfredo Joly	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	José Geraldo Wanderley Marques	História Natural	Outros	SIM	SIM
137	Unicamp	Zoraide Souza Pessoa	Ciências Sociais	Outros	Sônia Regina da Cal Seixas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	José Geraldo Wanderley Marques	História Natural	Outros	SIM	SIM
138	Unicamp	Debora Pignatari Drucker	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Carlos Alfredo Joly	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	SIM
139	Unicamp	Juliana Sampaio Farinaci	Biologia	Ciências Biológicas	Mateus Batistella	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
140	Unicamp	Satya Bottin Loeb Caldenhof	Imagem e Som	Ciências Sociais Aplicadas	Leila da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
141	Unicamp	Igor Simoni Homem de Carvalho	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco	Agronomia	Ciências Agrárias				SIM	SIM
142	Unicamp	Jorge Calvimontes Ugarte	Biologia	Ciências Biológicas	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas	Criatiana Simão Seixas	Biologia	Ciências Biológicas	SIM	NÃO
143	Unicamp	Marília d'Ottaviano Giesbrecht	Ciências Sociais	Outros	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
144	Unicamp	Roberto Donato da Silva Júnior	Ciências Sociais	Outros	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
145	Unicamp	Leonardo Ribeiro Teixeira	Agronomia	Ciências Agrárias	Carlos Alfredo Joly	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Leila da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
146	Unicamp	Carolina Joly	Geografia	Ciências Humanas	Maria Monica	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
147	Unicamp	Viviane Souza Martins	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	José Geraldo Wanderley Marques	História Natural	Ciências Humanas				SIM	SIM
148	Unicamp	Rodrigo Rodrigues de Freitas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Criatiana Simão Seixas	Biologia	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO

149	Unicamp	Leopoldo Cavaleri Gerhardinger	Oceanografia	Ciências Exatas e da Terra	Criatiana Simão Seixas	Biologia	Ciências Biológicas					SIM	SIM
150	Unicamp	Allan Yu Iwama de Mello	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Mateus Batistella	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					SIM	SIM
151	Unicamp	Luciana Gomes de Araujo	Ecologia	Ciências Biológicas	Criatiana Simão Seixas	Biologia	Ciências Biológicas					SIM	NÃO
152	Unicamp	Gabriela Farias Asmus	Biologia	Ciências Biológicas	Sônia Regina da Cal Seixas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Simone Aparecida Vieira	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias		SIM	SIM
153	Unicamp	Francisco Javier Leiva Araos	Antropologia Social	Ciências Humanas	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas					SIM	SIM
154	Unicamp	Fabiana Barbi	Ciências Sociais	Outros	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas	Carlos Alfredo Joly	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas		SIM	SIM
155	Unicamp	Luziana Garuana de Souza Silva	Ecologia	Ciências Biológicas	Criatiana Simão Seixas	Biologia	Ciências Biológicas					SIM	NÃO
156	Unicamp	Ramon Felipe Bicudo da Silva	Biologia	Ciências Biológicas	Mateus Batistella	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
157	Unicamp	Rubia Pereira Gaissler	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Aline Vieira de Carvalho	História	Ciências Humanas					SIM	SIM
158	Unicamp	Rosely Alvim Sanches	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Célia Regina Tomiko Fudemma	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
159	Unicamp	Patricia Nunes da Silva Mariuzzo	História	Ciências Humanas	Aline Vieira de Carvalho	História	Ciências Humanas					NÃO	NÃO
160	Unicamp	Gustavo Barbosa Mozzer	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Simone Aparecida Vieira	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Leila da Costa Ferreira				SIM	SIM
161	Unicamp	Rolf Bateman	Biologia	Ciências Biológicas	Thomas Michael Lewinsohn	Biologia	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
162	Unicamp	Marjorie Delgado Alves Rodrigues	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Sílvio Frosini de Barros Ferraz	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias					SIM	SIM
163	Unicamp	Arelys Sotillo Enriquez	Biologia	Ciências Biológicas	Emilio Federico Moran	Literatura Espanhola	Linguística, Letras e Artes	Carlos Alfredo Joly	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas		SIM	SIM
164	Unicamp	Michelle da Costa Portela	Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Lucia da Costa Ferreira	Ecologia	Ciências Biológicas					SIM	SIM
165	Unicamp	Ana Claudia Rocha Braga	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Célia Regina Tomiko Fudemma	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Aline Vieira de Carvalho	História	Ciências Humanas		SIM	SIM
166	Unicamp	Rafael Abreu de Souza	História	Ciências Humanas	Célia Regina Tomiko Fudemma	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas					SIM	SIM
167	Unicamp	Érika Moura Ferreira	Geografia	Ciências Humanas	Jurandir Zullo Júnior	Matemática	Ciências Exatas e da	Sônia Regina da Cal Seixas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas		SIM	SIM

168	Unicamp	Esdras Matheus Silva Matias	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Aline Vieira de Carvalho	História	Terra	Benjamin Oretiz Espejel	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	SIM	SIM
169	Unicamp	Raquel Carnivale Silva Melillo	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Mateus Batistella	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
170	USP	Jussara de Lima CARVALHO	Engenharia Química	Engenharias	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
171	USP	Paulo Maurício Pinho	Engenharia Civil	Engenharias	Wanda Maria Risso Günther	Engenharia Civil	Engenharias				NÃO	NÃO
172	USP	Sara Gurfinkel Marques de	Economia	Ciências Sociais Aplicadas	Sonia Maria Barros de Oliveira	Geologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
173	USP	Daniel Fonseca de Andrade	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
174	USP	Carolina Bernardes Maurício Pimentel	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Wanda Maria Risso Günther	Engenharia Civil	Engenharias				SIM	SIM
175	USP	Homem de Bittencourt	Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Edna Terezinha de Oliveira Tassara	Física	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
176	USP	Maria Lucia Guilherme Borba	Sociologia	Ciências Humanas	Monica Ferreira do Amaral Porto	Engenharia Civil	Engenharias	Bernadete de Lourdes Marinho	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
177	USP	Andréa Quirino de Luca	Biologia	Ciências Biológicas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas	Suzy Maria Lagazzi	Letras	Linguística, letras e artes	SIM	SIM
178	USP	Lucia Lucena Morales	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Maria Cecilia Loschiavo dos Santos	Filosofia	Ciências Humanas				SIM	SIM
179	USP	Gustavo Goulart Moreira Moura	Oceanologia	Ciências Exatas e da Terra	Antonio Carlos Sant Ana Diegues	Ciências Sociais	Outros				SIM	SIM
180	USP	Thaís Brianezi Ng	Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas	Alfredo Wagner Berno de Almeida	Antropologia	Ciências Humanas	SIM	SIM
181	USP	Isis Akemi Morimoto Toschi Oliveira	Ecologia	Ciências Biológicas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas				SIM	NÃO
182	USP	Margarete Ponce Padueli	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Nelson da Cruz Gouveia	Medicina	Ciências da Saúde				SIM	SIM

183	USP	Andrea Sundfeld Penido	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Edna Terezinha de Oliveira Tassarã	Física	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
184	USP	Alessandra Buonavoglia Costa Pinto	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
185	USP	Flavio de Miranda Ribeiro	Engenharia Mecânica	Engenharias	Isak Kruglianskas	Engenharia Aeronáutica	Engenharias					SIM	NÃO
186	USP	Lucia Sousa e Silva	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Marta Dora Grostein	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas					NÃO	NÃO
187	USP	Fernanda Sola	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Monica Ferreira do Amaral Porto	Engenharia Civil	Engenharias	Maria Luiza Machado Granziera	Direito	Ciências Sociais Aplicadas		SIM	SIM
188	USP	Maria Daniela de Araujo Vianna	Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Wanda Maria Risso Günther	Engenharia Civil	Engenharias	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas		SIM	SIM
189	USP	Pilar Carolina Villar	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Wagner Costa Ribeiro	Geografia	Ciências Humanas					SIM	SIM
190	USP	Ingrid Regina Avanzi	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Cláudio Augusto Oller do Nascimento	Engenharia Química	Engenharias	Elen Aquino Perpetuo	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas		SIM	SIM
191	USP	Luis Felipe Bismarchi	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Maria Cecilia Loschiavo dos Santos	Filosofia	Ciências Humanas					SIM	SIM
192	USP	Alice Dantas Brites	Biologia	Ciências Biológicas	Carla Morsello	Biologia	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO
193	USP	Maria Otávia Silva Crepaldi	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Waldir Mantovani	Engenharia agrônômica	Ciências Agrárias	Paulo Antonio de Almeida Sinisgalli	Engenharia Civil	Engenharias		SIM	SIM
194	USP	Juliana Ribeiro de Freitas	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Waldir Mantovani	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias					SIM	SIM
195	USP	Roberta Fontan Pereira Galvão	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Marta Dora Grostein	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas					NÃO	NÃO
196	USP	Laura Silvia Valente de Macedo	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Sociais Aplicadas	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas					SIM	NÃO
197	USP	Renata de Souza Leão Martins	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas					SIM	SIM
198	USP	Cristina Cuiabália Rodrigues Pimentel Neves	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Sueli Angelo Furlan	Biologia	Ciências Biológicas					NÃO	NÃO

199	USP	Carla Moura de Paulo	Gestão Ambiental	Ciências Agrárias	Neli Aparecida de Mello Théry	Geografia	Ciências Humanas					SIM	SIM
200	USP	Mariana Gutierrez Arteiro da Paz	Gestão Ambiental	Ciências Agrárias	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas					SIM	SIM
201	USP	Marília Riul	Gestão Ambiental	Ciências Agrárias	Maria Cecilia Loschiavo dos Santos	Filosofia	Ciências Humanas					SIM	SIM
202	USP	Alexandre do Nascimento Souza	Ciências Sociais	Outros	Pedro Roberto Jacobi	Ciências Sociais e Economia	Ciências Sociais Aplicadas					NÃO	SIM
203	USP	Heloisia de Camargo Tozato	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Neli Aparecida de Mello Théry	Geografia	Ciências Humanas					SIM	SIM
204	USP	Camila de Souza Trindade	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Joel Barbujianni Sigolo	Geologia	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
205	INPE	Jussara Rafael Angelo	Geografia	Ciências Humanas	Carlos Afonso Nobre	Engenharia Eletrônica	Engenharias					SIM	SIM
206	INPE	Fernanda Viana Paiva Arguello	Geografia	Ciências Humanas	Laura de SIM	Engenharia Civil	Engenharias					SIM	SIM
207	INPE	Denilson da Silva Bezerra	Ciências Aquáticas	Ciências Agrárias	Silvana Amaral Kampel	Ecologia	Ciências Biológicas	Milton Kampel	Oceanografia		Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
208	INPE	Francisco Gilney Silva Bezerra	Zootecnia	Ciências Agrárias	Ana Paula Dutra de Aguiar	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	Regina Célia dos Santos Alvalá	Engenharia Cartográfica		Outros	SIM	SIM
209	INPE	Karine Rocha Aguiar Bezerra	Zootecnia	Ciências Agrárias	Myanna Hvid Lahsen	Antropologia	Ciências Humanas	Maria Carmen de Mello Lemos	Economia		Ciências Sociais Aplicadas	SIM	SIM
210	INPE	Alan de Brito	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Ana Paula Dutra de Aguiar	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra					SIM	SIM
211	INPE	Elisângela Broedel	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Celso von Randow	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Luz Adriana Cuartas Pineda	Engenharia Civil		Engenharias	SIM	SIM
212	INPE	Pedro Ivo Mioni Camarinha	Engenharia Civil	Engenharias	Regina Célia dos Santos Alvalá	Engenharia Cartográfica	Outros	Chou Sin Chan	Meteorologia		Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
213	INPE	Vagner Luis Camilotti	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias	Maria Isabel Sobral Escada	Ecologia	Ciências Biológicas	Patrícia Fernanda do Pinho Koberle	Ciências Biológicas		Ciências Biológicas	SIM	SIM
214	INPE	Rogério Lessa de Castro Carneiro	Engenharia Agrícola	Ciências Agrárias	Carlos Afonso Nobre	Engenharia Eletrônica	Engenharias	Humberto Ribeiro da Rocha	Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica		Engenharias	SIM	SIM
215	INPE	Rayonil Gomes Carneiro	NÃO identificado	NÃO identificado	Gilberto Fisch	NÃO identificado	NÃO identificado					NÃO identificado	NÃO identificado

216	INPE	Leandro Casagrande	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Regina Célia dos Santos Alvalá	Engenharia Cartográfica	Outros	Javier Tomasella	Engenharia de Recursos Hídricos	Engenharias	SIM	SIM
217	INPE	Fernanda Casagrande	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Paulo Nobre	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra				NÃO	NÃO
218	INPE	Aline Anderson de Castro	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Luz Adriana Cuartas Pineda	Engenharia Civil	Engenharias	Antônio Donato Nobre	Agronomia	Ciências Agrárias	SIM	SIM
219	INPE	Mabel Calim Costa	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Paulo Nobre	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	SIM
220	INPE	Elói Lennon Dalla Nora	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Ana Paula Dutra de Aguiar	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	David Montenegro Lapola	Ecologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
221	INPE	Isabel Lopes Pilotto Domingues	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Gilvan Sampaio de Oliveira	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Javier Tomasella	Engenharia de Recursos Hídricos	Engenharias	SIM	SIM
222	INPE	Eduardo da Silva Gigliotti	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Patrícia Fernanda do Pinho Koberle	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Roberto Araújo de Oliveira Santos Júnior	História	Ciências Humanas	SIM	SIM
223	INPE	Luciene Gomes	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado				NÃO identificado	NÃO identificado
224	INPE	Sandro Klippel	Oceanologia	Ciências Exatas e da Terra	Lúbia Vinhas	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	Silvana Amaral Kampel	Ecologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
225	INPE	Adriana Koumrouyan	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Luz Adriana Cuartas Pineda	Engenharia Civil	Engenharias	Dalton de Morisson Valeriano	Biologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
226	INPE	Juliana Paiva Nunes Kury	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Ana Paula Dutra de Aguiar	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	Dalton de Morisson Valeriano	Biologia	Ciências Biológicas	SIM	SIM
227	INPE	Karinne Reis Deusdará Leal.	Ecologia	Ciências Biológicas	Laura de SIM	Engenharia Civil	Engenharias	Maria Cristina Forti	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
228	INPE	André de Arruda Lyra.	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Chou Sin Chan	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Gilvan Sampaio de Oliveira	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	NÃO	NÃO
229	INPE	Flávio de Carvalho Magina	Engenharia Elétrica	Engenharias	Osmar Pinto Junior	Engenharia Eletrônica	Engenharias	Kleber Pinheiro Naccarato	Engenharia Elétrica	Engenharias	NÃO	NÃO
230	INPE	Minella Alves Martins	Engenharia Agrícola	Ciências Agrárias	Regina Célia dos Santos Alvalá	Engenharia Cartográfica	Outros	Javier Tomasella	Engenharia de Recursos Hídricos	Engenharias	SIM	SIM
231	INPE	Victor Wegner Maus	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Gilberto Câmara	Engenharia Eletrônica	Engenharias	Fernando Manoel Ramos	Engenharia Mecânica-Aeronáutica	Engenharias	SIM	SIM

232	INPE	Grasiela de Oliveira Rodrigues Medeiros	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Angélica Giarolla	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Gilvan Sampaio de Oliveira	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
233	INPE	Janaína Michelini	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Myanna Hvid Lahsen	Literatura Inglesa	Linguística, Letras e Artes				SIM	SIM
234	INPE	Caroline Estéphanie Ferraz de Mourão Victor	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Chou Sin Chan	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	José Antônio Marengo Orsini	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	NÃO
235	INPE	Fernandez Nascimento	Geografia	Ciências Humanas	Jean Pierre Henry Balbaud Ometto	Agronomia	Ciências Agrárias	Pedro Ribeiro de Andrade Neto	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
236	INPE	Renato Galante Negri	Matemática	Ciências Exatas e da Terra	Luiz Augusto Toledo Machado	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra				SIM	NÃO
237	INPE	Camille Lanzarotti Nolasco	Agronomia	Ciências Agrárias	Jean Pierre Henry Balbaud	Agronomia	Ciências Agrárias	Myanna Hvid Lahsen	Literatura Inglesa	Linguística, letras e artes	SIM	SIM
238	INPE	Alex Ovando Leyton	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Javier Tomasella	Engenharia de Recursos Hídricos	Engenharias	Celso von Randow	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
239	INPE	Felipe Siqueira Pacheco	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Jean Pierre Henry Balbaud Ometto	Agronomia	Ciências Agrárias	Plínio Carlos Alvalá	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
240	INPE	Marcelo Pizzuti Pes	Física	Ciências Exatas e da Terra	José Antonio Marengo Orsini	Física	Ciências Exatas e da Terra	Enio Bueno Pereira	Física	Ciências Exatas e da Terra	NÃO	NÃO
241	INPE	Taise Farias Pinheiro	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Maria Isabel Sobral Escada	Ecologia	Ciências Biológicas	Dalton de Morisson Valeriano	Biologia	Ciências Biológicas	SIM	NÃO
242	INPE	Lucía Iracema Chipponelli Pinto	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Enio Bueno Pereira	Física	Ciências Exatas e da Terra	Fernando Ramos Martins	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	NÃO
243	INPE	Carla Corrêa Prieto	NÃO identificado	NÃO identificado	Carlos Afonso Nobre	NÃO identificado	NÃO identificado				NÃO identificado	NÃO identificado
244	INPE	Luiz Felipe Campos de Rezende	Ciências da Computação	Ciências Exatas e da Terra	Jean Pierre Henry Balbaud Ometto	Agronomia	Ciências Agrárias	Celso Von Randow	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
245	INPE	Rita Micheline Dantas Ricarte.	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Dirceu Luis Herdies	Física	Ciências Exatas e da Terra				SIM	NÃO
246	INPE	Carla de Almeida Roig José	NÃO identificado	NÃO identificado	Antonio Miguel Vieira Monteiro	NÃO identificado	NÃO identificado	Flavia da Fonseca Feitosa	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado	NÃO identificado
247	INPE	Guilherme Martins dos Santos	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Celso Von Randow	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Gilvan Sampaio de Oliveira	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	NÃO	NÃO

248	INPE	Ana Paula Paes dos Santos	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Osmar Pinto Junior	Engenharia Eletrônica	Engenharias	Everaldo Barreiros de Souza	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
249	INPE	Fernando Cavalcante dos Santos	Química	Ciências Exatas e da Terra	Karla Maria Longo de Freitas	Física	Ciências Exatas e da Terra	Alex Guenther	NÃO identificado	NÃO identificado	SIM	NÃO
250	INPE	Ricardo Almeida de Siqueira	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Karla Maria Longo de Freitas	Física	Ciências Exatas e da Terra	Saulo Ribeiro de Freita	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	NÃO
251	INPE	Priscila da Silva Tavares	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Angélica Giarolla	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Chou Sin Chan	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	SIM	SIM
252	INPE	Graciela Tejada Pinell Maria	Engenharia Ambiental	Ciências Agrárias	Jean Pierre Henry Balbaud Ometto	Agronomia	Ciências Agrárias	Eric Bastos Gørgens	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	SIM	NÃO
253	INPE	Francisca Azeredo Velloso	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Enio Bueno Pereira	Física	Ciências Exatas e da Terra	Fernando Ramos Martins	Física	Ciências Exatas e da Terra	SIM	NÃO
254	INPE	Rita Marcia da Silva Pinto Vieira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Javier Tomasella	Engenharia de Recursos Hídricos	Engenharias	Regina Célia dos Santos Alvalá	Engenharia Cartográfica	Outros	SIM	SIM
255	ESALQ	Carolina de Albuquerque	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Maria Angelica Penatti Pipitone	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas	Katia Maria Paschoaletto Micchi de Barros			SIM	NÃO
256	ESALQ	Eduardo Roberto Alexandrino	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Hilton Thadeu Zarate do Couto	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias		Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	SIM	SIM
257	ESALQ	Inaê Guion de Almeida	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Alexandre Reis Percequillo	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				NÃO	NÃO
258	ESALQ	Cynthia Elisa Widmer de Azevedo	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias	Eliana Reiko Matushima	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias				NÃO	NÃO
259	ESALQ	Luís Antonio Bochetti Basset	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias	Eliana Reiko Matushima	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias				NÃO	NÃO
260	ESALQ	Tiago Pavan Beltrame Semíramis	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Laury Cullen Junior	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias				NÃO	NÃO
261	ESALQ	Albuquerque Biasoli Denise	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Marcos Sorrentino	Biologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
262	ESALQ	Teresinha Gonçalves Bizuti	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Pedro Henrique Santin Brancalion	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				NÃO	NÃO
263	ESALQ	Clovis Daniel Borges	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Tsai Siu Mui	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
264	ESALQ	Ricardo Siqueira	Ecologia	Ciências Biológicas	Alexandre Reis Percequillo	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas				SIM	NÃO

300	ESALQ	Sueli Aparecida Moreira	Nutrição	Ciências da Saúde	Laura Alve Martirani	Educação Artística	Linguística, Letras e Artes						SIM	SIM
301	ESALQ	Rogério Goularte Moura	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias	Evoneo Berti Filho	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias						SIM	NÃO
302	ESALQ	Gabriela Narezi Alexandre	Saneamento Ambiental	Engenharias	Paulo Eduardo Moruzzi Marques	Agronomia	Ciências Agrárias						SIM	SIM
303	ESALQ	Leandro Pereira Flávia	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Luiz Antonio Martinelli	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas						NÃO	NÃO
304	ESALQ	Lordello Piedade	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Silvia Maria Guerra Molina	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas						SIM	NÃO
305	ESALQ	Tania Pena Pimentel	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Alex Vladimir Krusche	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas						NÃO	NÃO
306	ESALQ	Mônica Rodrigues de Queiroz	Meteorologia	Ciências Exatas e da Terra	Humberto Ribeiro da Rocha	Engenharia Civil-Aeronáutica	Engenharias						SIM	SIM
307	ESALQ	Ricardo Raele	Ciências Sociais	Outros	Silvia Maria Guerra Molina	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas						SIM	SIM
308	ESALQ	Fernanda Viegas Reichardt	Direito	Ciências Sociais Aplicadas	Silvia Maria Guerra Molina	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas						SIM	NÃO
309	ESALQ	Thiago Junqueira Roncon	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Paulo Yoshio Kageyama	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Enrique Ortega Rodriguez	Engenharia química	Engenharias			SIM	SIM
310	ESALQ	Silmara Rossi	Biologia	Ciências Biológicas	Eliana Reiko Matushima	Medicina Veterinária	Ciências Agrárias						SIM	SIM
311	ESALQ	Mirian Stella Rother	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Demóstenes Ferreira da Silva Filho	Agronomia	Ciências Agrárias						SIM	SIM
312	ESALQ	Mario Masaru Sakaguti Junior	Gestão Ambiental	Ciências Agrárias	Antonio Ribeiro de Almeida Junior	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias						SIM	NÃO
313	ESALQ	Diléia Santana dos Santos	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Gerd Sparovek	Agronomia	Ciências Agrárias						NÃO	NÃO
314	ESALQ	Katia Maria Pacheco dos Santos	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas						SIM	SIM
315	ESALQ	Tarita Schnitman	Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Paulo Eduardo Moruzzi Marques	Agronomia	Ciências Agrárias						SIM	SIM
316	ESALQ	Márcio Leite de Oliveira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Hilton Thadeu Zarate do Couto	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias						SIM	SIM
317	ESALQ	Fábio Eduardo Penatti	Geografia	Ciências Humanas	Valdemar Luiz Tomisielo	Ecologia	Ciências Biológicas						SIM	SIM

318	ESALQ	Rafael Jose Navas da Silva	Agronomia	Ciências Agrárias	Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
319	ESALQ	Rodrigo de Jesus Silva	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
320	ESALQ	Viviane Vidal da Silva Marcos Vinicius Bohrer Monteiro Siqueira	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Carlos Alberto Vettorazzi	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
321	ESALQ	Dennis Góss de Souza Ricardo Hideo Taniwaki Juliana de Oliveira Vicentini	Engenharia Biotecnológica	Engenharias	Elizabeth Ann Veasey	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				SIM	SIM
322	ESALQ	Franz Zirena Vilca	Agronomia	Ciências Agrárias	Tsai Siu Mui	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias				NÃO	NÃO
323	ESALQ	Lucy da Silva Sá Xavier	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Sílvio Frosini de Barros Ferraz	Engenharia Florestal	Ciências Agrárias				SIM	SIM
324	ESALQ	Juliana de Oliveira Vicentini	Geografia	Ciências Humanas	Silvia Maria Guerra Molina	Economia Doméstica	Ciências Sociais Aplicadas				SIM	SIM
325	ESALQ	Valdemar Luiz Tornisielo Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Valdemar Luiz Tornisielo Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz	Ecologia	Ciências Biológicas				SIM	SIM
326	ESALQ	Lucy da Silva Sá Xavier	Geografia	Ciências Humanas	Lucy da Silva Sá Xavier	Pedagogia	Ciências Humanas				SIM	NÃO

Fonte: Autora (2008).

APÊNDICE C – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “INTEGRAÇÃO AMBIENTE-SOCIEDADE-TECNOLOGIA”

Cód.	IES	Ambiente	Sociedade	Tecnologia
1	UFG	SIM	SIM	NÃO
2	UFG	SIM	SIM	NÃO
3	UFG	SIM	SIM	SIM
4	UFG	SIM	SIM	NÃO
5	UFG	SIM	SIM	NÃO
6	UFG	SIM	SIM	SIM
7	UFG	SIM	SIM	NÃO
8	UFG	SIM	SIM	NÃO
9	UFG	SIM	SIM	NÃO
10	UFG	SIM	SIM	NÃO
11	UFG	SIM	SIM	SIM
12	UFG	SIM	NÃO	NÃO
13	UFG	NÃO	SIM	NÃO
14	UFG	SIM	SIM	NÃO
15	UFG	SIM	SIM	NÃO
16	UFG	SIM	SIM	NÃO
17	UFG	SIM	SIM	NÃO
18	UFG	SIM	SIM	NÃO
19	UFG	SIM	SIM	SIM
20	UFG	SIM	SIM	NÃO
21	UFG	SIM	SIM	SIM
22	UFG	SIM	SIM	NÃO
23	UFG	SIM	SIM	NÃO
24	UFG	SIM	NÃO	NÃO
25	UFG	SIM	SIM	NÃO
26	UFG	SIM	SIM	NÃO
27	UFG	SIM	SIM	NÃO

28	UFG	SIM	SIM	NÃO
29	UFG	SIM	SIM	NÃO
30	UFG	SIM	SIM	NÃO
31	UFG	SIM	SIM	NÃO
32	UFG	SIM	SIM	SIM
33	UFG	SIM	SIM	NÃO
34	UFG	SIM	NÃO	SIM
35	UFG	SIM	SIM	SIM
36	UFG	SIM	SIM	NÃO
37	UFG	SIM	SIM	SIM
38	UFG	SIM	SIM	SIM
39	UFG	SIM	SIM	NÃO
40	UFG	SIM	NÃO	SIM
41	UFG	SIM	SIM	SIM
42	UFG	SIM	SIM	NÃO
43	UFG	SIM	NÃO	NÃO
44	UFG	SIM	NÃO	NÃO
45	UFG	SIM	SIM	NÃO
46	UFG	SIM	SIM	SIM
47	UFG	SIM	SIM	NÃO
48	UFG	SIM	NÃO	SIM
49	UFG	SIM	NÃO	SIM
50	UFG	SIM	SIM	NÃO
51	UFG	SIM	NÃO	SIM
52	UFG	SIM	SIM	NÃO
53	UFG	SIM	SIM	NÃO
54	UFG	SIM	SIM	NÃO
55	UNB	SIM	SIM	NÃO
56	UNB	SIM	SIM	NÃO
57	UNB	SIM	SIM	NÃO

58	UNB	SIM	SIM	NÃO
59	UNB	SIM	SIM	NÃO
60	UNB	SIM	SIM	NÃO
61	UNB	SIM	SIM	SIM
62	UNB	SIM	SIM	NÃO
63	UNB	SIM	SIM	SIM
64	UNB	SIM	SIM	NÃO
65	UNB	SIM	SIM	NÃO
66	UNB	SIM	SIM	NÃO
67	UNB	SIM	SIM	NÃO
68	UNB	SIM	SIM	NÃO
69	UNB	SIM	SIM	NÃO
70	UNB	SIM	SIM	NÃO
71	UNB	SIM	SIM	NÃO
72	UNB	SIM	SIM	NÃO
73	UNB	NÃO	NÃO	NÃO
74	UNB	SIM	SIM	NÃO
75	UNB	SIM	SIM	SIM
76	UNB	NÃO	NÃO	NÃO
77	UNB	SIM	SIM	NÃO
78	UNB	NÃO	NÃO	NÃO
79	UNB	SIM	SIM	NÃO
80	UNB	SIM	SIM	NÃO
81	UNB	SIM	SIM	NÃO
82	UNB	SIM	SIM	NÃO
83	UNB	SIM	SIM	NÃO
84	UNB	SIM	SIM	NÃO
85	UNB	SIM	SIM	SIM
86	UNB	SIM	SIM	NÃO
87	UNB	NÃO	SIM	NÃO

88	UNB	SIM	SIM	NÃO
89	UNB	SIM	SIM	NÃO
90	UNB	SIM	SIM	NÃO
91	UNB	SIM	SIM	NÃO
92	UNB	SIM	SIM	NÃO
93	UNB	SIM	SIM	NÃO
94	UNB	SIM	SIM	NÃO
95	UNB	SIM	NÃO	NÃO
96	UNB	SIM	SIM	NÃO
97	UNB	SIM	SIM	NÃO
98	UNB	NÃO	SIM	NÃO
99	UNB	SIM	SIM	NÃO
100	UNB	SIM	SIM	NÃO
101	UNB	SIM	SIM	NÃO
102	UNB	SIM	SIM	SIM
103	UNB	SIM	SIM	NÃO
104	UNB	SIM	SIM	SIM
105	UNB	NÃO	NÃO	NÃO
106	UNB	SIM	SIM	NÃO
107	UNB	SIM	SIM	NÃO
108	UNB	SIM	SIM	NÃO
109	UNB	SIM	SIM	NÃO
110	UNB	SIM	SIM	SIM
111	UNB	SIM	SIM	NÃO
112	UNB	SIM	SIM	NÃO
113	UNB	SIM	SIM	SIM
114	UNB	SIM	SIM	NÃO
115	UNB	SIM	SIM	NÃO
116	UNB	SIM	SIM	NÃO
117	UNB	SIM	SIM	NÃO

118	UNB	SIM	SIM	NÃO
119	UNB	SIM	SIM	SIM
120	UNB	SIM	SIM	NÃO
121	UNB	SIM	SIM	NÃO
122	UNB	SIM	SIM	SIM
123	UNB	SIM	SIM	NÃO
124	UNB	SIM	SIM	NÃO
125	UNB	SIM	SIM	NÃO
126	UNB	NÃO	SIM	NÃO
127	UNB	SIM	SIM	NÃO
128	UNB	SIM	SIM	NÃO
129	UNB	SIM	SIM	SIM
130	UNB	SIM	SIM	SIM
131	UNB	SIM	SIM	NÃO
132	UNB	SIM	SIM	NÃO
133	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
134	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
135	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
136	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
137	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
138	Unicamp	SIM	SIM	SIM
139	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
140	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
141	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
142	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
143	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
144	Unicamp	NÃO	NÃO	NÃO
145	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
146	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
147	Unicamp	SIM	SIM	NÃO

148	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
149	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
150	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
151	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
152	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
153	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
154	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
155	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
156	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
157	Unicamp	SIM	SIM	SIM
158	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
159	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
160	Unicamp	SIM	SIM	SIM
161	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
162	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
163	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
164	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
165	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
166	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
167	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
168	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
169	Unicamp	SIM	SIM	NÃO
170	USP	SIM	SIM	NÃO
171	USP	SIM	SIM	NÃO
172	USP	SIM	NÃO	NÃO
173	USP	SIM	SIM	NÃO
174	USP	SIM	SIM	NÃO
175	USP	SIM	NÃO	NÃO
176	USP	SIM	SIM	NÃO
177	USP	SIM	NÃO	NÃO

178	USP	SIM	SIM	NÃO
179	USP	SIM	SIM	NÃO
180	USP	SIM	SIM	NÃO
181	USP	SIM	SIM	NÃO
182	USP	SIM	SIM	NÃO
183	USP	SIM	SIM	NÃO
184	USP	SIM	SIM	NÃO
185	USP	SIM	SIM	NÃO
186	USP	SIM	SIM	NÃO
187	USP	SIM	SIM	NÃO
188	USP	SIM	SIM	NÃO
189	USP	SIM	SIM	NÃO
190	USP	SIM	SIM	NÃO
191	USP	SIM	SIM	NÃO
192	USP	SIM	SIM	NÃO
193	USP	SIM	SIM	NÃO
194	USP	SIM	SIM	NÃO
195	USP	SIM	NÃO	NÃO
196	USP	SIM	SIM	NÃO
197	USP	SIM	SIM	NÃO
198	USP	SIM	SIM	NÃO
199	USP	SIM	SIM	NÃO
200	USP	SIM	SIM	NÃO
201	USP	SIM	SIM	NÃO
202	USP	SIM	SIM	NÃO
203	USP	SIM	SIM	NÃO
204	USP	SIM	SIM	NÃO
205	INPE	SIM	SIM	SIM
206	INPE	SIM	NÃO	NÃO
207	INPE	SIM	NÃO	SIM

208	INPE	SIM	SIM	NÃO
209	INPE	SIM	SIM	NÃO
210	INPE	SIM	SIM	NÃO
211	INPE	SIM	SIM	NÃO
212	INPE	SIM	SIM	NÃO
213	INPE	SIM	SIM	NÃO
214	INPE	SIM	NÃO	NÃO
215	INPE	SIM	NÃO	NÃO
216	INPE	SIM	SIM	SIM
217	INPE	SIM	NÃO	NÃO
218	INPE	SIM	NÃO	NÃO
219	INPE	SIM	NÃO	SIM
220	INPE	SIM	NÃO	SIM
221	INPE	SIM	NÃO	NÃO
222	INPE	SIM	SIM	NÃO
223	INPE	SIM	NÃO	NÃO
224	INPE	SIM	NÃO	SIM
225	INPE	SIM	NÃO	NÃO
226	INPE	SIM	NÃO	NÃO
227	INPE	SIM	NÃO	NÃO
228	INPE	SIM	NÃO	NÃO
229	INPE	SIM	NÃO	SIM
230	INPE	SIM	NÃO	NÃO
231	INPE	SIM	NÃO	SIM
232	INPE	SIM	NÃO	NÃO
233	INPE	SIM	SIM	NÃO
234	INPE	SIM	NÃO	NÃO
235	INPE	SIM	SIM	SIM
236	INPE	SIM	NÃO	SIM
237	INPE	SIM	SIM	NÃO

238	INPE	SIM	NÃO	NÃO
239	INPE	SIM	NÃO	NÃO
240	INPE	SIM	NÃO	SIM
241	INPE	SIM	NÃO	NÃO
242	INPE	SIM	NÃO	NÃO
243	INPE	SIM	NÃO	NÃO
244	INPE	SIM	NÃO	NÃO
245	INPE	SIM	NÃO	NÃO
246	INPE	SIM	NÃO	NÃO
247	INPE	SIM	NÃO	NÃO
248	INPE	SIM	NÃO	NÃO
249	INPE	SIM	NÃO	SIM
250	INPE	SIM	NÃO	NÃO
251	INPE	SIM	SIM	NÃO
252	INPE	SIM	SIM	SIM
253	INPE	SIM	SIM	SIM
254	INPE	SIM	NÃO	SIM
255	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
256	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
257	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
258	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
259	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
260	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
261	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
262	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
263	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
264	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
265	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
266	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
267	ESALQ	SIM	SIM	NÃO

268	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
269	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
270	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
271	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
272	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
273	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
274	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
275	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
276	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
277	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
278	ESALQ	NÃO	SIM	NÃO
279	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
280	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
281	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
282	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
283	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
284	ESALQ	NÃO	SIM	NÃO
285	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
286	ESALQ	NÃO	NÃO	NÃO
287	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
288	ESALQ	SIM	NÃO	SIM
289	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
290	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
291	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
292	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
293	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
294	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
295	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
296	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
297	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO

298	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
299	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
300	ESALQ	NÃO	SIM	NÃO
301	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
302	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
303	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
304	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
305	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
306	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
307	ESALQ	SIM	SIM	SIM
308	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
309	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
310	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
311	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
312	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
313	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
314	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
315	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
316	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
317	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
318	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
319	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
320	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
321	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
322	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
323	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
324	ESALQ	SIM	SIM	NÃO
325	ESALQ	SIM	NÃO	NÃO
326	ESALQ	SIM	SIM	NÃO

Fonte: Autora (2008).

APÊNDICE D – DADOS TABULADOS NA PLANILHA “PALAVRAS-CHAVE”

CÓD.	IES	PALAVRA-CHAVE 1	PALAVRA-CHAVE 2	PALAVRA-CHAVE 3	PALAVRA-CHAVE 4	PALAVRA-CHAVE 5	PALAVRA-CHAVE 6	PALAVRA-CHAVE 7	PALAVRA-CHAVE 8
1	UFG	Não identificado	Não identificado	Não identificado	Não identificado				
2	UFG	Biondicadores	Diversidade beta	Heterogeneidade de habitats	Insetos herbívoros	IndVal			
3	UFG	Agricultura Familiar	Extensão rural	Desenvolvimento Sustentável	Educação ambiental				
4	UFG	Não identificado	Não identificado	Não identificado	Não identificado				
5	UFG	Modelagem de nicho	Riqueza	Diversidade beta	Mudanças climáticas				
6	UFG	Riscos Ambiental	Método de avaliação Ambiental	Ambiente urbano					
7	UFG	Diagnóstico ambiental qualitativo	Modelos conceituais	Gestão de recursos hídricos					
8	UFG	Expansão Agrícola	Fragmentação Ambiental	Cerrado					
9	UFG	Fitoplâncton	Ficoperifiton						
10	UFG	Uso do solo	Impactos ambientais	Indicadores de risco	Complexos agropecuários				
11	UFG	Poluição do ar	Legislação ambiental						
12	UFG	Invertebrados aquáticos	Índice multimétrico	Uso de solo					
13	UFG	Cana-de-açúcar	rede de poder	governança	interação	estratégia			
14	UFG	Tuberculose	Agente comunitário de saúde	Doença negligenciada	Índice de qualidade ambiental	Pobreza			
15	UFG	Política Urbana	Função socioambiental da cidade	Valoração ambiental	Mais-valia fundiária				
16	UFG	Vulnerabilidade	Uso e ocupação do solo	Modelagem dinâmica	Bioma Cerrado				
17	UFG	Amazônia	Desmatamento	Modelagem	Modelos baseados em nicho ecológico	Ações de comando e controle			
18	UFG	Desenvolvimento Rural Sustentável	Agricultura Familiar	Capital Social Índice de Desenvolvimento Rural	Índice de Condições de Vida				

19	UFG	Impacto ambiental	Agroindústria	Suíños	Stakeholders	Modelo		
20	UFG	Valoração	Desenvolvimento turístico	Custo de viagem				
21	UFG	Modernização agrícola	Fragmentação Ambiental	Fronteira agrícola				
22	UFG	Educação Ambiental	Políticas Pública	Percepção Ambiental				
23	UFG	Setor sucroalcooleiro	Fronteira agrícola	Indicadores de sustentabilidade				
24	UFG	Setor sucroenergético	Uso da terra	Modelagem Ambiental				
25	UFG	Qualidade do solo	Qualidade da água	Bioindicadores				
26	UFG	Gestão publica	Resíduos sólidos	reciclagem	usina de triagem e compostagem	aterro controlado		
27	UFG	Aquífero Guarani	Vulnerabilidade	Contaminação				
28	UFG	Fragaria x ananassa	Impacto ambiental	Sustentabilidade	Topossequencia			
29	UFG	Perda de habitat	Uso do solo	Diversidade	Insetos aquáticos	Córregos		
30	UFG	Recursos hídricos	Impactos ambientais					
31	UFG	Meio ambeinte	Saneamento	saúde				
32	UFG	Política Nacional de Resíduos Sólidos	Pagamento por serviço ambiental	Catator de Material reciclável				
33	UFG	HEC-RAS	Inderbitzen,	paradigma	processos erosivos	WebQDA		
34	UFG	Áreas queimadas	MODIS MCD45A1	Recorrência	Cerrado			
35	UFG	Inovação tecnológica	Percepção	Impactos ambientais	Sociologia			
36	UFG	Compras públicas sustentáveis	Cenário de consumo	Selos ambientais	Eficiência energética	Disposição a pagar		
37	UFG	Riachos	Ecologia de Paisagem	Cerrado	Agricultura	Vegetação Natural		
38	UFG	Complexo grãos	Cana-de-açúcar	Campo de poder	Estratégias	Degradação física do solo		
39	UFG	Arborização urbana	Parcelamento territorial	desenvolvimento de baixo impacto	Modelo de gerenciamento de baixo impacto			
40	UFG	Microalgas	Biodisel	Ácido graxos	Pigmentos			
41	UFG	Expansão canavieira	Mudanças de usos dos solos	Aptidão agrícola do uso das terras	Indicadores de discrepância de uso	Conflitos de Uso e Impactos diretos e indiretos		
42	UFG	Educação Ambiental	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	População entorno				

43	UFG	Ecotoxicologia	microbiologia	óleo residual de fritura	produção de biodiesel	transesterificação
44	UFG	Indicador	bacia hidrográfica	Perda de solo	Mananciais de abastecimento	IQA
45	UFG	Educação Ambiental	Paulo Freire	Investigação-ação	Empowerment	Semiótica
46	UFG	Expansão da fronteira agrícola	Cerrado	Modelagem do uso e cobertura da terra	Índices	Cenários
47	UFG	Fragmentação	Similaridade	Matriz de pastagem	Sub-bacia do rio Claro	Sub-bacia do rio Garças
48	UFG	biodiesel etílico	Processo conjugado	Ecotoxicologia		
49	UFG	bioma cerrado	Padrão Climático	Precipitação por satélite		
50	UFG	Agricultura sustentável	Manejo de recursos naturais	Propriedade rural	Sustentabilidade	
51	UFG	Microalgas	Biodiesel	luteína	meios de cultivos	extremófilo
52	UFG	Fragmentação	lacunas do conhecimento	Cerrado	Modelos	Mata Atlântica
53	UFG	Aspectos morfométrico	Uso da terra	Produção e transporte de sedimentos	Bacia do Rio do Coco	
54	UFG	Avaliação Ambiental	Minerações desativadas	mutógenes ambiental		
55	UNB	Desenvolvimento Rural Sustentável	Gestão ambiental	Governabilidade		
56	UNB	Regularização fundiária	Desflorestamento	Políticas Públicas	Amazonia Legal	
57	UNB	Agricultura sustentável	Cacaueiro - cultivo	Produtividade Agrícola		
58	UNB	Amazônia Legal	Manejo florestal	Florestas	Política ambiental	
59	UNB	Baru	Cadeia produtiva	Sustentabilidade	Extrativismo vegetal	Modelo produtivo
60	UNB	Desenvolvimento rural	Agricultura e Estado	Políticas públicas		
61	UNB	Álcool como combustível	Reforma agrária	Alimentos - qualidade	Segurança alimentar e nutricional	
62	UNB	Biotecnologia	Engenharia genética	Ciência - aspectos sociais	Administração de risco	
63	UNB	Recursos hídricos	Hidrologia	Desenvolvimento sustentável		
64	UNB	Seguro Ambiental	Dano Ambiental	Reparação	Indenização	
65	UNB	Energia da biomassa	Política pública	Agroindústria	Desenvolvimento rural	
66	UNB	Índios Xavante	Queimada - aspectos ambientais	Cerrados - conservação		

67	UNB	Desenvolvimento sustentável	Amazônia	Agroindústria	Desmatamento				
68	UNB	Minas e recursos minerais - avaliação	Desenvolvimento sustentável						
69	UNB	Desenvolvimento sustentável	Política ambiental	Recursos naturais					
70	UNB	Desvio de águas	Movimentos sociais	Comunicação de massa - influência					
71	UNB	Economia	Ecologia						
72	UNB	Desenvolvimento sustentável	Recursos naturais - sustentabilidade	Regiões áridas	Desenvolvimento rural				
73	UNB	Qualificações profissionais - engenharia - computação	Pesquisadores - engenharia - computação - 1996-2006	Recursos humanos					
74	UNB	Parques nacionais - Brasil e França	Diversidade biológica	Proteção ambiental	Gestão ambiental				
75	UNB	Agricultura familiar	Desenvolvimento sustentável	Irrigação agrícola					
76	UNB	Formação profissional	Educação ambiental	Meio ambiente e desenvolvimento sustentável					
77	UNB	Desenvolvimento sustentável	Meio ambiente e desenvolvimento sustentável	Gestão ambiental	Florestas - administração				
78	UNB	Política pública	Planejamento estratégico	Desenvolvimento sustentável	Território nacional				
79	UNB	Educação ambiental	Água - conservação	Desenvolvimento sustentável					
80	UNB	Agropecuária - Amazonas (AM)	Economia e meio ambiente	Amazônia					
81	UNB	Segurança alimentar e nutricional	Sustentabilidade	Impacto ambiental - Amazônia					
82	UNB	Política ambiental - Distrito Federal (Brasil)	Ministério Público	Administração pública					
83	UNB	Forças armadas - Brasil	Amazônia Legal - história ambiental	Meio ambiente - Amazônia Legal - Séc. XX					
84	UNB	Política pública	Desenvolvimento sustentável	Desertificação	Secas - Brasil, Nordeste	Semiárido			
85	UNB	Desenvolvimento sustentável	Ecologia industrial	Indústrias - Manaus (AM)					
86	UNB	Sustentabilidade	Comunidade						
87	UNB	Turismo	Desenvolvimento sustentável						
88	UNB	Sustentabilidade	Indicadores	Vulnerabilidade					

89	UNB	Desenvolvimento sustentável	Turismo - Políticas Públicas	Ecoturismo				
90	UNB	Desenvolvimento rural	Governança	Participação social				
91	UNB	Uso e ocupação da terra	Educação ambiental	Sustentabilidade				
92	UNB	Agrobiodiversidade	Pequi	Parque Nacional Indígena do Xingu				
93	UNB	Meio ambiente e desenvolvimento sustentável	Rotulagem ambiental	Álcool	Cana-de-açúcar			
94	UNB	Política ambiental	Política pública	Sustentabilidade	Mata Atlântica			
95	UNB	Águas pluviais	Desmatamento	Amazônia				
96	UNB	Degradação ambiental	Conservação da natureza	Cerrados				
97	UNB	Desmatamento - Pará (PA)	Pecuária - Pará (PA)	Latifúndio - Pará (PA)				
98	UNB	Ecologia humana	Sustentabilidade	Psicologia	Gestalt-terapia			
99	UNB	Meio ambiente - Amazônia	Percepção	Redes sociais				
100	UNB	Política pública	Desenvolvimento sustentável - Amazônia	Amazônia Legal				
101	UNB	Territorialidade humana	Sustentabilidade	Índios Krahô	Terras - divisão e demarcação			
102	UNB	Desenvolvimento sustentável	Usina Hidrelétrica de Lajeado	Barragens	Tocantins, rio			
103	UNB	Desenvolvimento territorial	Governança territorial	Redes sociais - análise				
104	UNB	Biodiesel	Sustentabilidade	Óleos vegetais - combustível				
105	UNB	Interdisciplinaridade	Universidades e faculdades - pós-graduação					
106	UNB	Mudanças climáticas	Gerenciamento e políticas de mitigação - Brasil	Desenvolvimento sustentável	Gestão ambiental			
107	UNB	Participação social	Desenvolvimento sustentável	Análise de discurso crítica	Geopolítica	Rio+20		
108	UNB	Turismo - desenvolvimento sustentável	Turismo - Brasil	Turismo - aspectos ambientais				
109	UNB	Turismo - desenvolvimento sustentável	Inclusão social	Exclusão social	Desenvolvimento sustentável			
110	UNB	Turismo - aspectos econômicos	Turismo - administração	Sustentabilidade	Pós-graduação			

111	UNB	Índia - Sistema Público de Distribuição de Alimentos	Índia - segurança alimentar e nutricional	Segurança alimentar e nutricional - políticas públicas				
112	UNB	Mudanças climáticas	Segurança alimentar e nutricional	Agricultura familiar	Semiárido			
113	UNB	Modernização ecológica	Papel - indústria	Rotulagem AmbientAL	Inovação ambiental	celulose		
114	UNB	Coleta seletiva	Resíduos sólidos	reciclagem				
115	UNB	Saúde ambiental - Brasil	Fronteira agrícola	Degradação ambiental - Brasil				
116	UNB	Fiscalização ambiental	Monitoramento ambiental	Desmatamento - Amazônia	Ambientalismo - Amazônia			
117	UNB	Cidades sustentáveis	Sustentabilidade ambiental	Carbono - impacto ambiental	Aquecimento global	Gases - efeito estufa		
118	UNB	Governança sustentável	Mudanças climáticas					
119	UNB	Geração distribuída de energia elétrica	Energia renovável	Políticas públicas				
120	UNB	Diversidade biológica	Diversidade cultural	Índios Kaiowá-Guarani	Sustentabilidade			
121	UNB	Participação social	Conservação	Biodiversidade	Unidades de conservação	Desmatamento - Amazônia		
122	UNB	Biodiesel - Brasil	Sustentabilidade	Desenvolvimento sustentável - Brasil				
123	UNB	Slow Food	Desenvolvimento local	Capital social	Cultura			
124	UNB	Comunidades ribeirinhas	Manejo florestal	Sistemas sociais	Concessão florestal	Rio Arapiuns (PA)		
125	UNB	Movimento ambientalista	Organizações não-governamentais	Política ambiental - Brasil	Política ambiental - Estados Unidos			
126	UNB	Sustentabilidade urbana	Economia solidária	Empreendedorismo	Favelas - Rio de Janeiro (RJ)			
127	UNB	Governança ambiental	Recursos energéticos					
128	UNB	Unidades de conservação - Brasil	Biodiversidade	Áreas protegidas				
129	UNB	Conservação animal	Ética ambiental	Extinção de espécies				
130	UNB	Recursos hídricos	sustentabilidade	Universidades e faculdades	educação - aspectos sociais			
131	UNB	Desenvolvimento agrícola	Sociabilidade	Agricultura familiar - aspectos econômicos				
132	UNB	Desmatamento - Amazônia	Governança ambiental	Política ambiental	Desmatamento - combate			

133	Unicamp	Sociologia ambiental	Política ambiental	Indentidade	São Paulo, Região Metropolitana de (SP) - Aspectos ambientais			
134	Unicamp	Solos	Políticas públicas	Governança	Relações internacionais	Conservação da natureza		
135	Unicamp	Etnoecologia	Pesca artesanal	Reservas extrativistas	Direito consuetudinario - Itaipu (Niteroi, RJ)			
136	Unicamp	Etnobiologia - Negro	Cultura	Natureza	Ecologia			
137	Unicamp	Meio ambiente	Vulnerabilidade ambiental	Identidade				
138	Unicamp	Biodiversidade - Conservação	Ecologia	Gestão do conhecimento	Projeto Biota			
139	Unicamp	Proteção ambiental	Reflorestamento	Floresta - Restauração	Gradiente Funcional			
140	Unicamp	Mudança social	Conservação da natureza	Reservas extrativistas - Amazônia				
141	Unicamp	Biodiversidade	Conservação da natureza	Ecologia Agrícola	Cerrado			
142	Unicamp	Áreas de conservação e recursos naturais	Conflitos sociais	Populações tradicionais				
143	Unicamp	Biodiesel	Sustentabilidade	Políticas Públicas	biocombustível			
144	Unicamp	Antropologia	Ecologia	Sociologia	Interdisciplinaridade			
145	Unicamp	Desenvolvimento - Aspectos ambientais	Impacto ambiental	Brasil - Aspectos ambientais				
146	Unicamp	Áreas de conservação de recursos naturais	Áreas protegidas	Biodiversidade - Conservação				
147	Unicamp	Etnoecologia	Quilombolas	Pesca artesanal				
148	Unicamp	Pesca artesanal	Ecologia Marinha	Recursos naturais				
149	Unicamp	Governança	Áreas de conservação de recursos naturais	Ecologia marinha	Proteção ambiental	Reserva natural		
150	Unicamp	Risco	Vulnerabilidade	Percepção de risco	Multiescala	Mudanças climáticas		
151	Unicamp	Pesca artesanal	Participação social					
152	Unicamp	Vulnerabilidade	Mudanças climáticas	Saúde Ambiental	Diarréia			
153	Unicamp	Recursos naturais	Biodiversidade Marinha	Pesca artesanal	Áreas de conservação			
154	Unicamp	Avaliação de riscos	Mudanças	Efeito estufa	Cidades e vilas -			

		ambientais	climáticas - Política governamental	(Atmosfera)	Brasil		
155	Unicamp	Vulnerabilidade	Mudanças ambientais globais	Conhecimento ecológico local	Pesca artesana		
156	Unicamp	Recuperação florestal	Solo - Uso	Mata Atlântica - Brasil			
157	Unicamp	DDT (Inseticida)	Comunicação de massa e meio ambiente	Análise do discurso	Análise de conteúdo (Comunicação)	Mídia	
158	Unicamp	Governança	Nascentes	Recursos naturais	Xingu, Rio (MT e PA) - Condições ambientais		
159	Unicamp	Turismo cultural	Ecoturismo	Peregrinos e peregrinações	Interpretação do patrimônio natural e cultural		
160	Unicamp	Plano Nacional sobre Mudança do Clima (Brasil)	Mudanças climáticas - Aspectos ambientais	Pecuaria	Adaptação (Biologia)		
161	Unicamp	Ecologia de restauração	Biodiversidade - Brasil, Sul	Cerrados - Brasil	Mata Atlantica - Aspectos ambientais		
162	Unicamp	Meio ambiente - Aspectos sociais	Recursos hídricos	Pecuária - Extrema (MG) - Aspectos sociais	Reflorestamento	Mata Atlântica - Conservação	
163	Unicamp	Manejo florestal	desenvolvimento sustentável	Recursos florestais			
164	Unicamp	Conflito social	Comunicação	Sustentabilidade	Copa do mundo (Brasil)		
165	Unicamp	Resiliencia	biodiesel	Dendê	Sistemas agroflorestais		
166	Unicamp	Camponeses	Sertão	mobilidade de pessoal			
167	Unicamp	Recursos hídricos	Pegada Hídrica (metodologia)	cana de açúcar			
168	Unicamp	Turismos	Historiografia	Teoria dos sistemas			
169	Unicamp	Dinâmica de vegetação	mapas de usos da terra	população			
170	USP	Governança da água	Participação	Gestão integrada de recursos hídricos.			
171	USP	Resíduos Sólidos Urbanos	Avaliação de Planos de Gestão Integrada.	Amazônia			
172	USP	crédito de carbono	custos de transação	Economia Institucional	Mecanismo de Desenvolvimento Limpo	mercado de carbono	
173	USP	Democracia	Diálogo	Educação Ambiental	Emancipação	Políticas públicas	

174	USP	Impactos à saúde	Avaliação integrada	Programa em saneamento	Saneamento Rural	Unidade de conservação de uso sustentável		
175	USP	Amazônia	Comunicação	Jornalismo alternativo	Meio ambiente	Questão ambiental amazônica		
176	USP	Drenagem e manejo de águas pluviais	Ensino da Engenharia Civil. Envolvimento público.	Gestão da água urbana	Técnico-científico e sociopolítico			
177	USP	Análise de Discurso	Coletivos Educadores	Educação Ambiental	Política Pública de Educação Ambiental			
178	USP	Resíduo Eletrônico	Universidade sustentável					
179	USP	ciência moderna	colonialismo cultural	conhecimento ecológico tradicional	Des-re-territorialização	manejo de recursos naturais		
180	USP	desenvolvimento sustentável	discursos ambientais	modernização ecológica	Zona Franca de Manaus			
181	USP	Meio Ambiente	Educação Ambiental	Aplicação das Normas Ambientais	Direito Ambiental			
182	USP	campo eletromagnético	Radiação não ionizante	sistemas de gerenciamento	campo eletromagnético			
183	USP	Ambientes urbanos	Educação ambiental	Políticas públicas	Revitalização de nascentes			
184	USP	Coletivos Educadores	Educação Ambiental	São José dos Campos (SP).	otência de Agir (Espinosa)			
185	USP	gestão ambiental-instrumentos.	inovação na regulação ambiental	políticas públicas-gestão ambiental				
186	USP	Expansão urbana	geoprocessamento	planejamento urbano	Região Metropolitana de São Paulo.	supressão de vegetação		
187	USP	bacia Amazônica	Gerenciamento integrado dos recursos hídrico compartilhados	solução pacífica de controvérsias				
188	USP	Jornalismo ambiental	Poluição ambiental	Resíduos sólidos	Sociologia ambiental			
189	USP	Aquífero Guarani	Aquíferos transfronteiriços	Cooperação internacional	Crise Hídrica	Direito internacional		
190	USP	Áreas de Mineração.	Cobre	Metais tóxicos	Remediação			
191	USP	Bancos	gestão da transição	inovação.	moedas complementares	sustentabilidade		
192	USP	Amazônia brasileira.	comportamento pró-ambiental	manejo comunitário	monitoramento e avaliação	produtos florestais não madeireiros	Reserva extrativista	

193	USP	agricultura familiar	corredores ecológicos	percepção	primatas	serviços ecossistêmicos		
194	USP	agricultura	Cerrado	Funcionamento dos ecossistemas	poluição por luz artificial	serviços ecossistêmicos		
195	USP	Rural	Urbanização	Ruralidade	Metropolização	Macrometrópole.		
196	USP	Mudanças climáticas	Governança multinível global	Paradiplomacia	Redes transnacionais	São Paulo		
197	USP	empresas	consumo de água	atores socioambientais	Pegada Hídrica			
198	USP	ameaça	Paisagem	Reserva Particular do Patrimônio Natural Sesc Pantanal	vulnerabilidade			
199	USP	Amazônia	Biodiversidade	Mudanças Climáticas	Políticas Públicas			
200	USP	Bacia hidrográfica dos Rios Sorocaba e Médio Tietê.	Gestão de recursos hídricos	Gestão de serviços de saneamento	Integração de políticas públicas			
201	USP	diversidade cultural	mudanças socioculturais	produção artesanal	transformações ambientais e territoriais			
202	USP	Análise do Desenvolvimento das Instituições	Aprendizagem Social	Governança da Água	Ciência Pós-normal			
203	USP	biodiversidade	gestão territorial	mudanças climáticas	sítios Ramsar			
204	USP	atividade agrícola	comprometimento ambiental	metodologia preditiva	preservação	reservatório	uso e ocupação	
205	INPE	Modelagem espacial	Determinantes socioambientais	Malária				
206	INPE	Inundação	Modelo SWAT	Mudança de uso e cobertura da terra			Pasto	
207	INPE	Sensoriamento Remoto da Atmosfera	Mudanças climáticas	Manguezal	Elevação do nível do mar	Modelo		
208	INPE	Desertificação	Estatística multivariada	Índice de vegetação	Modelagem de uso e cobertura da terra	Pecuária		
209	INPE	Análise espacial	Capacidade adaptativa	Gastos públicos	Transferências fiscais	Vulnerabilidade		
210	INPE	Savana brasileira	Emissão de gases de efeito estufa	Cenários	Desmatamento	Cerrado		
211	INPE	Heterogeneidade da paisagem	Floresta de terra firme	Modelagem de superfície terrestre	Modelo INLAND	Balancos à superfície		
212	INPE	Vulnerabilidades	Desastres ambientais	Mudanças climáticas	Deslizamento de terra	Serra do Mar		
213	INPE	Amazônia	Recursos extrativistas	Colonos	Ribeirinhos	Distúrbios na paisagem		

214	INPE	Serra do Mar	Topografia complexa	Briasas marítima e de montanha	Circulação local e regional			
215	INPE	Autenticação requerida pelo site (exigiu senha)	x	x	x	x		
216	INPE	Desastres naturais	Inundações	MHD-INPE	Itajaí- Açú			
217	INPE	Gelo marinho	Modelos Climáticos Acoplados	Mudanças Climáticas	Globais	Modelo Brasileiro do Sistema Terrestre,		
218	INPE	Hidrologia	Inundações	Modelagem	Dinâmica de vegetação	simulações oceânica global		
219	INPE	Modelagem de marés	Diagrama Espectral Taylor	MOM5	escala de tempo climática.			
220	INPE	Amazon deforestation	Land use modelling	Future scenarios				
221	INPE	Heterogeneidades	Uso da terra	Modelagem	Subgrade	Parametrização		
222	INPE	Recursos de uso comum	Acordos de Pesca	Amazonas				
223	INPE	Autenticação requerida pelo site (exigiu senha)						
224	INPE	Relações espécie-ambiente	Habitat essencial de peixes	Espécies ameaçadas				
225	INPE	Hidrologia	Modelagem hidrológica	Código florestal	Áreas de preservação permanente	Lei de topo de morro		
226	INPE	Amazônia legal brasileira	Degradação florestal	Análise multitemporal	Análise intra-regional.	Análise estadual		
227	INPE	Caatinga	Precipitação efetiva	Nitrogênio	Deposição atmosférica	Transferência de nutrientes		
228	INPE	Mudança climática	Modelagem regional	Vegetação dinâmica	Interação biosfera-atmosfera	Amazônia		
229	INPE	Relâmpagos	Raios	Descargas atmosféricas.	Sistema de alerta de raios	Sensores de campo elétrico atmosférico		
230	INPE	Milho	Previsão de safra	AquaCrop	Eta			
231	INPE	Análises de séries temporais	Programação dinâmica	Mineração de dados	Intensificação da agricultura	Desmatamento	degradação ambiental	
232	INPE	Sistema Terrestre	Conservação	Sistema Solo	Erosão.	Cana-de-açúcar.		
233	INPE	Pecuária bovina de corte	Análise do discurso.	Sustentabilidade	Segurança alimentar			
234	INPE	Bacia do Prata	Pantanal	Áreas alagadas	Mudanças climáticas	Impactos na agricultura		
235	INPE	Geoprocessamento	Modelagem	Resíduos sólidos	Impacto ambiental			

236	INPE	Vento por satélites	Modelo numérico	Previsão de tempo	Alta resolução		
237	INPE	Segurança alimentar e nutricional.	Mudanças ambientais globais	Produção de hortaliças	Olericultura		
238	INPE	Mapeamento de inundação	Altimetria Satelital	Hidrologia			
239	INPE	Carbono	Hidrodinâmica	Reservatórios de hidrelétricas	Modelagem		
240	INPE	Ventos extremos	Energia eólica	Distribuição de frequência	Análise de tendência	Análise de Cluster	
241	INPE	Fronteiras madeireiras	Degradação florestal	Processo			
242	INPE	Energia eólica	Modelo WRF	Previsão de vento	Modelagem atmosférica	Estimativa do vento	
243	INPE	Autenticação requerida pelo site (exigiu senha)					
244	INPE	Modelos de vegetação global dinâmica	Velocidade máxima de carboxilação (Vcmax)	Mineração de dados	Produtividade primária bruta (PPB)	Eficiência do uso da água (EUA)	
245	INPE	Amazônia	Friagem	Incursão de ar frio			
246	INPE	Autenticação requerida pelo site (exigiu senha)					
247	INPE	Bacia amazônica	Balanco de água	Modelos numéricos	Precipitação	Reanálises	
248	INPE	Descarga atmosférica nuvem-solo	Mecanismos dinâmicoclimáticos	Projeções Futuras	São Paulo.		
249	INPE	Compostos Orgânicos Voláteis Biogênicos	Observação e Modelagem	Capacidade Oxidativa			
250	INPE	Modelagem de precipitação	Aerossol de queimadas	Núcleos de condensação de nuvens	Aerossol de queimadas	Amazônia	
251	INPE	Cafeeiro Arábica	Produtividade	Mudanças climáticas			
252	INPE	Fatores ambientais	Floresta tropical úmida	Carbono	Biomassa acima do solo	REDD+	
253	INPE	Energia solar	Geração de energia elétrica	Usos múltiplos da água			
254	INPE	Desertificação	MEDALUS	Modelagem de uso da terra	Nordeste brasileiro	Semiárido	
255	ESALQ	Amazônia Legal	Assentamentos	Desmatamento	Justiça Participativa	Litígio Estratégico	
256	ESALQ	Diagnóstico ambiental	Estudos de impactos ambientais	Fragmentos de Mata Atlântica	Indicador ecológico	Paisagem agrícola	

257	ESALQ	<i>Sotalia guianensis</i>	Abundância	Análise de viabilidade populacional	Cetacea	VORTEX			
258	ESALQ	Avaliação de saúde	Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	Método de captura	Saúde animal			
259	ESALQ	Antimicrobianos	Bioquímica do sangue	Crocodilianos	Hematologia	Microbiologia			
260	ESALQ	Controle de plantas infestantes	Crescimento de espécies florestais	Envolvimento comunitário	Feijão guandu	Fertilidade do solo			
261	ESALQ	Coletivos Educadores	Educação ambiental	Institucionalização	Política do cotidiano	Políticas públicas			
262	ESALQ	Fósforo	Plantios de restauração	Qualidade do solo	Recuperação do solo	Sucessão florestal			
263	ESALQ	Ecologia microbiana do solo	Gases do efeito estufa	Mitigação	Mudanças climáticas	nosZ	pmoA	Qualidade do solo	
264	ESALQ	Área de vida	Estrutura Populacional	Ecologia	História Natural	Sigmodontinae			
265	ESALQ	Cricetidae	Diversidade	Morfometria	Rodentia	Sigmodontinae	América do Sul		
266	ESALQ	Conservação da agrobiodiversidade	Entografia multiespécies	Mandioca	Pataxó				
267	ESALQ	Agricultura familiar	Juventude rural	Serra de São Pedro					
268	ESALQ	<i>Mazama americana</i>	<i>Mazama nemorivaga</i>	cão farejador	coleópteros coprófagos	forésia	Jamari		
269	ESALQ	Agricultura familiar	Multifuncionalidade da agricultura	Políticas públicas	Produção de água	Serviços ambientais			
270	ESALQ	Oryzomyini	Rato d'água	Táxons nominais	Variação geográfica				
271	ESALQ	Agricultura familiar	Educação ambiental	<i>Euterpe edulis</i>	Identidade	Inclusão social	Palmitos		
272	ESALQ	Agricultura familiar	Bacia hidrográfica	Corumbataí	Meio ambiente	Paisagens agrícolas	Proteção ambiental	Recursos hídricos	Uso da terra
273	ESALQ	Ambiente	Análise do discurso	Comunicação	Mídia regional	Natureza			
274	ESALQ	Balanco de energia	Floresta tropical	Fluxos turbulentos de CO ₂	Preenchimento de falha de séries temporais	Produtividade líquida do ecossistema	Respiração do ecossistema		
275	ESALQ	Avicultura alternativa	Desenvolvimento sustentável	Frango livre de antibióticos	Multifuncionalidade da agricultura	Promotor de crescimento	Sistema agroalimentar localizado		
276	ESALQ	Agricultura	Gastronomia	História da alimentação	Indústria da alimentação	Restaurante	Sustentabilidade		
277	ESALQ	Castanha	Extrativismo	Multifuncionalidade da agricultura	Política florestal	Políticas públicas	Sustentabilidade		
278	ESALQ	Ditadura militar	Estereótipos turísticos	Mídia	Revista Veja				
279	ESALQ	Anura	Bioacústica	Comunidades	Diferenciação de nicho	Modelos nulos			
280	ESALQ	Análise de séries temporais	Carbono	Ecossistemas - Mata Atlântica	Micrometeorologia	Montanhas	Respiração vegetal	Topografia	

281	ESALQ	agricultura familiar	Assentamentos rurais	Multifuncionalidade	Reforma agrária			Vórtices dos gases
282	ESALQ	<i>Chelonia mydas</i>	CFPHV	Fibropapilomatose	Latência	mtDNA	Replicação viral	
283	ESALQ	Agricultura de corte e queima	Comunidades	Direito socioambiental	Modernidade	Pós-modernidade	Quilombos	
284	ESALQ	Clichê turístico	Comodificação	Ministério do Turismo	OMT	Revista Viagem e Turismo	Turismo	WTTC
285	ESALQ	Controle de erosão	Diques marginais	Espécies potenciais	Hábitos distintos	Restauração de margens de corpos hídricos		
286	ESALQ	Currículos e programas	Ecologia agrícola	Sustentabilidade	Universidade.			
287	ESALQ	Bem-estar	Comunidades tradicionais	Desenvolvimento local	Políticas públicas	Quilombos		
288	ESALQ	Amostragem	Chiroptera	Ecologia florestal	Inventário	Morcego	Populações animais	
289	ESALQ	Estrutura	Fragmentos florestais	Mata Atlântica	Nutrientes	Serapilheira		
290	ESALQ	<i>Leucoptera coffeella</i>	Cafeicultura ecológica	Diversidade biológica	Resistência	Sistemas agroecológicos	Sistemas agroflorestais	
291	ESALQ	Clorofila	Diatomáceas	Inventário florístico	Plataforma Continental Amazônica	Pluma		
292	ESALQ	Agricultura familiar	Amazônia	Aposentadoria rural	Desagrarização	Ecologia Humana	Renda familiar	Uso do solo
293	ESALQ	Diálogo de saberes	Governança	Organismos consultivos/gestores	Sistema Cantareira			
294	ESALQ	Áreas úmidas	Balanco de carbono	Desnitrificação	Fitoplâncton	Fixação biológica	Gás carbônico	Metano
295	ESALQ	Ecosistema	Filogenia	Isótopos estáveis	Mata Atlântica	Nitrogênio	Planícies costeiras	Precipitação
296	ESALQ	Ambientes antropizados	Área de vida	Crocodilianos	Isótopos estáveis			
297	ESALQ	Ecologia de populações	Macacos prego - Conservação	Mata Atlântica	Saúde animal			
298	ESALQ	Comunidades sustentáveis	Educação agroecológica	Extremo Sul da Bahia	Movimentos sociais			
299	ESALQ	Bacia hidrográfica - Amazônia	Biogeoquímica	Mato Grosso	Rio Cristalino			
300	ESALQ	Comensalidade	Comportamento alimentar	Práticas alimentares	Refeições familiares			
301	ESALQ	Brocas - Insetos nocivos	Cerambycidae	Chalcidoidea	Coleoptera	Hymenoptera	Reflorestamento	
302	ESALQ	Áreas de conservação	Biodiversidade	Ecologia agrícola	Gestão ambiental	Mata Atlântica	Sustentabilidade	
303	ESALQ	Cadeia alimentar	Carbono	Ecosistema aquático	Isótopos estáveis	Matéria Orgânica do solo	Nitrogênio	uso do solo

304	ESALQ	Eficácia	Estação Ecológica Jureia-Itatins	SNUC	Unidades de Conservação					
305	ESALQ	Amazônia	Biogeoquímica	Carbono	Ciclagem de nutrientes					
306	ESALQ	Fluxo de sedimentos	SWAT	Vazão						
307	ESALQ	Economia ecológica	Entropia	Gestão socioambiental	Modelagem	Sustentabilidade				
308	ESALQ	Biotecnologia moderna	Direito de propriedade	Ecologia política	Função socioambiental da propriedade	Pensamento abissal				
309	ESALQ	Avaliação emergética	Floresta tropical	Recuperação de áreas degradadas	Recursos renováveis	Sucessão ecológica	Valoração ecológica			
310	ESALQ	Bifenilas policlorada	Burst oxidativo	Citometria de fluxo	Fagocitose	Fibropapilomas	Tartaruga verde			
311	ESALQ	Ciclismo utilitário	Cicloativismo	Cultura de mobilidade	Gestão ambiental urbana	Mobilidade urbana	Qualidade de vida	Sustentabilidade ambiental		
312	ESALQ	Água	Bacias PCJ	Gestão de águas	Gestão de recursos hídricos	Governança das águas	Recursos hídricos	Singapura	Uso da água	
313	ESALQ	Agricultura Familiar	Aptidão Agrícola	Classificação	Produtividade					
314	ESALQ	Agricultores quilombolas	Agricultores quilombolas	Área de Proteção Ambiental	Hábitos alimentares	Mata atlântica	Reserva de Desenvolvimento sustentável			
315	ESALQ	Agroturismo	Multifuncionalidade da agricultura familiar	População tradicional remanescente de Quilombo	Reserva extrativista					
316	ESALQ	Citocromo b	DNA fecal	Ecologia molecular	Mata Atlântica	Mazama				
317	ESALQ	Efluentes	Organismos aquáticos	Resíduos	Solventes	Toxicologia				
318	ESALQ	Agroecologia	Crassostrea brasiliana	Populações tradicionais	Recursos pesqueiros	Reserva Extrativista	Sistemas agroflorestais			
319	ESALQ	Agroecossistemas tradicionais	Ecologia isotópica	Sistema agroalimentar	Uso dos recursos naturais					
320	ESALQ	Assentamento rural	Desmatamento	Mudança do uso da terra	Reforma agrária	Sensoriamento remoto				
321	ESALQ	Agricultura	Ecosistemas agrícolas	Inhame	Marcador Molecular					
322	ESALQ	Amazônia	Diversidade microbiana	Funções no solo	Mata Atlântica	Metagenômica				
323	ESALQ	Boas práticas agrícolas	Dinâmica de riachos	Florestas ripárias	Qualidade da água					
324	ESALQ	Alto Xingu	Comunicação de massa socioambiental	Mídia	Silenciamento	Soja				
325	ESALQ	Contaminação	Cromatografia	Morango	Quinoa	Resíduos de pesticidas em				

326	ESALQ	Bacia hidrográfica	Impactos ambientais	Licenciamento	Rio Formoso	plantas Território	Turismo - Aspectos socioambientais.		
-----	-------	--------------------	---------------------	---------------	-------------	-----------------------	--	--	--

Fonte: Autora (2008).